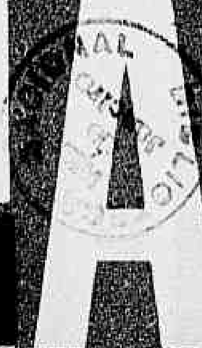
REVISTA DA SEMANA

N. 22 — 29-5-54 — Cr$ 5,00 em todo o Brasil





PAZ E GUERRA MARCAM PASSO EM GENEBRA

queno deposito, area com tanque e entrada de serviço independente. O predio tem apenas dois pavimentos. Aluguel: 430$000. (18820) 21

COPACABANA — Aluga-se o esplendido apartamento [redacted] do Edificio [redacted], á Praça Serzedelo Correia, [redacted], com 2 quartos, sala dupla, quarto de empregada e demais dependencias, com linda vista para o mar e montanhas, pelo aluguel de 550$000, inclusive taxas. Tratar na portaria. (29389) 21

... se ótima, com tres quartos, sala, hall quarto para empregada e demais dependencias. Ver á rua Gomes Carneiro 134, ... III, com ...

De quando será êste anúncio? Do século passado? Não: *é de 1939,* há quinze anos sòmente. Como êsse, liam-se dezenas de anúncios nos jornais. Apartamentos em Copacabana por quinhentos mil réis. Casas no Méier por trezentos. Bons tempos!

A cidade cresceu, horizontal e verticalmente, de maneira gigantesca. Não obstante as restrições havidas recentemente no suprimento de energia elétrica, ditadas por motivos de fôrça maior, êsse crescimento não estacionou por falta de energia. Sòmente nos últimos dez anos, mais de 200.000 novos consumidores residenciais foram atendidos, exigindo o planejamento e a construção, com grande antecedência, de complexa rêde distribuidora.

Para acompanhar êsse desenvolvimento surpreendente, bilhões de cruzeiros foram invertidos nos setores de produção, transmissão e distribuição de eletricidade.

A expansão de todos os serviços de utilidade pública das grandes cidades — transportes coletivos, energia elétrica, telefones, etc., requer contínua aplicação de capitais vultosos.

Sem rendas suficientes, êstes indispensáveis serviços não mais poderão acompanhar as cidades que se agigantam.



MEIO SÉCULO A SERVIÇO DO RIO DE JANEIRO

REVISTA DA SEMANA

ANO LI ★ Nº 22 ★ 29-5-54

SUMÁRIO

REPORTAGEM

Paz fria e guerra morna em Genebra ... 4/7
Ela toma conta do Papa ... 8/9
Renée Aboab era rainha em Maceió ... 11/15
Chamoun de sorriso sardônico ... 20/21
Noite de gala no Itamarati ... 22/23
Recife, entreposto de nordestino ... 28/29
O que vai acontecer em 54 ... 30/31
Décio Escobar escreve à Revista ... 36/37
Liana Duval, 100% atômica ... 40/41
As mulheres não perdem para os homens ... 45/47
Caracas no banco dos réus ... 48/49
O massacre do jornalista ... 52/56

SEÇÕES

Rádio ... 10
Por êsse mundo de Deus ... 16/17
Semana astrológica ... 18
Página dezenove ... 19
Plantão noturno ... 26/27
Femininas ... 32/35
Palavras cruzadas ... 42
Literatura ... 44
Champanhota ... 50
Cinema ... 51
A semana acabou assim ... 57
Último flash ... 58

HUMORISMO

O riso dos outros ... 24/25
Cuco ... 59

CAPA:
ROTRAND SCHRÖDER
(Foto Paulo Mumz)

● Redator chefe ... JOEL SILVEIRA
● Assistentes ... HÉLIO ABREU e LEON ELIACHAR
● Paginação ... VICTOR TAPAJÓS
● Publicidade ... J. M. COSTA JÚNIOR
S. L. GUIMARAES, A. MENDES,
S. SANT'ANA e A. NÓBREGA
● Desenho ... ALBERTO LIMA

A decana das revistas nacionais. Premiada com medalha de ouro na Exposição de Turim de 1911 e os Grandes Prêmios nas Exposições de Sevilha e Antuérpia, em 1939, e na Feira Internacional de São Paulo, em 1933. — Propriedade da

COMPANHIA EDITÔRA AMERICANA.

● Diretor ... GRATULIANO BRITO

ENDEREÇOS E TELEFONES

Rua Visconde de Maranguape, 15
Redação: 22-4447 — Publicidade: 22-9570 — Portaria: 22-5602 — Gerência: 22-8647 — Contabilidade: 22-2550

REPRESENTANTES

Na África Oriental Portuguêsa: D. Spanos, Caixa Postal, 434, Lourenço Marques. Em Portugal: Helena A. Lima, avenida Fontes Pereira de Melo, 34 2º distrito, Lisboa. No Uruguai: Moratório & Cia., Constituyente, 1746, Montevidéu. Na Argentina: Interprensa, Florida 299, telefone 32, Avenida 9509, Buenos Aires. Tem agentes em tôdas as localidades do território nacional.

EM SÃO PAULO

Distribuição: A. Zambardino — Rua Capitão Salomão, 69 — Telefone: 34-1569.

ASSINATURAS PARA O BRASIL E AMÉRICAS

Porte simples — Um ano ... Cr$ 250,00
Seis meses ... Cr$ 125,00
Registrada — Um ano ... Cr$ 280,00
Seis meses ... Cr$ 140,00

ASSINATURA PARA O EXTERIOR

Registrada — Um ano ... Cr$ 400,00
Seis meses ... Cr$ 200,00

O número avulso custa Cr$ 5,00 em todo o Brasil; atrasado, Cr$ 6,00.

Tôda correspondência deve ser endereçada ao Diretor. O corpo de colaboradores da REVISTA DA SEMANA está organizado. Só publicaremos colaboração solicitada pela redação. Não devolvemos originais, mesmo quando não publicados. Os trabalhos assinados são de responsabilidade dos autores. Êste número tem 60 páginas



A morte venceu o estanho e o amor

● O amor de Maria Isabel Patiño, a herdeira do «Rei do Estanho», era forte demais para se conter diante da proibição paterna, que não a queria ver casada com o jovem Goldsmith, filho mais velho de um milionário inglês, proprietário de uma das mais vastas cadeias de hotéis da Europa. O jovem par (ela, de 18 anos; êle, de 21) casou-se, há seis meses atrás, num romântico condado da Escócia. Casaram-se, vieram para Paris, para a lua de mel. Dois meses após, a reconciliação era feita, e o jovem Goldsmith era recebido no palácio de Patiño, em Neully. Mas menos de seis meses após o casamento que emocionou o mundo inteiro, a tragédia atinge mortalmente o jovem par: vítima de um derrame cerebral, Isabel Patiño, que se encontrava grávida, é levada para o hospital, onde sofreria uma dupla operação: no cérebro e uma outra, cesariana, para salvar a criança. A criança foi salva, mas sua jovem mãe, de apenas 19 anos, não resistiu aos padecimentos, e sucumbiu. Nunca a morte foi tão injusta e tão perversa. (Nas fotos, da U.P., Michael Goldsmith e Isabel Patiño Goldsmith na última fotografia em que apareceram juntos quando de sua chegada a Londres, após o casamento).



O Ocidente não se entende; o Oriente toma a ofensiva

CHURCHILL QUER SABER PRIMEIRO QUAIS OS RESULTADOS DE GENEBRA, BIDAULT E MOLOTOF SE NAMORAM E SE AGRIDEM E, DA ÍNDIA, NEHRÚ MANDA DIZER QUE ENTRE OS DOIS (ESTADOS UNIDOS E RÚSSIA) O SEU CORAÇÃO BALANÇA.

Fotos U.P. e KEYSTONE

AS ESTRÊLAS DA CONFERÊNCIA





MOLOTOV: «Eu sempre fui amigo da França». — BIDAULT: Tudo para salvar o que resta da Indochina. — DULLES: A Inglaterra e a Índia não se entusiasmaram com o seu plano para o Sudoeste asiático. — CHOU EN LAI: O mais fotografado de tôda a Conferência.







EM GENEB

O Leviatã que foi erguido em Genebra, poucos anos após a guerra, perpetuaria em mármore os sonhos de paz de Woodrow Wilson. Mas o ameno convívio entre as Nações, no majestoso palácio, não demorou muito. Em 1933, era o Japão que abandonava a antiga Sociedade das Nações; logo em seguida, Mussolini, atingido pelas sanções do bloco anglo-francês, também se despedia, cedendo o lugar ao plangente Negus, que lá fôra queixar-se de uma agressão que se fizera um fato consumado da política. E depois seria a vez da Rússia. Hitler, com o seu «liebensraum», tornara ainda



EBRA: PAZ FRIA E GUERRA MORNA

mais inócuas aquelas reuniões onde discussões teóricas e brilhantes torneios jurídicos tentavam, patèticamente, deter a marcha expansiva de uma política, a do nazismo e a do fascismo, que só acreditava na violência e na preponderância do mais forte sôbre o mais fraco. Em 1936, a SDN não tinha mais razão de ser. Em 1938, nas vésperas de Munique, o seu palácio está deserto. E durante todos os anos da guerra, êle adormeceu, entre os Alpes e os mansos lagos da sempre neutra Suíça, como o fantasmo de mil ideais extintos e de mil planos postos abaixo.

Depois, vitoriosos os aliados, a antiga sede da SDN passou ser a guarida de organismos culturais e filantrópicos — como a UNESCO e seus vários ramais apolíticos e humanitários. Parecia que os problemas que separam potências e acirram homens contra homens, não se fariam mais escutar entre aquelas paredes de mármore e de acústica sonora.

VOLTA À LUTA

Mas foi George Bidault, ministro do Exterior da França, quem sugeriu, nos derradeiros instantes da última conferência de Berlim, (que também fracassou), que as nações interessadas se reunissem quatro meses após, em Genebra (e quem diz Genebra, diz o palácio da SDN) para que fôssem resolvidas, de uma vez por tôdas, as várias questões asiáticas: paz definitiva para a Coréia, cessação das hostilidades na Indochina, demarcação de zonas de influência, etc. A proposta foi aceita. UNESCO e demais cederam as salas melhores. E o palácio sonhado por Wilson voltou a ser palco das contendas humanas, hoje ainda mais agrestes e mais difíceis do que nunca.

Em Genebra...





A VOZ DE CHOU EN LAI

Na hora em que é preciso enfrentar os jornalistas ocidentais, a delegação chinesa transfere todos os poderes para a senhora que se vê no flagrante acima. Trata-se de madame Kung Peng, doutora em leis, poliglota e pessoa de absoluta confiança de Chou En Lai. As línguas que mme. Peng fala melhor (além de chinês): russo, francês, inglês e alemão.



FOSTER DULLES e seus assessôres (ao alto) montam guarda aos representantes da Coréia do Sul. Ao lado: as senhoras dos três delegados ocidentais (Bidault, Dulles e Eden) vão às compras, em Genebra, enquanto os maridos se esfalfam na busca de uma paz cada vez mais impossível.

O LADO DE CÁ

Ao lado: Eden, chefe do Foreign Office», foi o primeiro presidente da Conferência de Genebra. Sua posição, no conclave, tem sido cautelosa e reticente. Na outra foto: Foster Dulles e Bidault aproveitam um intervalo nas sessões para uma «promenade» através um bucólico bosque dos arredores





Não é mais segrêdo para ninguém que as relações políticas entre os Estados Unidos e a Inglaterra vão sair bastante estremecidas da Conferência de Genebra. Abandonando a reunião quando ela ia na metade, Dulles profetizou o seu fracasso e, em conversa confidencial, culpou a posição dúbia da Grã Bretanha como um dos fatôres que levaram a êsse fracasso. Cauteloso, Churchill quer primeiro aguardar os resultados de Genebra para, então, opinar e intervir.

A INGLATERRA TIRA O CORPO FORA

Dezenove nações estão representadas na atual conferência de Genebra — mas são ainda os «quatro grandes», Estados Unidos, Rússia, Inglaterra e França — que a dominam. Cu, pelo menos, tentam dominá-la. Na verdade, o impasse na Suíça não está dando vantagem a ninguém, e talvez sòmente a Rússia, conseguindo levar a Genebra a China de Mao-Tse-Tung, o Vietmi de Ho Chi Min e a Coréa do Norte do general Nam, possa fingir-se de dona da festa. Quanto aos objetivos reais, políticos e militares, até agora nenhum dêles foi atingido: o «Pacto de Defesa do Sudeste Asiático», proposto por Dulles, foi rechaçado não sòmente pelos soviéticos e satélites, mas também pela Inglaterra, que não quer complicações nas colônias daquelas bandas, e por Nehru, que continua firme na sua política de «terceira fôrça», equidistante dos dois blocos que se enfrentam e se hostilizam.

Por outro lado, a cessação das hostilidades na Indochina parece, depois da queda de Dien Bien Phu, ainda mais remota, já que os exércitos de Ho Chi Min e do general Giap, beneficiados com as últimas vitórias, estão dispostos a apressar a conquista do que resta do Viet-Nam; e, após isso, o Cambodge e o Laos serão, certamente, os próximos objetivos. O outro tema da Agenda, o estabelecimento de uma paz definitiva para a Coréia, também não fêz qualquer progresso, enquanto mr. Churchill, convidado pelos norte-americanos a tomar uma posição ostensiva em face de todos êsses problemas asiáticos, respondé que «primeiro quer ver quais os resultados da Conferência de Genebra».

MOLOTOV POSA DE TALLEYRAND

Abandonando o conclave quando êle ia na metade, Foster Dulles deixou como «vedettes» da Conferência a Molotov Bidault e Chou En Lai. O sr. Eden, reticente conforme a atual política de Londres, não tem tido ocasião de intervir nos debates. Já o sr. Molotov, apresenta-



A VOZ DE HO CHI MIN

Ho Chi Min, o chefe do Vietmin, não compareceu pessoalmente à Conferência de Genebra; tão pouco o general Giap, comandante em chefe dos exércitos que estão lutando contra os franceses. Mas ambos mandaram um representante esperto e persistente, na pessoa do sr. Pham-Van Dong, recebido no aeroporto de Genebra por Chou En Lai e Gromiko.



Ao lado: Molotov e Gromiko montam guarda aos representantes da Coréia do Norte. Ao lado, o ministro das Relações Exteriores da URSS chega, em passo marcial, à sede da Conferência, o antigo palácio da Liga das Nações.



O LADO DE LÁ

Quinze dias após a sua inauguração, o conclave de Genebra chega a um ponto morto, e o seu fracasso, conforme já declarou Dulles, é inevitável. Resultado: haverá possibilidade de nova guerra, na Coréia, e continuarão as hostilidades na Indochina. À última hora declarou Eisenhower a determinação de os Estados Unidos levarem avante o Pacto de Defesa do Sudeste Asiático mesmo sem a Inglaterra.

se desta vez num jôgo duplo a la Talleyrand, jurando na véspera amôres pela França e, no dia seguinte, atacando-a violentamente por não querer Paris ceder as injunções dos comunistas de Ho Chi Min.

Tudo isso pode ser resumido se passando em revista os dias mais agudos da Conferência, aquêles compreendidos entre 4 e 19 dêste mês. Paralisada a Conferência no dia 4, por «completa incompatibilidade de pontos de vista entre Ocidente e Oriente», ela é reiniciada no dia 5, quando as consultas foram restabelecidas. No dia 6, os três representantes ocidentais, Dulles, Eden e Bidault, apresentam à Rússia um plano visando resolver, não só os problemas asiáticos, mas também a questão atômica. E no dia 7, primeiro dia das discussões sôbre o problema da Indochina, Bidault recebe um sério golpe: caiu Dien Bien Chu. Sórri o lado de lá; amargura-se o lado de cá. No dia 9, tôdas as proposições apresentadas pela França, sôbre a questão indochinesa, são rejeitadas pelos representantes de Ho Chi Min, a Rússia por detrás dêles. Por outro lado, é também rechaçada uma contra-proposta do Vietmin. (Em resumo: a França pede a retirada imediata das tropas comunistas da Indochina; o Vietmin, contrapondo, acha que os soldados franceses também se devem retirar). No dia 10 é a «bomba»: discursou Molotov negando direito às Nações Unidas de intervir no problema da Coréia e tratar de sua unificação. «O pacto de segurança do sudeste da Ásia, patrocinado pelos Estados Unidos, bem como o rearmamento da Alemanha, aumentam os riscos da 3ª guerra mundial», diz êle. Mas Dulles não o escuta: já voltou a Washington, no dia seguinte, falando através a televisão do seu país, declara que «fracassou a Conferência de Genebra». A semana seguinte se estira em discussões inoperantes, até que, no dia 19, o «impasse» vira obstáculo irremovível. Os comunistas rejeitam o plano estabelecendo que se deveria discutir em primeiro lugar o armistício em Laos e na Cambodia; e os franceses insistem na sua defesa. E o nó cego — e dificilmente êle será desatado.



Um flagrante do plenário, vendo-se, a partir da direita para a esquerda: Bidault, a representação da Coréia do Norte e os delegados do Viet Min. O início das conversações acêrca da guerra da Indochina teve lugar num dia trágico para a França, que acabava de receber a notícia da queda de Dien Bien Phu. Nesta mesma tarde, no salão nobre do hotel onde estão hospedados, os representantes de Ho Chi Min ofereceram um «whisky» congratulatório. Molotov foi.



ELA TOMA CONTA DO PAPA

Madre Pasqualina Beaner é, há 37 anos, a camareira de Pio XII, a quem assiste com o desvêlo de uma sombra fiel e escondida

NA primeira semana de fevereiro último, quando mais crítica se mostrava a periclitante saúde de S. Santidade Pio XII, madre Pasqualina Lehnert, numa de suas afanosas idas e vindas pelas dependências privadas do apartamento papal, tropeçou e fraturou um dos ossos do pé direito. Mas, embora os médicos lhe recomendassem repouso absoluto, obrigando-a a recolher-se ao leito, madre Pasqualina encontrou meios de burlar as ordens dos doutores, e dois dias após era vista novamente, numa cadeira de rodas, procurando servir o Papa doente, vigiando de perto para que nada pudesse faltar ao Sumo Pontífice. Sua dedicação é comovente; e sòmente uma fôrça muito poderosa, como aquela que, em fevereiro último imobilizou-a por alguns instantes, poderia afastá-la dos cuidados que há mais de trinta anos ela mantém em tôrno da pessoa de S. Santidade, da qual é ao mesmo tempo camareira e quase uma espécie de secretário privada.

● A GUERRA (de 1914) DEBILITOU PACELLI — Eugênio Pacelli conheceu madre Pasqualina há trinta e sete anos atrás, quando, a conselho médico, fôra repousar por algum tempo no convento da Ordem de Menzingen, no mais salubre ponto da Baviera. Madre Pasqualina, recém-ingressa no convento, fôra designada para atender ao debilitado monsenhor da Secretaria de Estado do Vaticano, cuja saúde se exaurira nas labutas que, durante a primeira Guerra Mundial, Eugênio Pacelli, então Núncio Apostólico em Munique, tivera que desenvolver. Durante dois anos seguidos, de princípios e meados de 1916 a meados de 1918, o representante de Benedito XIV tentara por todos os meios livrar o Kaizer da arriscada emprêsa a que se arriscara, propondo-lhe seguida e obstinadamente se conformasse com uma paz honrosa. Tais demarches levaram, muitas vêzes, ao acirramento das paixões locais contra monsenhor Pacelli, animosidade que culminou, nas vésperas do fim da guerra, com a invasão da Nunciatura, em Munique, por parte de elementos exaltados. A turba, após ter depredado dependências da Nunciatura, forçaram o gabinete do Núncio Pacelli e tentaram agredi-lo. Calmo e imperativo, Eugênio Pacelli desarmou os exaltados com esta frase:

— Saibam os senhores que é muito perigoso assassinar um diplomata.

● O «ANJO APOSTÓLICO» — Tais dias, tão turbulentos e perigosos, comprometeram sèriamente a saúde de mons. Eugênio Pacelli. Mas no convento da Baviera, numa atmosfera de tranqüilidade bucólica e assistido devotadamente por madre Pasqualina, logo as condições físicas do futuro Papa voltaram à normalidade. Deixando o convento, monsenhor Pacelli levava consigo, como camareira, aquela à qual tanto devera a reconquista de sua saúde. Há quase quarenta anos, portanto, que madre Pasqualina Lehnert serve a Eugênio Pacelli e o vem acompanhando através das culminâncias de um apostolado que terminou na cadeira de São Pedro. No Vaticano, chamam-no de «o anjo apostólico». Madre Pasqualina, apesar de tão requestada por todos que almejam um contacto mais íntimo com S. Santidade, é modesta, quase tímida, preocupada apenas com o seu dever: o dever de servir ao Papa e tornar a sua existência privada a mais cômoda possível.

A foto que estampamos nesta página é um documento valioso: trata-se, efetivamente, da única fotografia que se conhece do «anjo apostólico», e foi tirada há quatro anos por um sacerdote do Vaticano, «doublé» de fotógrafo amador.



Há quinze dias atrás Pio XII reapareceu aos seus fiéis após a séria enfermidade que foi vítima.

Carta a um diretor artístico

MARIA HELENA DE AGUIAR

● **Senhor diretor: êsse que aí vai é uma pessoa direita. Não o faça esperar na sala, não o cozinhe em água morna, não diga que êle passe amanhã. Eu sei que o senhor é ocupado demais e que o seu tempo é bem pouco, mas, êsse que aí está é um homem sério e de grande respeito. Não o trate com indiferença; dê-lhe uma cadeira e, se possível, a melhor da sala. Se mandar vir um café, será uma atitude cortez, que o moço irá apreciar. Depois, converse. Pergunte o que êle sabe cantar, as viagens que fêz, onde foi seu maior sucesso e qual a sua melhor lembrança de glória. Êle dirá histórias bonitas que v. s., com tôda certeza, ainda não ouviu de ninguém. Agora, mande chamar o pianista — o melhor da casa — e vão os três para o estúdio. Mande ligar o microfone e, do vidro, ouça o moço cantar. O senhor vai ouvir uma pessoa cantando realmente bem, com classe e personalidade. Dê voltas em seu repertório. Peça canções francesas, música americana — êle sabe também alguns «spirituals», do repertório de Marian Anderson. Êle também cantará boleros e rumbas. Senhor diretor artístico, quem lhe escreve não é uma pessoa boba e desavisada, dessas que dizem uma coisa pela outra. O portador desta carta é Louis Cole, cantor do Vogue, um artista internacional. Contrate-o, coloque-o no melhor programa de sua emissora.**

E aqui, com gratidão, cumprimento-o.

A QUE SE VESTE BEM



Marlene Bonaiute Delfino, «estrêla» do rádio e do teatro, é a cantora que melhor se veste, no Brasil. Quando estêve em Paris, há uns três ou quatro anos, seu guarda-roupa chamou atenção, a ponto de provocar entrevistas e telegramas internacionais. Agora mesmo, na noite da inauguração do novo auditório da Nacional de São Paulo, apareceu em cena com um lindo vestido de noite amarelo, que chamou a atenção da sociedade paulista presente ao espetáculo. Só pela roupa, recebeu uns 5 minutos de palmas ininterruptas. Depois é que conseguiu cantar.

COCHILO

● Durante a transmissão esportiva do Campeonato Sul Americano de Remo, um locutor da Continental cometeu um pequeno engano. Falou na «**luzidia** embaixada uruguaia», quando, certamente, queria falar na «luzida embaixada uruguaia». **Luzidia**, se não estou enganada, quer dizer nítida ou, então, no sentido de lustrada através de polimento e lustro. **Luzidia** pode ser, por exemplo, uma superfície de vidro. Se se quiser atribuir a essa palavra a significação de **brilhante**, será o **brilhante** que realmente brilha aos olhos e não o brilho convencional, de inteligência, beleza, glória, etc. **Luzida** sim. Quer dizer: pomposo, vistoso, que chama atenção por qualidades positivas. As pessoas autorizadas a falar de improviso ao microfone devem tomar certos cuidados, porque, de uma maneira ou de outra, estão ensinando. E não é justo que se ensine errado a um público que aprende com facilidade.

NOTÍCIAS DE SÃO PAULO

● Corte geral na Cultura. Agora é só disco. Que continuem sendo bem escolhidos, são os nossos votos ★ Inauguração festiva do auditório da Nacional, o melhor e mais montado da capital bandeirante. A programação de estréia foi de primeira ordem ★ Palavras de Nélio Pinheiro, numa mesa de café: «A Nacional veio dar muito impulso ao rádio paulista; agora, as outras estão fazendo mais «broadcasting». Não quero outra, porém. Prefiro a minha sossegada estação de rádio-teatro» ★ Os programas de Ribeiro Filho, na TV Tupi, são sempre bem encenados ★ O senhor Paulo Machado de Carvalho ainda não está satisfeito com o rendimento artístico da TV da Record. Mas, não é homem de cruzar os braços e deixar o barco andar ao vento. Promete consertar tudo em três meses ★ Luís Ramos, uma das melhores cabeças da Nacional, disse que só fará a sua televisão quando os erros dos outros o ensinarem a acertar todo dia ★ Dizem que, depois da cena de pugilato entre os deputados Sayon e Lino de Matos, ante as câmaras da TV Paulista, o senhor Raul Guastini disse num bar: «êsse programa foi produzido por mim». E algumas pessoas mais íntimas do inefável Guastini (antes de mais nada, «ch\ mant») disseram que o maior desejo dêsse Raul era botar a briga no vídeo. Conseguiu. Grande programa! ★ Continua enfêrmo Lourenço Amadeu. Votos de pronto restabelecimento ★ No clubinho, sambas de Paulo Vanzolini. Em volta, mulheres e homens inebriados. Paulo Vanzolini é, todavia, fraco de samba.



TRIO NAGÔ — vozes do Ceará, com um repertório cearense. Nunca surgiu, até hoje, nada tão bom em matéria de conjunto vocal. A vida dêsses três rapazes é viajar, porque não chegam para quem os quer. Voam cêrca de três ou quatro vêzes por semana. O melhor número do seu repertório é «Aquarela Cearense». No Rio, são atração da Nacional e da Mayrink. Sugestão: que tal um repertório de canções românticas para 1954?

ESTA LETRA SERÁ BOA MESMO?

● Na hora em que esta crítica estiver ante vossos olhos, o samba «Ocultei», gravação de Elizete Cardoso, talvez seja o maior sucesso popular nacional. É que a música é muito bonita. Bonita demais. Tão bonita, que levará as pessoas de melhor gôsto a cantá-la, perdoando as palavras, fechando os olhos para as suas impropriedades. Estamos nos batendo pelas boas letras. É necessário que haja poesia na canção popular do Brasil . . . poesia e não mau gôsto. O letrista tem que ser um poeta, porque o seu verso, levado em música, vai contaminar o povo. E, se fôr um mau verso, vai enganar, mutilar, a sensibilidade do ouvinte. Aqui estão os versos de «Ocultei». Não seremos rigorosos. Sublinharemos dois ou três versos, para comentá-los no final:

"Ocultei
Um sofrimento de morte
Temendo a sorte
Do grande amor que te dei.
Procurei
Não relembrar nossa vida
Que era florida
Como a princípio sonhei.

Hoje, porém, abri as portas do destino
Mandei andar o amor
UM MERO CLANDESTINO
Encerrei um episódio funesto
Agora, detesto
Aquêle a quem tanto amei.
O meu mais ardente desejo
Que Deus me perdoe o pecado
E' QUE OUTRA MULHER AO TEU LADO
TE MATE NA HORA DO BEIJO.

Primeiro reparo: não se usam, em poesia, palavras de dois sentidos, quando um é ridículo, prosaico ou apoético. A palavra tem que ser bonita. **Mero**, como nós sabemos, é também um peixe lorpa, de bôca muito grande e **clandestino** é a coisa secreta, recôndita, ilegal. Ora, o autor compara — talvez sem ter notado — o seu amor (que devia ser lindo até à morte) a um **mero** que, além de **mero**, é fora da lei. Segundo reparo: **que outra mulher, ao teu lado, te mate na hora do beijo**. Estamos diante de uma imagem literária. Mas, de uma imagem grosseira. O verso conta dois dramas: um (o mais sério) a mulher sufoca o homem, com a violência do seu beijo; outro (o menos sério e o mais provável): a mulher mata o homem pelo mau hálito. Não há outra significação e vamos convir que ambas as sugestões são de um mau gôsto horrível. Não é assim que se faz letra de samba. Não é assim que se faz bem à música brasileira. É preciso ser-se delicado. É imperioso que se faça da **beleza** uma linha constante, do comêço ao fim da letra.

BOM DE BICO

● **Segundo informações do compositor Paulo Soledade, Túlio de Lemos comeu, num almôço em casa de Sílvio Caldas, em presença de vários jornalistas, o seguinte desfile: 3 pratos fundos de macarrão com carne, um prato de feijoada (claro que fundo), 1 prato fundo de carne ensopada com abóbora, 1 prato de sopa de legumes (fêz questão de deixar a sopa para o quase final), 1 prato fundo de carne da sopa, com arroz, 1 linguiça grande, tendo encerrado com 10 laranjas. Em seguida, levantou-se, lépido e fagueiro, foi ensaiar seu programa de TV. Diz Paulinho que o engraçado era ouvir o Túlio tratar a comida com um carinho fabuloso. Tudo no diminutivo: carninha, arrozinho, feijãozinho e sopinha.**

Renée Aboab era (em Maceió) rica, rainha e feliz



Graves revelações (feitas em vida pela própria vítima) comprometem a pessoa de Johan Beck ★ Exigiu da espôsa 350 mil cruzeiros para industrializar um invento ★ Mistério em tôrno de um amigo que levou para dormir no apartamento 1009 ★ Um chamado misterioso a São Paulo ★ Renée, em carta à sua mãe: «Johan ainda não fêz a operação, anda muito nervoso e quer deixar todos os negócios».

Reportagem de ROGACIANO LEITE, enviado especial da REVISTA DA SEMANA

Fotos de ALBERTO STUKERT e do Álbum de Família da morta

O DESTINO NUNCA DIZ AONDE VAI

● O pai de Renée Aboab descendia de espanhóis radicados no Marrocos Francês, nasceu na Turquia, formou-se na Tunísia, casou (com uma inglêsa) no Canadá, residiu na Bretanha, negociou em Bolsa de Paris, naturalizou-se brasileiro e faleceu em Maceió. Renée chegou ao Brasil com 18 meses de idade, estudou num colégio de freiras, formou-se professôra normal aos 17 anos incompletos, tocava piano, pintava, cantava opereta, representava no teatro, praticava esportes, sabia inglês e francês, quis ser enfermeira das tropas aliadas, casou com um polonês nazista e acabou sendo bàrbaramente estrangulada em seu apartamento 1009 do Edifício Casanova, em Copacabana, na noite 21/22 de abril p.p. Vários suspeitos foram detidos e interrogados, conseguindo entretanto provar a sua inocência. As investigações voltaram à estaca zero, recaindo as maiores suspeitas sôbre Johan Beck, marido da vítima. Mas o «álibi» de Beck continua intacto.

O trágico fim de Renée repercutiu dolorosamente em Maceió, onde aquela senhora era bastante estimada — não sòmente por ser filha de pais ricos e queridos de todos, mas também pela sua cultura, requinte de espírito e fino trato social. Colegas e contemporâneos seus escrevem nos jornais comovedoras crônicas, nas quais estranham o noticiário da imprensa carioca, pois em Alagoas Renée teve uma vida regular e sempre se impôs no conceito das melhores famílias. Os próprios parentes da vítima afirmam desconhecer a vida livre que Renée estaria levando no Rio.

QUEM SÃO OS PAIS DE RENÉE

Nesta reportagem há muita coisa que ainda não foi dita e que poderá concorrer para elucidar o mistério em tôrno do bárbaro crime. O pai de Renée, sr. Emile Aboab descendia de espanhóis radicados no Marrocos Francês, porém nasceu em Constantinopla (Turquia). Formou-se em agronomia, na Tunísia, e aos 24 anos de idade foi para o Candá, onde conheceu Beatrice White (natural de Noottingham, Inglaterra) que ali se encontrava morando em

Renée Aboab era...

companhia de um tio. Logo após o casamento, em 1909, êle com 24 e ela com 19 anos, o casal seguiu o itinerário Chicago-Boston-Nova York-Marselha-Paris, indo residir em Rennes, na Bretanha. Aí nasceram Clair e Renée. Esta, em 2-1-1914.

NATURALIZOU-SE BRASILEIRO

No mesmo ano de casado, o sr. Emile deixou a espôsa em Rennes e veio para Belém do Pará, onde abriu uma casa de negócios. Visitava anualmente a família até que, mais tarde, fixando-se definitivamente em Maceió, mandou buscar a espôsa e filhas, que ali chegaram em 1915. Renée tinha apenas 16 meses de idade. Em 1922, já de posse de sólidas economias, visitou Noothingham e Paris. Apenas 7 meses entre a ida e o regresso a Maceió. No ano seguinte (1923) Emile Aboab naturalizou-se brasileiro. Em 1936 casou-se d. Clair com o sr. Luís Calheiros Júnior, alto comerciante e pertencente a tradicional família alagoana. Êsse acontecimento vinculou cada vez mais os Aboab a Maceió, onde sempre gozaram de posição privilegiada.

RENÉE, EM ALAGOAS

Renée sempre foi uma criatura inteligente e aplicada aos livros. Fêz os primeiros estudos no Colégio Santíssimo Sacramento (dirigido por freiras) e formou-se professôra normal aos 17 anos incompletos. Alegre e comunicativa, com acentuado pendor para as artes, era figura indispensável nas rodas elegantes e nas festas artísticas de Maceió. Tocava piano, pintava, cantava opereta e representava no teatro. Praticava esportes e fazia parte do Clube Regatas Brasil.

QUIS SER ENFERMEIRA DAS TROPAS ALIADAS

Durante a última guerra e após ter feito um curso de enfermeira, assumindo, em seguida, a chefia de sua turma, Renée quis seguir para a Europa, a fim de prestar serviços às tropas aliadas. Sua mãe não lh'o permitiu. Enquanto os marujos americanos permaneceram em Maceió, Renée, que possuía uma Casa de Chá, organizava as festas do Clube USO e era muito estimada pelo contingente naval americano ali sediado. Talvez essa a razão das fotografias de marinheiros ianques encontradas em seu apartamento.

VEIO BUSCAR A MORTE NO RIO

Em 1947 Renée trocou Maceió pelo Rio de Janeiro, onde o destino — demolidor silencioso — cavaria, mais tarde, o pedestal de sua vida. Como tradutora de inglês e francês, trabalhou sucessivamente nas seguintes firmas: Carrier Engenharia Brasileira S.A., Indústrias Químicas Brasileiras «Duperial», City Bank of New York e finalmente na Fox Film do Brasil. Neste último emprêgo percebia Cr$ 6.500,00 por mês e, além de ganhar algum dinheiro costurando para uma freguesia constituída principalmente de estrangeiros, recebia da família, desde que saíu de Maceió, um auxílio mensal de Cr$ 2.500,00. Fazia, portanto, u'a médid de Cr$ 10.000,00 — o suficiente para viver mais ou menos, pois a êsse tempo já possuía apartamento próprio.

NOIVADO INESPERADO

Corria normalmente a vida de Renée quando lhe aparece um polonês chamado Johan Beck, 14 anos mais moço do que ela, imigrante sem profissão definida e cujos pais, por havesem prestado serviços ao nazismo, experimentaram a vida num campo de concentração durante a última guerra. Nasce entre a francesa e o polonês um romance amoroso e Renée escreve à família dizendo que vai casar. A família manda os parabéns e pede a Renée um retrato do noivo. Ela, porém, resolve levar o próprio «original», o que faz em 22-6-52.

O NOIVO NÃO AGRADOU

«Eu não suportava aquêle homem. A cara dêle me causava repulsa. Logo que o vi descer do avião eu senti um trágico pressentimento que me tomou dos pés à cabeça. Fiquei hor-



EM MACEIÓ, d. Beatrice (mãe de Renée Aboab) conta ao repórter da REVISTA DA SEMANA o drama por que vem passando após a morte de sua filha. Ao lado, d. Clair Aboab Calheiros e mademoiselle Eugeni Ferret, professôra (particular, de francês de Renée), todos conhecidos em Maceió.

COMEÇA (COMO NO SACOPÃ) O DESFILE DOS SUSPEITOS



JOHAN BECK



ALESSANDRO MARCHESI



CONSTANTIN TAKZENKO



VINCENZO GUIDACE

As fotos acima estampadas são dos principais suspeitos que a polícia do Segundo Distrito deteve e interrogou como prováveis autores do bárbaro assassinato de Renée Aboab. Todos êles, menos Johan Beck (o 1º, após longo interrogatório, conseguiram provar a sua inocência).

rorizada e perguntei a mim mesma: Meu Deus do Céu; será aquêle o noivo de Renée? Meu coração dizia que aquêle homem faria a desgraça de minha filha», disse ao repórter a mãe da assassinada. E prosseguiu:

«Durante o tempo em que ambos estiveram em Maceió, eu fiz o possível para que Renée não notasse o asco que seu noivo me causava. Ainda assim, ela o percebeu. Entretanto não lhe pedi que desmanchasse o noivado. Essa resolução caberia a ela. Daí por diante nunca mais tive sossêgo. E' tanto que quando soube da notícia, eu pus as mãos na cabeça e disse, automàticamente: Aquêle mostro matou minha filha!»

VERDADEIRO CAÇA-DOTES

«Durante o tempo em que estêve em nossa casa, o noivo de Renée não fazia outra coisa senão beber uísque, botar discos na vitrola e dizer pilhérias. Nem sequer nos falou de seus planos com Renée. Entretanto passou em revista todos os bens do sr. Emile, e também os meus, e certamente os transferiu em pensamento para o sul do país, julgando que as nossas casas comerciais representariam, no Rio ou em São Paulo, uma grande fortuna. Em síntese: era um refinado malandro e caçador de dotes. Seu único interêsse era receber futuramente a herança que caberia a Renée», afirmou o sr. Luís Calheiros Júnior, cunhado da vítima.

NÃO SAÍA COM A NOIVA

Interfere d. Clair, a irmã de Renée:

«Nós estranhamos bastante a completa ausência de carinhos com que êle tratava minha irmã. Quase não saía com ela; e quando o fazia, nem sequer lhe dava o braço; Pareciam dois estranhos. Êle só andava de roupa esporte e não se preocupava de modo algum com a péssima impressão que pudesse causar. Logo no 2º dia de sua chegada êle dizia abertamente que estava «cheio» de Maceió, que isso não era terra de gente. Chegaram a 22 e voltaram a 29».

ROMPIMENTO

Após regressar ao Rio e tendo percebido que ninguém de sua família gostara de Johan, Renée escreveu aos seus dizendo que podiam ficar tranqüilos. Acabara definitivamente o seu compromisso com o polonês. E tudo fêz crer que assim houvesse acontecido, porquanto nunca mais tocou no assunto em suas cartas posteriores.

A HERANÇA

Em 10-10-52 falece em Maceió o sr. Aboab. Renée vai passar um mês em companhia dos seus e reafirma que Johan é um nome apagado no seu «carnet». «Vocês podem ficar inteiramente sossegados», disse a todos da família. Feito o inventário, coube-lhe em dinheiro (naturalmente ficou muita coisa por fora), a importância de Cr$ 284.899,20. Como o seu maior desejo era comprar um apartamento no Rio,



O casal Emile-Beatrice Aboab em companhia de Clair e Renée (a menorzinha) pouco depois de chegarem ao Brasil há quarenta anos atrás.

onde pudesse viver independente e costurar para uma boa freguesia, sua mãe lhe deu mais 120 mil cruzeiros para a compra do apartamento 1009 do Edifício Casanova, escolhido pela própria Renée. O sr. Luís Calheiros Júnior foi quem tratou de tudo, tendo êsse imóvel custado rigorosamente Cr$ 362.000,00.

JOHAN INSISTE EM CASAR COM RENÉE

Depois que Renée recebeu a herança e o apartamento, estêve em Maceió a srta. Helena Calheiros, amiga íntima de Renée e com a qual morara no Rio durante algum tempo. Receosa de que a filha não houvesse rompido definitivamente o noivado, d. Beatriz indaga pelo assunto. Helena responde que Renée não quer nem ver Johan na sua frente. Êle é que vive «dando em cima», insistindo, dizendo que ela é a mulher ideal, que quer casar de qualquer maneira.

A GRANDE SURPRÊSA

Em janeiro do corrente ano René estêve em Maceió durante uma semana e falou de tudo, menos de Johan Beck. Isso era assunto encerrado. Acontece que, 17 dias depois de regressar ao Rio (não se sabe por quê), Renée se casa em Nova Iguaçu (22-1-54) e manda para sua mãe uma cópia fotostática da certidão de casamento, em cujo rodapé se lê a significativa observação: **Casados no regime da comunhão de bens.**

EXIGIU 350 MIL CRUZEIROS DA ESPÔSA

Contou-nos o seguinte o sr. Luís Calheiros Júnior:

«No dia 19 de fevereiro dêste ano eu estive no apartamento de Renée ela me contou que há poucos dias Johan a havia chamado a São Paulo com a maior urgência. Motivo: um seu amigo (de Johan) havia inventado um aparelho de dar massagens e que cada unidade do mesmo poderia ser fabricado por apenas Cr$ 1.700,00 e vendida ao preço de Cr$ 5.000,00. Por isso precisava que ela lhe arranjasse prontamente a importância de 350 mil cruzeiros para iniciar o negócio — que era o mais vantajoso possível. Quando Renée me contou isso —

A FELICIDADE PROVINCIANA NÃO PRENUNCIAVA A



Sob flores e entre amigas Renée sorria em Maceió...



... onde praticava esportes no Clube Regatas Brasil...



... e respirava a suave brisa das praias alagoanas...

acentua o nosso confidente — eu lhe ponderei: Você logo não está vendo, Renée, que num centro industrial como São Paulo faltaria quem se associasse interessadamente a um negócio de tão vantajosas proporções? Tenha cuidado, Renée, que essa história está mal contada!»

«Resta agora que a polícia obrigue Johan Beck a provar a existência dêsse invento e dêsse inventor», disse o cunhado de Renée.

NOVO CHAMADO (ESQUISITO) A S. PAULO

Em Maceió a srta. Maria Amália Gomes de Barros, pessoa digna da maior fé, contou ao repórter que estivera no Rio em março do corrente ano e falara diversas vêzes com Renée. Numa dessas vêzes Renée lhe confidenciou que no dia 7 de março seu marido lhe telefonara de São Paulo, chamando-a com a maior urgência. Pensando tratar-se de alguma coisa muito grave, Renée tomou o avião, quase sem dinheiro, e seguiu. Encontrou fechado o apartamento de Johan e ninguém ali soube informar o seu paradeiro. Renée saiu a procurar seu marido por tôda parte e, finalmente, depois de gastar Cr$ 300,00 de táxi, conseguiu encontrá-lo no interior de um prédio em construção. Ao vê-la, Johan se mostrou muito nervoso e aborrecido, afirmando ser proibida a entrada de mulheres naquele recinto, perguntando, em seguida, o que Renée tinha ido fazer em S. Paulo. Afirmou que não lhe havia telefonado e disse-lhe que daquele dia em diante só atendesse a chamado seu se fôsse por escrito.

«Eu voltei para o Rio — disse Renée à sua amiga — e ainda hoje estou por saber quem me telefonou dizendo-se Johan».

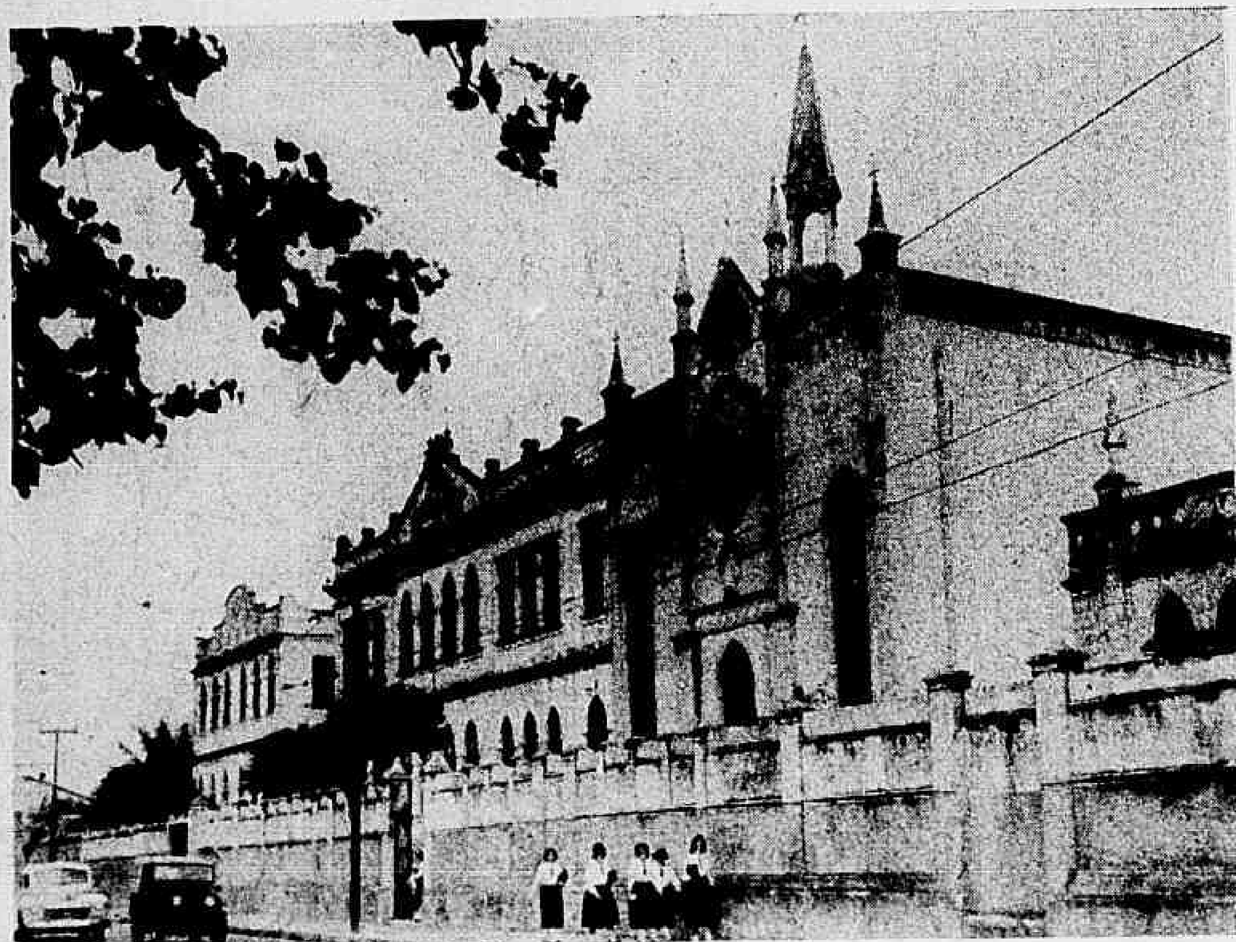
Em outra ocasião, confidenciou Renée a Maria Amália que Johan gostava muito da farra e sempre chegava em casa fora de hora. Acrescentou que às 2 horas do dia 14 de março seu marido chegara de São Paulo sem avisar e lhe pregara um susto medonho, entrando inesperadamente no quarto de dormir.

«No dia seguinte — disse Renée à sua amiga — eu convidei Johan para almoçarmos fora, visto ser um domingo e não estar em casa a empregada. Ao invés de almoçar fora, êle preferiu que eu fôsse comprar o almôço. Quando voltei do restaurante encontrei-o vestindo-se apressadamente e perguntei-lhe se não ficava para almoçar. Êle respondeu que havia recebido um telefonema de um amigo (no apartamento não havia telefone) com o qual precisava tratar de um negócio naquele mesmo instante. Saiu e sòmente retornou na madrugada seguinte. Entrou no quarto e disse que havia trazido um amigo para dormir. Não deixou que eu me levantasse, dizendo que êle próprio cuidaria da acomodação do amigo. Perguntou se havia alguma coisa que comer e eu respondi que seu almôço estava guardado. Johan ficou lá com o seu amigo e eu tratei de dormir. No dia seguinte, bem cedinho, ambos haviam-se retirado. E ainda hoje eu não sei quem era êsse amigo de Johan», concluiu Renée.

JOHAN ANDAVA MUITO NERVOSO

Em suas últimas cartas à sua família, Renée informou que Johan ùltimamente vinha insistindo muito para que ela fôsse morar em São Paulo. Sua mãe lhe ponderou. «Se v. tem o seu emprêgo e o seu apartamento aí no Rio, por que razão ir morar em São Paulo? Então, por que seu marido não se transfere para o Rio?» Posteriormente Renée respondeu que Johan viria para o Rio, aliás operar-se em Nova Iguaçu, o que ela própria achava esquisito, uma vez que «no Rio há tantos hospitais e muito mais facilidade».

Na sua última carta (14-4-54) dizia Renée à sua mãe: «Johan ainda não fêz a operação; anda muito nervoso e quer deixar todos os negócios. Essas palavras estavam assinaladas por dois pontos horizontais que, em inglês, servem para chamar a atenção. D. Beatrice confessou ao repórter: Quando eu vi essas palavras assinaladas compreendi que se passava alguma



Colégio Santíssimo Sacramento (Maceió), onde Renée Aboab estudou, feliz como as alunas (atuais) que aparecem na foto.



Nesse mesmo pátio (interno) do Colégio Santíssimo Sacramento, Renée precedeu às alunas que hoje se divertem.

TRAGÉDIA FUTURA



... em pleno vigor de sua adolescência e formosura.

coisa grave entre René e seu marido. Foi a primeira vez que ela me deu a entender qualquer coisa...»

Conforme se vê, grandes suspeitas pesam sôbre Johan Beck, pois é público e notório que êsse indivíduo, antes e depois de casado, desempenhava o degradante papel de arranjar amantes para a sua própria mulher, tendo afirmado, certa vez, que só se casaria com Renée se recebesse adiantamente a importância de Cr$ 200.000,00.

MALDIÇÃO DO NÚMERO «2» NA VIDA DE RENÉE

Para curiosidade dos que acreditam na influência dos números no destino das pessoas, aqui está uma prova de como o número «2» perseguiu Renée Aboab desde o nascimento até à sua morte: Renée nasceu num dia 2, era a filha número 2, veio para o Brasil no 2º ano de sua existência, transferiu-se para o Rio aos 32 anos de idade, levou o noivo a Maceió num dia 22 de 52, perdeu seu pai no mesmo ano de 52, casou num dia 22 e foi encontrada morta num dia 22 — e justamente no Distrito Policial número 2. Resta agora saber se o criminoso será descoberto daqui a 2 dias, a duas semanas, a 2 meses, a 2 anos ou se sòmente no ano 2.222!



MACEIÓ, 1915: primeira fotografia de Renée Aboab tirada no Brasil. Inocência, pureza e... u'a mãe bastante feliz, sem saber que em 1954 sua filha seria fotografada, morta, pela polícia.



Renée Aboab (a 2ª) entre suas colegas do Clube Regatas Brasil. Tôdas estão casadas e felizes. Ela, estrangulada.



Renée Aboab (sentada, ao centro) como chefe de sua turma na Escola de Enfermeiras «Rosa da Fonseca», em Maceió.



Por êsse Mundo de Deus

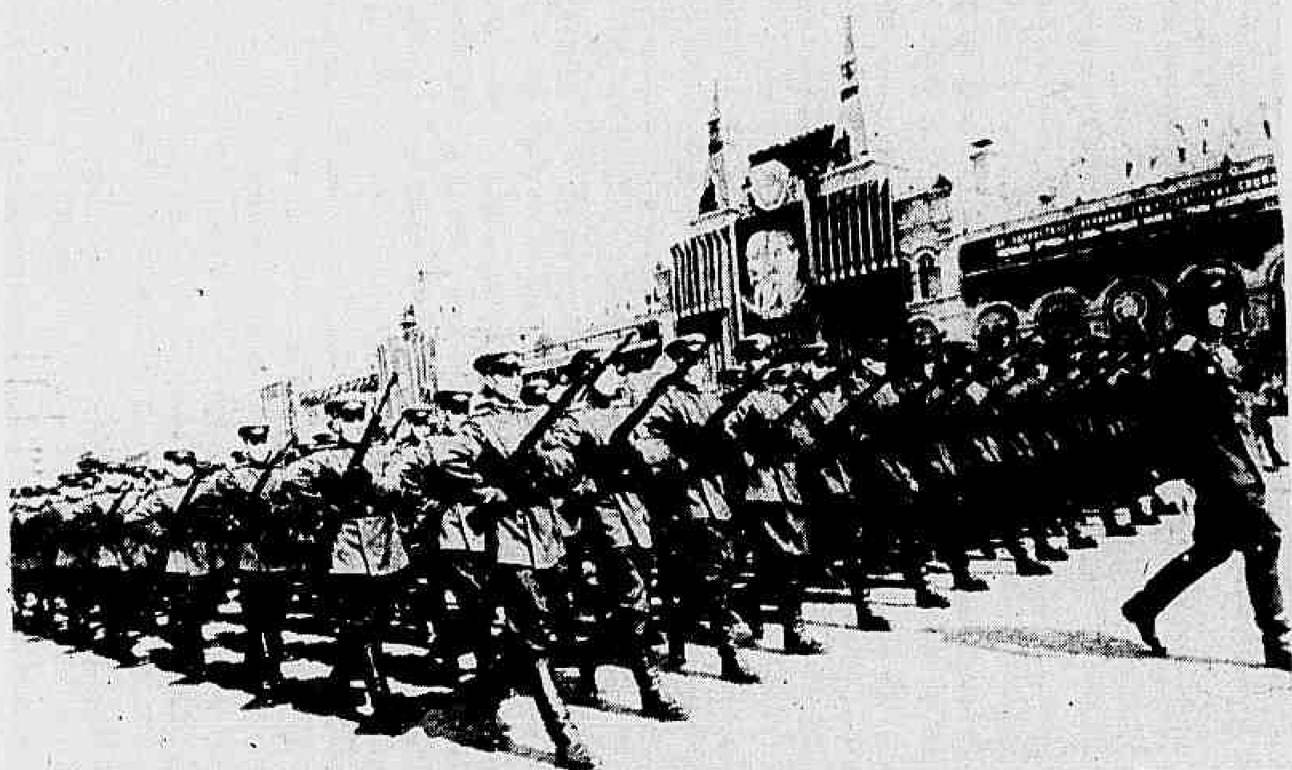
MAX SCHMELLING, «GOAL-KEEPER»

● Recentemente realizou-se, em Berlim, uma partida de futebol como nunca houve: de um lado, uma turma de aguerridos jornalistas locais; do outro, «boxeurs» de meia fama e de fama inteira, inclusive Max Schmelling, que jogou de «goal-keeper». Resultado da peleja: 5 x 1 a favor («et pour cause») dos «boxeurs». Dizem que na hora em que o adversário lhe chegava à área, Schmelling franzia a cara e fechava o punho — e o adversário cautelosamente adiava o chute.



THAELMANN NUM FILME MONSTRO

● Os soviéticos da zona oriental estão contando, num filme que será dividido em três partes, a história de Thaelmann, o líder comunista alemão recentemente falecido. Personagens do filme (que começa antes da guerra de 14 e termina no final da última): Rosa Luxemburgo, Lenine, Stalin, o Kaiser, Wilson, Hitler e sua camarilha, Churchill, Roosevelt e outros mais. Na foto, Thaelmann (o ator alemão Gunther Simon) numa cena do filme.



O 1º DE MAIO EM MOSCOU



● Duas impressionantes visões dos festejos do 1º de maio na capital soviética. No flagrante acima, um detalhe do Exército Vermelho (tropas de elite) quando desfilava diante das efígies de Lenine e Stalin. Na foto ao lado — milhares de colegiais universitários, vindos de tôdas as regiões da URSS, formados na praça Vermelha. O monumento à direita é o túmulo de Lenine, onde também repousa agora, devidamente embalsamado, J. Stalin.



BARBAS PARA ORSON WELLES

● Será com esta cara extremamente peluda que Orson Welles aparecerá no seu próximo filme, «Mr. Arkadine», que está sendo filmado por uma emprêsa cinematográfica de Munich. Marlene Dietrich fará o papel feminino. Após rodar «Mr. Arkadine», Orson Welles anuncia uma viagem à América do Sul, inclusive ao Brasil. Suas atividades atuais: um programa de televisão, em Paris, e uma série de «sketchs» para a CBS.



BRASILEIRA FAZ SUCESSO

● Delora Bueno, cantora brasileira, começa a fazer sucesso nos Estados Unidos e atrair as atenções do rádio e da televisão norte-americanos. Na foto, ela aparece ao lado de Paul Whitman, que a está acompanhando (com a sua orquestra) numa «tournée» pelo país. Uma das canções de maior sucesso de Delora é «Maringá», para a qual Whitman compôs um arranjo especial.

ESCREVEM ÊSTES PROGRAMAS
PARA TODO O BRASIL

José Mauro
"O COMENDADOR E A MÚSICA"
segundas, às 21,35
★
Antônio José
"CARLOS GALHARDO"
têrças, às 21,35
e
Thalma de Oliveira
ANSELMO DUARTE e ILKA SOARES
quartas, às 20,35
★
Randal Juliano
"ALVARENGA e RANCHINHO"
quintas, às 20 h
★
José Mauro
"COLÉGIO MUSICAL ARY BARROSO"
sextas, às 21,35
★
Almirante
"TRIBUNAL DE MELODIAS"
sábados, às 21 h
★
Gilberto Martins
"EM BUSCA DO TESOURO"
domingos, às 20,35

na

RÁDIO RECORD
DE SÃO PAULO

ondas médias 1.000 kcs. 300 metros
ondas curtas 19 — 31 — e 49 metros

UMA DAS EMISSORAS UNIDAS

Semana Astrológica

INDICAÇÕES DO SEU HORÓSCOPO ENTRE OS DIAS 29 DE MAIO E 4 DE JUNHO DE 1954 — (Hemisfério Sul)

Se o leitor nasceu sob o signo do:

★ CARNEIRO (21/9 — 20/10) — Modificações sensíveis serão verificadas, no seu caso, na semana a ser iniciada a 29 do corrente. O leitor se sentirá animado, mesmo, a tomar novos rumos, mudando de posição ou de profissão. Pode contar com um período favorável.

★ TOURO (21/10 — 20/11) — O leitor continuará na mesma posição astrológica da semana anterior. O planêta que lhe governa o destino não modificará sua rota e, dêsse modo, não lhe possibilitará inovações ou iniciativas de porte. A situação, contudo, não lhe será desfavorável.

★ GÊMEOS (21/11 — 22/12) — Os dias 31 de maio, 2 e 4 de junho vindouro sujeitarão o leitor a violências, tanto na vida profissional como no meio doméstico. O novo período será de imprevistos desagradáveis e de visitas incômodas.

★ CANCER (23/12 — 20/1) — Seus pedidos, de qualquer natureza, não serão atendidos. Dêsse modo, evite uma diminuição deixando de tomar empréstimo ou de pedir algo. Tôdas as portas estarão cerradas às suas solicitações. A compensação terá o leitor, nos seus negócios e no seu próprio trabalho.

★ LEÃO (21/1 — 20/2) — A nova semana, sob o ponto de vista do influxo dos astros, será inteiramente indiferente ao leitor. Os planêtas, em relação com seu astro, tomarão uma posição neutra. Dêsse modo, com a necessária prudência, poderá agir como bem lhe convier.

★ VIRGEM (21/2 — 22/3) — Os seus empreendimentos serão coroados de êxito. As pretensões justas serão alcançadas e aumentados, razoàvelmente, os proventos ordinários do seu ofício. O novo período favorecerá muito os negócios imobiliários, no seu caso.

★ LIBRA (23/3 — 20/4) — Adie o seu noivado ou a realização de casamento. Do mesmo modo não faça contrato que o associe a outrem nem requeira nas repartições do govêrno. A nova semana será desfavorável aos assuntos legais.

★ ESCORPIÃO (21/4 — 20/5) — A paz, na vida doméstica, poderá turvar-se, notadamente nos dias 31 do corrente e 1º de junho vindouro. O leitor estará sujeito a intrigas e a sérios malentendidos em assuntos sentimentais.

★ SAGITÁRIO (21/5 — 23/6) — O leitor terá, na semana entrante, um ambiente astral propício às acomodações. As pendências serão solucionadas e desfeitos os desentendimentos de tôda sorte. Fique na linha do menor esfôrço e deixe que as coisas venham ao seu encontro.

★ CAPRICÓRNIO (24/6 — 22/7) — O novo período será desfavorável, inicialmente. Do dia 1 de junho, ao dia 4, porém, o ambiente dos astros se modificará, melhorando consideràvelmente sua posição. A compensação virá com uma margem satisfatória.

★ AQUÁRIO (23/7 — 21/8) — O encaminhamento das questões em busca da solução desejada não deverá ser forçado ou precipitado. Não force, do mesmo modo, a feição natural dos negócios em que fôr parte. Agindo assim, o leitor eliminará a maioria das desfavorabilidades reinantes.

★ PEIXES (22/8 — 20/9) — Seja abstêmio, sentimentalmente falando. Sua **Lua Negra** ocupa um ponto nevrálgico no horóscopo. Não obstante, os negócios estarão bem astralizados e lhe darão uma larga margem de lucro.

OS NOMES DA SEMANA

Maio,	29	—	Eládio	—	Julita
"	30	—	Jovino	—	Estela
"	31	—	Diogo	—	Merícia
Junho,	1	—	Antônio	—	Fernanda
"	2	—	Marcélio	—	Cecília
"	3	—	Ovídio	—	Clotilde
"	4	—	Américo	—	Lenita

Marcha e posição do Sol ao meio-dia de Greenwich

EFEMÉRIDES DA SEMANA

Maio,	29	—	7º - 34' - 18"	(Signo dos Gêmeos)
"	30	—	8º - 31' - 52"	(" " ")
"	31	—	9º - 29' - 34"	(" " ")
Junho,	1	—	10º - 26' - 56"	(" " ")
"	2	—	11º - 24' - 27"	(" " ")
"	3	—	12º - 21' - 56"	(" " ")
"	4	—	13º - 19' - 25"	(" " ")



Desenho de ZALUAR

NESTE CALCANHAR DE JUDAS

NÃO trazia data nem o lugar de origem. Alguém a deixara num dos bancos do bonde de Ipanema. Era uma carta escrita com letra feminina, inclinada para a esquerda, trazendo a assinatura do hipocorístico **Nenen**. Êsse apelido tanto pode ser de homem, como de mulher. Há muitos nomes assim. Ninguém sabe ao certo se o seu dono veste calça, ou saia: Dagmar, Juraci, Jaci, Nenén, Neném e Nenê. A carta era assinada por Nenen, sem acento nenhum. Não se pode dizer que seu autor fôsse uma senhorita, alguma balzaqueana, ou um marmanjo. O talhe era feminino; mas, como há muito homem falando fino e com caligrafia mulheril, só mesmo recorrendo a algum técnico em grafologia para descobrir o sexo de quem escreveu aquelas curiosas e divertidas linhas. Eis o seu conteúdo:

"Belinha.

Esta vai em pagamento da que você me escreveu no mês passado. Não preciso perguntar nada sôbre sua pessoa, porque você já disse tudo. Vejo que tem gostado muito do Rio de Janeiro. Eu também sonho com êsse céu aberto, embora digam que é mais inferno do que paraíso. Tenho fé em Deus que ainda hei de achar um mais doido que eu e me ajude a ir para o Rio de Janeiro. Aqui neste Calcanhar de Judas é que não fico nem mais dois meses. Se ninguém quiser topar, meto os cambitos no mundo. Pau de Arara é que não falta. Nem terceira de navio do Lóide. Por falar em Lóide. Você sabia que a Bilu de dona Lica fugiu com um marinheiro? A mãe só faltou morrer de desgôsto, ela que vivia a dizer que não tinha a filha para entregar a qualquer um! O pai, que só vive na truaca, deu uma pisa da lôpa na mulher culpando-a pelo procedimento da filha. O Pe. Totonho correu para retirá-la das mãos do cachaceiro, e ainda recebeu umas bordoadas, ficando com a mão tão inchada que não disse missa uma semana. O Zé da Baixa, namorado da fujona, ficou tão encabulado que se retirou daqui não se sabe prá onde. Mas o João Porfírio, que vinha sofrendo de um mal do coração, riu-se tanto com a briga da dona Lica, que a coisa papocou lá por dentro da titela, e êle bateu a caçuleta com sangue pela bôca, ouvidos e nariz. Dizem que foi castigo. Você se lembra do Janjão Zambeta? Ficou bom. Já não tem mais as pernas tortas. Deu má de monte e os médicos da Bahia amputaram tôdas duas. Também era tão burro que diziam se as cortassem ainda ficavam outras duas. Ó povo falador! O assunto daqui agora é a zuada entre o Pe. Tertuliano e as Filhas de Maria, porque muitas foram passar o carnaval na Capital e lá dançaram que não foi pagode. Quando regressaram, o vigário mandou que fizessem fila e descascou um carão enorme nas mocinhas, insultando-as e ofendendo os pais, de maneira estúpida. As moças acusadas deixaram a Irmandade e consta que outras, por solidariedade, vão entregar as fitas. Por isso eu nunca tive vontade de fazer parte dessas coisas. Para a gente ser direito não é preciso botar fita religiosa. Sou crente na Igreja, me confesso e comungo; mas ninguém me venha impedir de dançar e divertir. Que se pode fazer numa terra atrasada como esta nossa Belinha? Se é para ser frade ou freira, vamos logo para um convento. Filha de Maria não é freira. Nem dança é imoral. Mesmo no Carnaval. O que se condena é a maneira escandalosa de brincar. Não é? Ante-ontem houve um baile na casa do dr. Chiquito. Foi um serenão enorme. Muita gente ficou zuruó, de tanta bebida. O motivo foi a nomeação de um novo delegado de polícia da oposição. Falam que vai meter o pau nos jogadores e banqueiros de bicho, moralizar os costumes e endireitar a Rua do Açúcar. O Firmino é que vai ficar danado. Se suceder como o outro, tudo vira água de barrela, e o Firmino volta a soltar foguetes. Êle pouco se importa que o delegado seja do govêrno ou da oposição. O que interessa é que o deixem em paz com seu bozó. Vou acabar essa lenga-lenga. Dê um abraço no Pedrinho e beije as crianças. Para você despacho um avião cheio de saudades. Nenen."

Mulher. Na certa.

RENATO DE ALENCAR



CAMILLE CHAMOUN: O seu pequeno país se encontra numa das encruzilhadas do mundo, entre o Ocidente e o Oriente. Mas, ao invés de um problema político, o fato constituiu, para o Líbano, um fator de progresso.

Chamoun, de sorriso sardônico:

APOIAR A PARTILHA DA PALESTINA SERIA O MESMO QUE ACEITAR O DESMEMBRAMENTO DO BRASIL POR UM GRUPO DE ESTADOS

Reportagem de SÉRVULO DE MELLO

IGNORA A GUERRA FRIA ENTRE O ORIENTE E O OCIDENTE E APOIA A RESSURREIÇÃO DO MUNDO ÁRABE ★ O ITAMARATI METE OS PÉS PELAS MÃOS NA POLÍTICA DO ORIENTE MÉDIO ★ O CEDRO DO LÍBANO, O PUNHAL DE SALADIM E A ESPADA DE RICARDO CORAÇÃO DE LEÃO.

RELATA um historiador do Oriente que, em cedro do Líbano, os fenícios construíram os seus barcos e nêles se aventuraram ao grande oceano desconhecido, guiados apenas pela estrêla polar. A Bíblia também se refere à madeira sagrada, sendo provável que a própria arca de Noé tenha sido feita de cedro. E Salomão declara que as pernas e o tronco de sua amada tinham cheiro de cedro das montanhas do Líbano. O Líbano, portanto, é o cedro. Isto, pelo menos, para o pesquisador Batista Pereira, que sustenta ter sido a Baía de Guanabara construída pelos egípcios; que afirma existir um fabuloso tesouro faraônico debaixo da pedra da Gávea e inscrições finícias no Corcovado e no Pão de Açúcar. Nada disso poderia ter acontecido, se não fôsse o cedro do Líbano empregado nas embarcações dessas aventuras temerárias de milênios.

Posteriormente, os sírios e os libaneses vieram ter ao Brasil em navios a motor e a óleo diesel e aviões. Trouxeram matracas e se embrenharam pelo interior, fiéis ao velho instinto mercantil dos fenícios. Vendiam cobertores, tecidos, bugigangas, golarin bunda virada, baduadura drês bran dostão, desbravaram serteõs, radicaram-se na terra, casaram-se com caboclas, tiveram filhos brasileiros, integraram-se na coletividade mosaica do Brasil. Assim vieram os Kafúr, Jafet, Abras, Jamas, Jabour, Kuri e muitos outros. Ocuparam a Avenida Paulista, construíram palácios em Jardim América, abriram lojas e armarinhos em tôdas as cidades do país, de ponta a ponta. São centenas de milhares. Difícil, porém, é identificá-los pela cara ou pelo jeito de ser. Deluíram-se na terra, na raça e nos costumes. E ainda hoje êles vêm. Malgré a burrice que dirige a nossa política de imigração, êles conseguem aqui chegar e começam a vender limões nas calçadas. Ao fim de dois ou três anos, alcançam o que desejam.

FRISSON ORIENTAL

A diplomacia do Líbano no Brasil foi sempre de ação discreta, ocupando-se com brilho da parte mundana, com desvê-lo pelos negócios da colônia e da imigração. Nunca um passo mais transcendente na órbita das relações políticas e econômicas fôra dado, coisa perfeitamente justificável tendo em vista a importância da minoria sírio-libanesa no Brasil. Aconteceu, porém, esta semana. Chegou ao Rio o Presidente da República do Líbano. A emoção que lastrou na colônia, no Rio e em São Paulo, transbordou todos os limites protocolares. O bairro de Botafogo, nas vizinhanças de D. Mariana, onde fica a Legação do Líbano, tomou-se de pânico. E os palácios de São Paulo foram abertos com fausto oriental para receber o jovial chefe de Estado. Recepções fabulosas no Itamarati e no Palácio Laranjeiras encheram a estação mundana no Rio. Rodou o «whiski» e o «champagne», as mulheres desfilaram em modelos deslumbrantes e cobertas com as suas jóias miraculosas. Os jornais se ocuparam quase que exclusivamente do Presidente libanês, o povo esqueceu um pouco as agruras do momento e o govêrno teve uma pausa para meditação, entre fulgores e delícias.

SUTILEZAS NO PALÁCIO LARANJEIRAS

O Presidente Camille Chamoun, entre o atordoamento das recepções e visitas, cumprindo um progama «terriblement chargé», que lhe organizou o sr. Rao, recebeu também os jornalistas no Palácio Laranjeiras. Muito antes da hora aprasada, imprensa, rádio, cinema e televisão passeavam sôbre tapêtes patinados, mármore, estátuas e quadros, alguns de evidente mau gôsto. Havia um policiamento exagerado e perfeitamente inútil. O Presidente ainda dormia. Mas ao ser notificado de que a imprensa o esperava, tomou rápido o seu chuveiro, vestiu-se e pediu a imprensa que subisse. Apareceu, então, alto e sorridente, barbeado e sem bigodes, de olhos vivos e gestos elegantes, ainda abotoando o seu relógio de pulso. Sentou-se ao lado de Moses e saudou o Brasil. Disse, em bom francês, que o Líbano era o país do cedro de seis mil anos e que o Brasil era o futuro, que o Líbano era tradição e que o Brasil era o progresso. Que conjugar o pêso da tradição com a fôrça de novas esperanças era a base da amizade líbano-brasileira. Feito isso Chamoun fêz breves considerações sôbre a atividade de imprensa, manifestando o seu apoio à liberdade mais absoluta de opinião e externando o seguinte e original conceito: a crítica de imprensa mais contundente quase sempre expressa vitalidade.

Falou, a seguir, na declaração conjunta que assinou com Vargas, segundo a qual os dois países seguirão pontos de vistas comuns nas relações internacionais. (O que não se sabe é se ao formular essa declaração, o Itamarati se esqueceu da antiga posição do Brasil, quando assinou a partilha da Palestina, sendo presidente da O.N.U. o sr. Osvaldo Aranha, ou se quis agora reparar o gesto, metendo mão pesada na política sútil do Oriente Médio. Se deflagrar um conflito entre árabes e israelitas, será então, o caso de perguntar. E agora José?

A PALESTINA

Quando êsse raciocínio ocorreu naturalmente a vários dos periodistas presentes, um dêles perguntou a Camille Chamoun se o seu Govêrno trabalhava para evitar um conflito entre árabes e judeus. O Presidente não respondeu logo. Recostou-se na sua poltrona, meditou um pouco e disse: Os árabes não são inimigos do judaísmo. Mas é preciso estabelecer a diferença entre o judaísmo e o sionismo. O judaísmo é uma religião de paz e de concórdia, ao passo que o sionismo é um movimento político que apóia a hegemonia dos judeus no Oriente-Médio. Em tôdas as épocas, houve perseguições aos judeus no mundo, os países árabes abriram as suas portas para abrigá-los e dar-lhes refúgio. Foi assim no Líbano, no Irak, no Egito em tôdos os países da Comunidade árabe. Quando se deu a partilha da Palestina, acatamos a decisão das Nações Unidas. Os fatos são do conhecimento de todos os senhores, frisou o Presidente: perto de um milhão de árabes foram desalojados de suas terras, dos seus lares, perderam o seu meio de subsistência, para que em lugar dêles se instalassem os judeus. E que direito os assistia? Apenas a alegação de terem vivido na Palestina há mais de dois mil anos. Apoiar isso, seria a mesma coisa que os senhores apoiares hoje que um grupo de nações decidam do desmembramento do Brasil e aqui se instalem outras nações, sob pretextos semelhantes.

Camille Chamoun fala como bom diplomata e causa a melhor das impressões. Todavia, não se excusa de responder a qualquer pergunta, como os outros diplomatas costumam fazer. Sem ser indelicado, Camille Chamoun defende com desassombro as suas convicções políticas.

DEDO NA FERIDA

Foi, então, que o rumo da conversa nos permitiu perguntar ao Presidente qual era a posição do Líbano em relação aos movimentos nacionalistas do mundo árabe, no Irã, no Egito, nas colônias francesas no Norte da África e na própria Indochina.

Desta vez, Camille Chamoun meditou ainda um pouco mais. Fêz honrosa exceção para a França, como nação colonialista, frisando mesmo que as relações do Líbano com os franceses sempre foram excelentes. Recordou, porém, a existência de um pacto político firmado entre os povos árabes. Acrescentou que o seu govêrno não poderia deixar de apoiar todos os movimentos emancipadores, irrompidos entre povos que há mais de quatro séculos sofrem a dominação estrangeira. Mas não queria que o justo e são nacionalismo sofresse influência interessada do comunismo. Era preciso evitar qualquer confusão e mal entendidos.

Foi-lhe perguntado ainda coisas várias sôbre as relações comerciais entre o Brasil e o Líbano. Mas, Camille Chamoun transferiu as respostas aos homens de negócio.

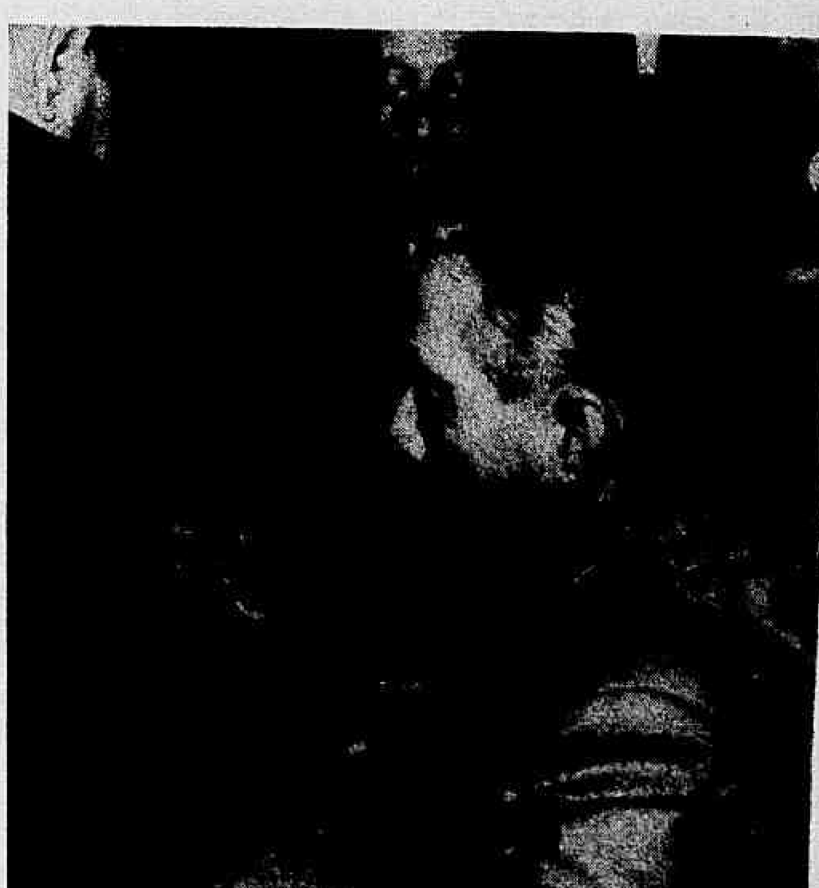
Quando terminou, parecia Saladim com o seu punhal que cortava no ar um lenço de sêda, frente à espada grosseira de Ricardo Coração de Leão. Entrincheirou-se nos mistérios do seu mundo, e ignorou a tensão e a guerra fria entre o oriente e o ocidente.

Serviu-nos um bom «whiski» com salgadinhos, palestrou socialmente e posou para todos os fotógrafos. A manhã era fria e brumosa e a bebida que nos deu soube muito bem.

Adeus, Presidente.







«OS ÁRABES NUNCA FORAM INIMIGOS DO JUDAÍSMO»

Noite de gala no Itamarati



ELEGÂNCIA E ETIQUÊTA NA RECEPÇÃO AOS CHAMOUN

O PRESIDENTE DO LÍBANO (ALTO, FORTE E SIMPÁTICO) ATRAIU A ATENÇÃO DAS SENHORINHAS; E O CORPO DE BAILE DO TEATRO MUNICIPAL ESTÊVE NUMA DE SUAS NOITES MAIS INSPIRADAS.

Reportagem de PEDRO MULLER

Fotos de ARNALDO VIEIRA

NOS primeiros dias de maio, começou a cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro a se enfeitar para receber o Presidente da República do Líbano. Após hospedar uma série de fazendeiros com fachadas presidenciais, ia o Brasil enfim homenagear uma figura de verdadeiro Estadista eleito pelo povo de uma democracia do Oriente Médio. Quando o Presidente libanês desembarcou, após as homenagens de estilo, percorreu as ruas enfeitadas com faixas de boas vindas e grandes bandeiras com as côres e o significativo cedro de sua terra. Mais tarde, Câmara e Senado juntaram-se às homenagens populares e sinceras que o Presidente Camille Chamoun e Senhora vinham recebendo e, em todos os discursos, foi exaltada a contribuição da corrente migratória libanesa para o engrandecimento do Brasil e a tradicional amizade que tem ligado os dois povos. Mas, o ponto elegante de tôdas as manifestações foi, sem dúvida, o jantar que lhes foi oferecido pelo Presidente da República do Brasil e Sra. Getúlio Vargas, no Palácio Itamarati.

Antes de mais nada, cumpre-nos salientar o excelente serviço do Cerimonial que, evitando os convites «a pedido», conseguiu uma reunião fina, constituído de grupos homogêneos. Logo depois do jantar (ao qual só compareceram autoridades do mundo oficial), os convidados se encaminharam para o palanque (vermelho e branco, de muito bom gôsto), colocado à margem do lago. Do outro lado, defronte, o Corpo de Baile do Municipal fêz realizar dois bailados, sendo um clássico e outro de motivo brasileiro, que foi aplaudidíssimo. Em seguida, os convidados se retiraram aos pares, tomando a dianteira, evidentemente, o Presidente Chamoun e Sra. Getúlio Vargas, seguidos pelo Presidente Vargas e a primeira dama do Líbano.

Nesse desfilar, anotamos os Sr. e Sra. Ministro Vicente Rao, Ministro das Relações Exteriores, Ministro de Estado Nero Moura, Almirante Renato Guilhobel, General Zenóbio da Costa, Sr. Tancredo Neces, Sr. e Sra. Pedro Calmon, Sr. e Sra. Elmano Cardim, Sr. e Sra. Peregrino Júnior, Ministro Mendes Gonçalves e Senhora, Embaixador da Itália e Senhora Fornari, , Embaixador da França e Senhora Gilbert Arvengas; enfim um desfile de pessoas de destaque o que bem prova o excelente conceito e estima que gozam o Presidente Camille Chamoun e o país que representa em nossa Pátria. Mas, além da fidalguia e elegância dos nossos convidados, cumpre ressaltar a beleza de ambos. Muitos que o viram de perto atestam os suspiros dados pelas mocinhas que rodearam o presidente alto, elegante e de têmporas grisalhas. Quanto à espôsa, Sra. Camille Chamoun, transcrevemos a opinião da Sra. Austregésilo de Athayde que, num grupo, referiu-se à primeira dama do Líbano, da seguinte maneira: «Uma beleza excepcional, com olhos lindos, além de elegantíssima».

Assim, quando o casal Presidente do Líbano se retirou, os convidados que ainda permaneceram até mais tarde, ficaram trocando idéias sôbre a beleza dêsse par que muito bem representa a terra lendária e histórica do Oriente Médio.



Ao fim do jantar, os Presidentes das Repúblicas trocam um brinde que traduz a amizade que irmana os dois povos.



Os srs. Café Filho e Raimundo de Brito conversa com amigos, cometando detalhes do «Ballet» que estêve maravilhoso.



O Presidente Getúlio Vargas saboreia o café, enquanto o Presidente Chamoun prova com gôsto seu diplomático charuto.



O Presidente Camille Chamoun, no banquete do Itamarati, tendo à direita D. Darci Vargas, ao pronunciar o seu discurso.



O Presidente Vargas quando proferia seu discurso, vendo-se ao seu lado a excepcionalmente bonita sra. Camille Chamoun.



A sra. Dea Cardim Correa do Lago conta a última anedota que ouviu em Paris ao alegre Príncipe Olgierd Czartoryski.



O Exmo. Sr. Presidente Camille Chamoun mostra a sua satisfação em cumprimeitar membros da colônia libanesa.

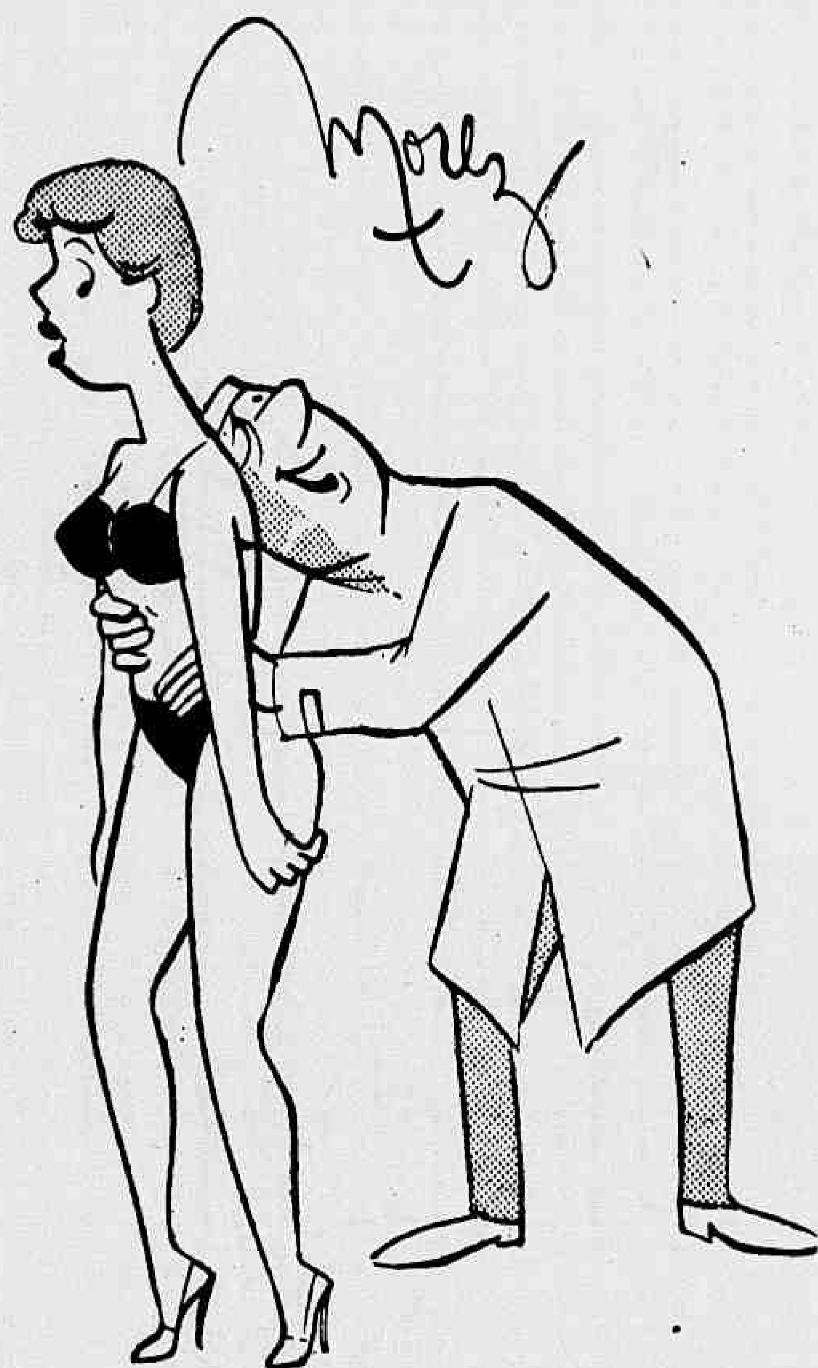


O Embaixador da Índia e Sra. Joginder Sen conversan num grupo de amigos, comentando o sucesso que foi a festa.

Os médicos no RISO dos OUTROS



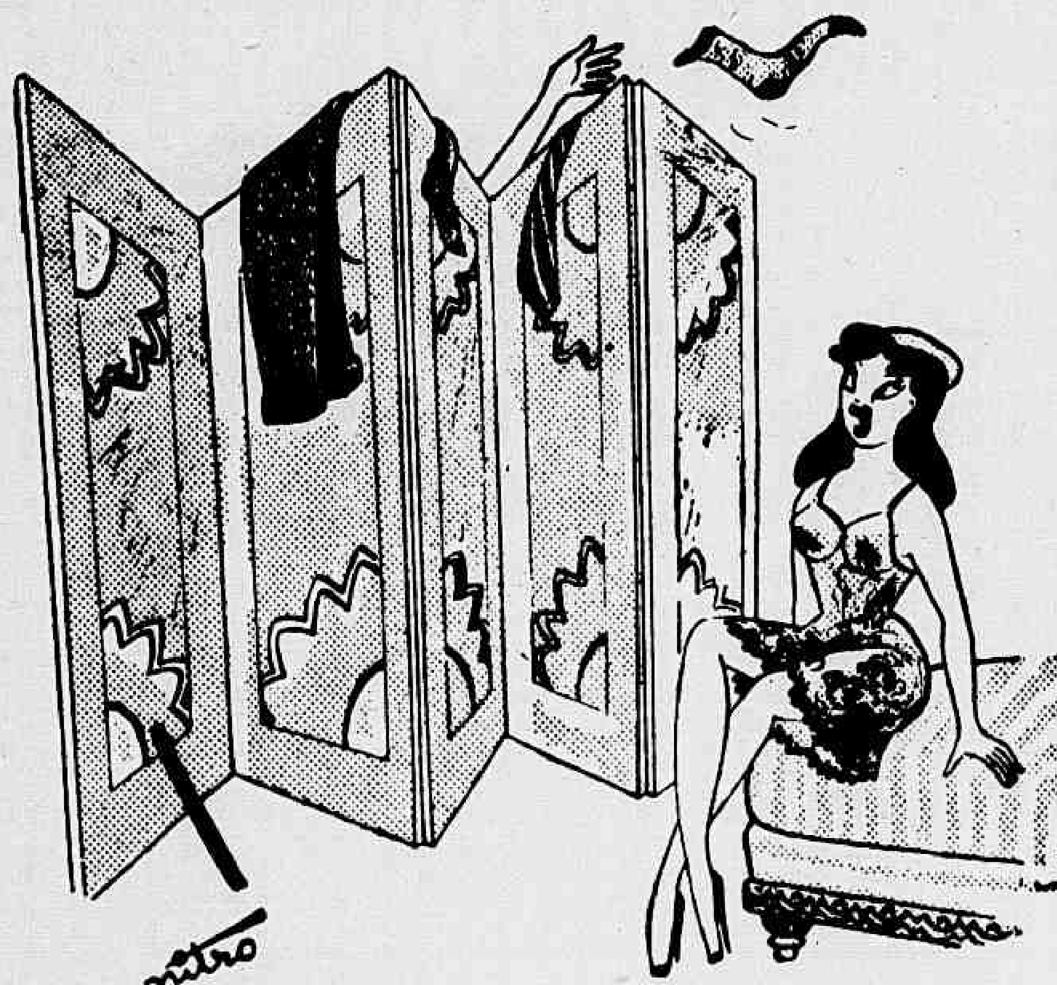
— Êle é um médico, mas um pouco vaidoso: adora ouvir a própria voz...



— Oh! querida, que lindos pulmões, que figadozinho encantador, que meigos bronquiozinhos...



A MULHER DO MÉDICO:
— Corre, Jorge, vem ouvir a discussão dos vizinhos!



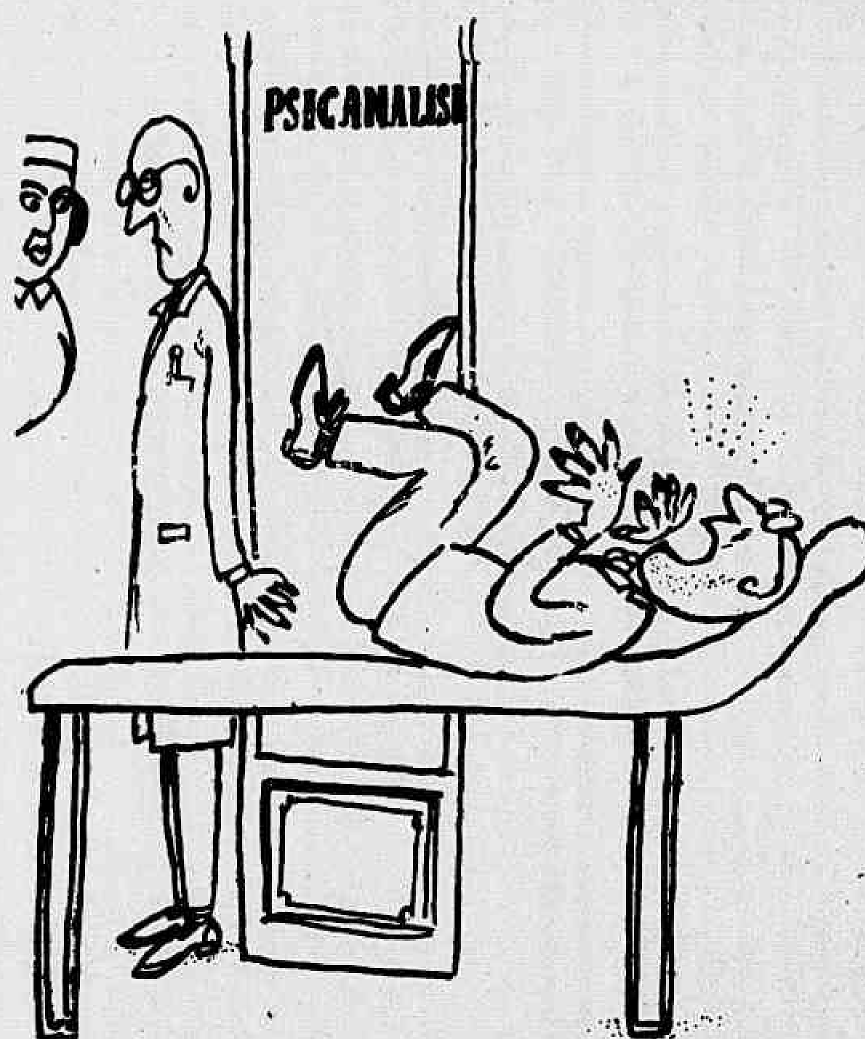
— Trata-se realmente de uma prova de inseminação artificial, não é, doutor?



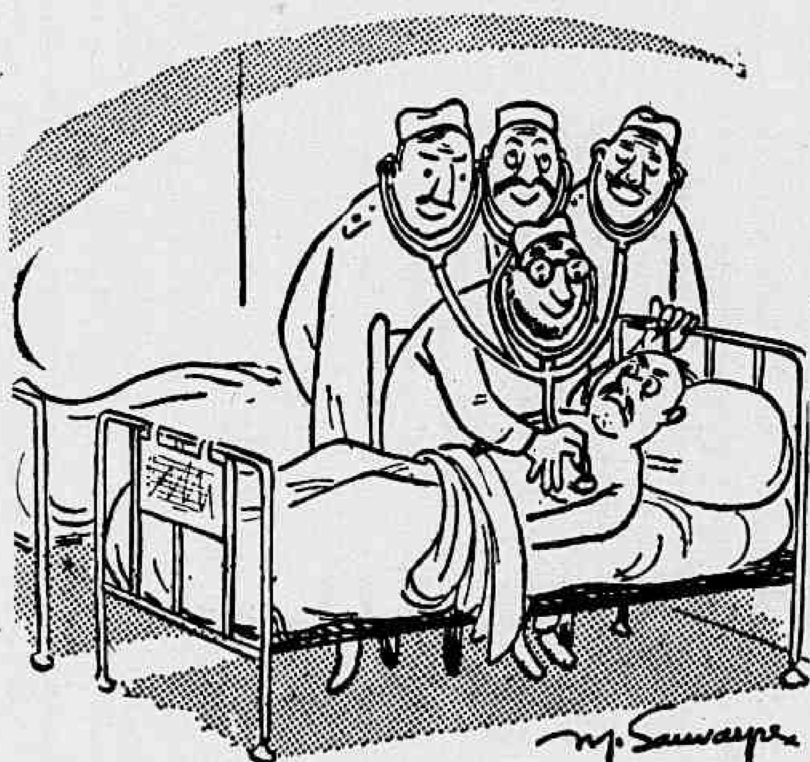
— Oh, querido! Querido!
— Mas, minha senhora, a cabeça está do outro lado.



— Doutor, o senhor não teria sobrando um balão de oxigênio para o meu filho?



— Consegui, com o meu processo psicanalítico, fazê-lo recuar em pensamento até a infância. E êle, agora, está pedindo a mamadeira.



SEM LEGENDA



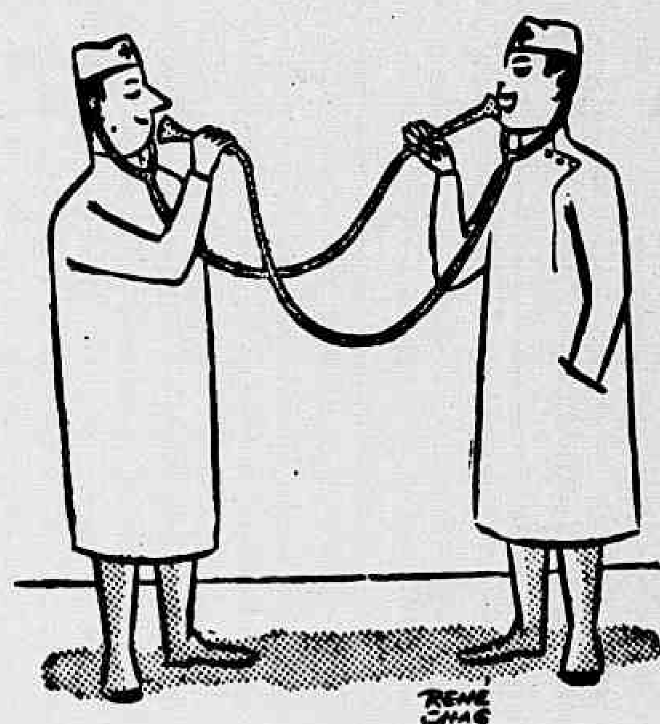
SEM LEGENDA



SEM LEGENDA



— Tussa!



SEM LEGENDA

Virgem das virgens

ANTONIO MARIA

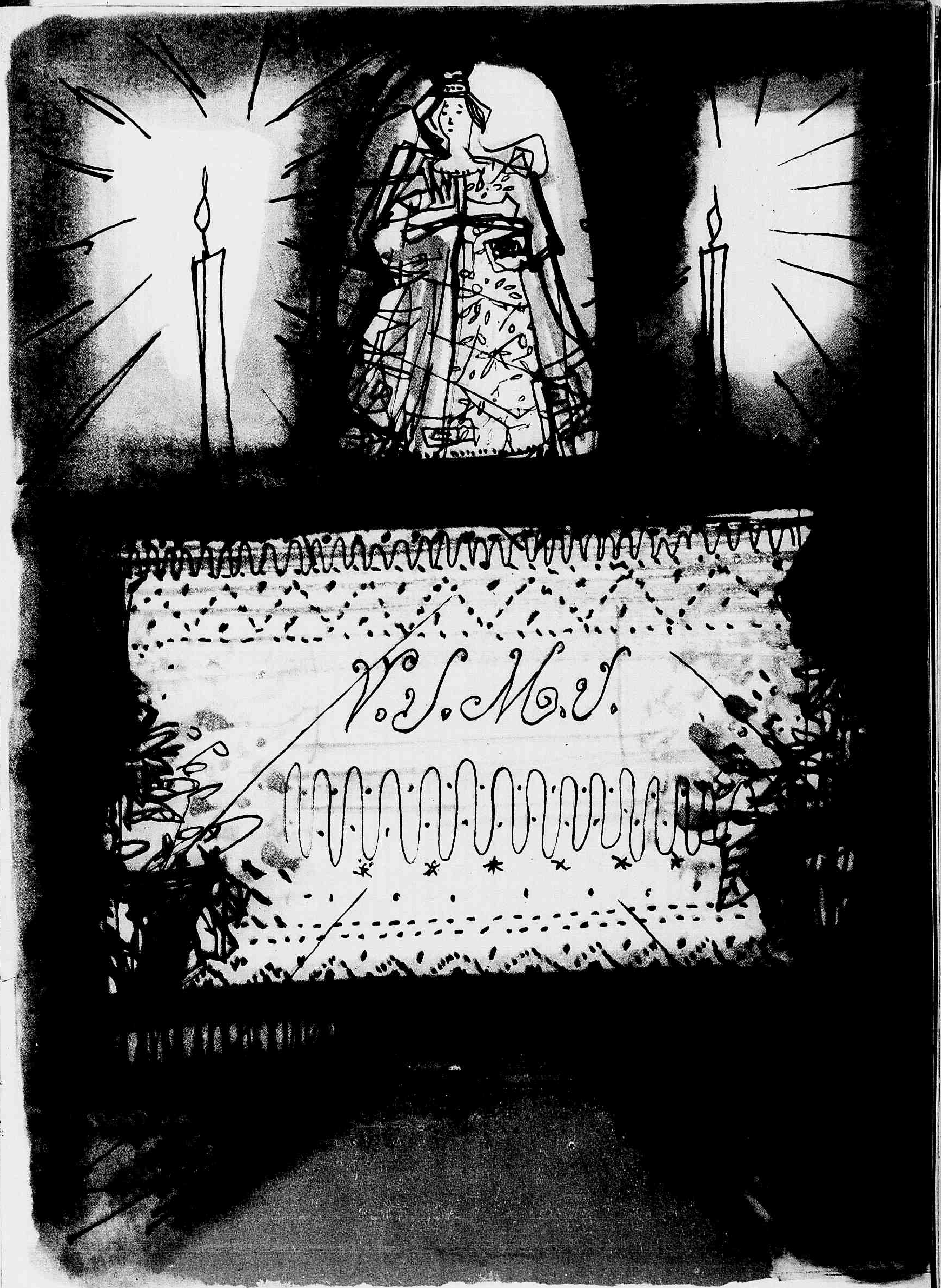
CHEGAVAM as mulheres pobres do engenho (umas fumavam cachimbo), com os pés molhados e os sapatos nos dedos. No terraço da «casa-grande», sentavam-se no chão, cobriam a cabeça com um filó e começavam a rezar baixinho. Cada uma tinha sua reza particular e a maioria desfiava terços nos dedos engelhados. Todos os lábios, ao cochichar ave-marias, estavam brancos de frio. Em maio, fazia muita friagem e quase sempre havia cheia. Essas coitadas vinham de suas pobres moradias, inconfortáveis e distantes, para o Mês de Maria, que a senhora de Engenho (só ela) podia celebrar, porque sabia ler. Atravessavam quilômetros e mais quilômetros, com água pelos joelhos, nos trechos em que o rio tinha comido o cercado. Não se importavam em adoecer, porque doença já tinham, desde meninas; quase tôdas sofriam de febre palustre. Assim, escurecia no terraço, com os vagalumes cintilando no prêto da noite, os sapos assoviando em cadência exata e as muriçocas tirando-lhes o pouco sangue da vida. Era quando a senhora do engenho acabava de jantar e vinha lhes dar **boa noite.** Levantavam-se tôdas, como se houvesse chegado um oficial superior. E tôdas, sem que ninguém lhes pedisse nada, começavam a desejar uma porção de felicidades à dona daquela terra, que dona era também de suas humildes e definhadas existências. Recebiam ordem para entrar e, passando na sala, benziam-se diante do quadro do Coração de Jesus, cercado, na moldura, de lâmpadas em forma de flor, de tôdas as côres. Iam, então para o **Quarto dos Santos.**

Era uma cômoda alta, com uma imagem de Nossa Senhora das Dores bem no centro. À esquerda, pálido e angelical, São Luís de Gonzaga; à direita, Santo Antônio de Pádua, com um Menino Jesus sorridente sentado na palma da mão. A toalha de linho, alva e engomada, tinha quatro letras bordadas: V.J.M.J. e cobria todo o pequenino altar, caindo e arrastando-se no chão. Aí, começava um tapête vermelho, descendo dois degraus, onde ficavam os genuflexórios da família. Velhos genuflexórios de jacarandá, com as letras de cada dono esculpidas em monograma. Lindas peças de madeira, que desapareceram com o tempo ou foram parar (como cheguei a ver uma) nos antiquários da Bahia. As mulheres do engenho se ajoelhavam no chão duro, juntavam as mãos em piedosa atitude e esperavam a hora de começar. Algumas, as que se tinham mantido virgens vestiam, pela cabeça, suas fitas de Filhas de Maria.

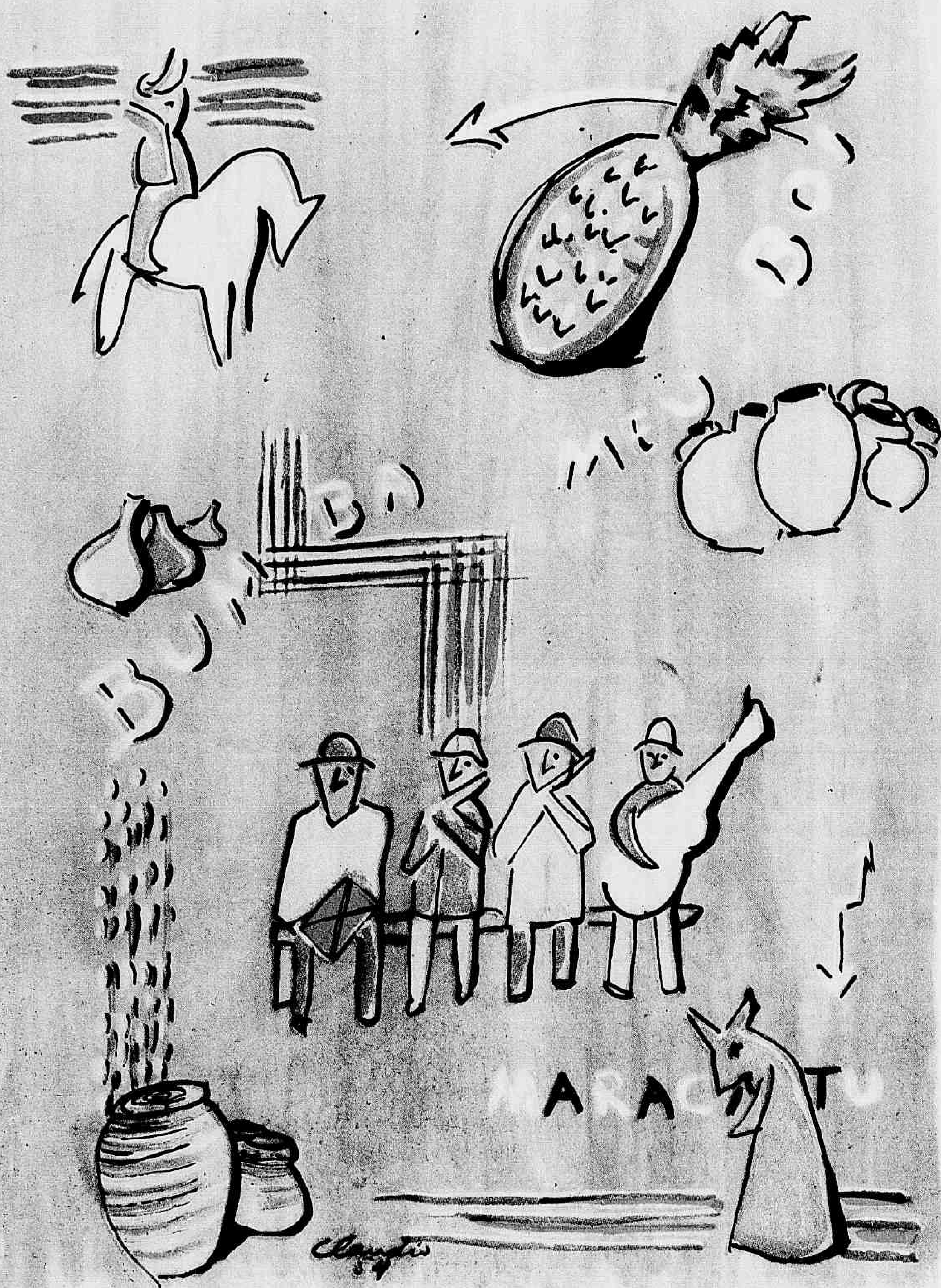
● As outras, as que se casaram ou que se perderam, contentavam-se com a fita vermelha do Apostolado da Oração, embora o mês do Coração de Jesus fôsse depois. Acendiam-se os castiçais e se podiam ver as flores da ornamentação. Rosas, cravos, jasmins e muito bambu japonês. Seu perfume, misturado ao do espermacete derretido das velas, dava uma combinação olfativa meio náusea; ou, talvez, a mim incomodasse particularmente, porque fazia-me lembrar os velórios da família. A rezaria começava e ia, lúgubre, penosa, pelos minutos da noite de Nossa Senhora. O Ofício era respondido em côro manso: «Agora, lábios meus dizei, anunciai»... e, depois, a ladainha: Virgem Imaculada, Tôrre de Marfim, Refúgio dos Pecadores, Porta do Céu, Consoladora dos Aflitos, Virgem Intemerata (não me lembro da ordem dêsses apelos) e tôdas respondiam: «Rogai por nós». A mais bonita de tôdas essas invocações era o «Virgem das Virgens». No final, antes da Salve Rainha, era rezado o «Lembrai-vos», de São Bernardo, a cujas palavras ainda hoje recorro nas horas de desamparo e de mêdo: «Lembrai-vos, oh piedosíssima Virgem Maria, que nunca se ouviu dizer que algum daqueles que, tendo recorrido à Vossa assistência, reclamado Vosso socorro, tenha sido por Vós desamparado»... Em seguida, a cantoria, enquanto se apagavam as velas: «No céu, no céu, com minha Mãe estarei».

Estamos nos últimos dias de maio, em 1954. Não contei quantos anos vivi do último Mês de Maria. Não contei também as coisas que se perderam, dentro de mim ou, em volta, nos meus semelhantes. Talvez, restem, apenas, as flores e a friagem de maio. Há tarefas urgentes a fazer; há pressa e, tudo o que deixou de ser, restam saudades e mais nada. Trocaria esta noite (tenho um jantar, onde se falará francês) pelo Quarto dos Santos daquela «casa-grande». Queria sentir, de novo, o cheiro dos jasmins e, daquelas velhinhas magras, que nunca pecaram em Soberba, ouvir as vozes sem fôrça, repetindo: «rogai por nós... tende piedade de nós». Consolar-me-ia se alguém, além de mim, depois de ler estas lembranças, sentisse, igual vontade de fazer um Mês de Maria, em casa, com toalha bordada no altar e rosas pela sala tôda.

Desenho de DAREL


V. S. M. V.

Recife, Entreposto de Nordestinos

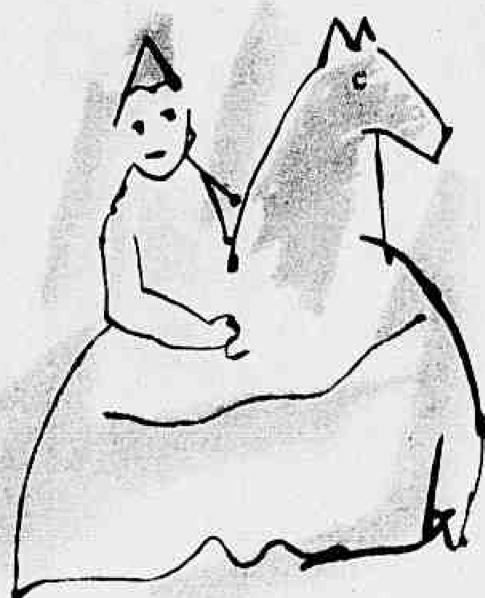


Texto de **LUÍS JARDIM**

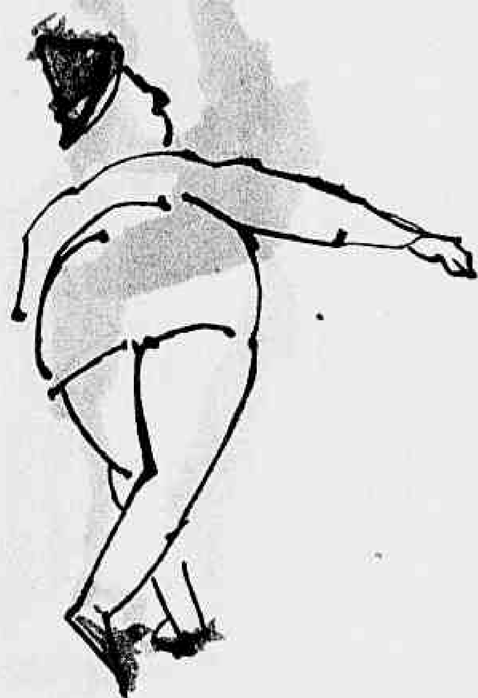
Desenhos de **CLÁUDIO CORREIA E CASTRO**

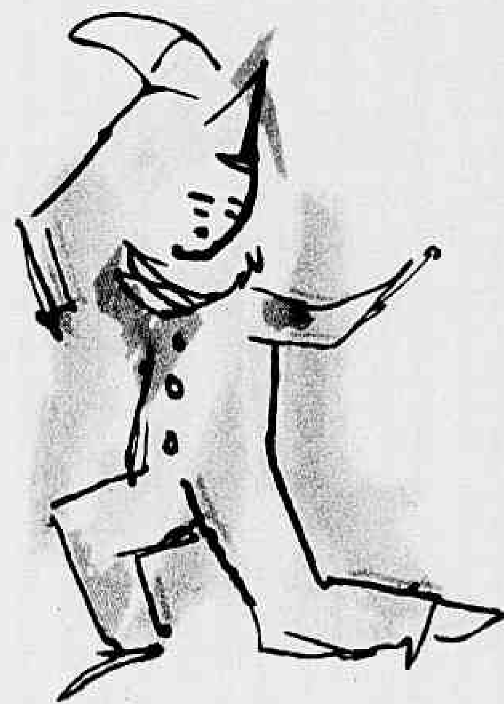
ASSINALAM as estatísticas municipais da cidade do Recife que a população desta terceira praça do Brasil anda na casa dos 700 mil, sem contar a de Olinda, Jaboatão e Paulista. Babilonifica-se o meu velho Recife do tempo dos 300 mil, época modesta em que o número, sempre despótico, não lhe dava o ar super-coletivo de grande cidade.

Não se sabe bem porque, mas cidade quando passa da conta de 500 mil habitantes vai se metendo a bêsta. Tal e qual pessoa que vai enriquecendo. Dê-se gente de mais a uma cidade simpática que o resultado é igual à empáfia de «nouveau riche». Até outro dia Belo Horizonte também tinha o ar manso de pequena burguesa, bem penteada aos domingos, correta e limpa e contrita e alegre quando ia às matinas. E hoje? Hoje é um luxo, o arranha-céu cobrindo tudo, e tudo imitando o Rio, que não é o Reno.



Pior ainda é o Recife. O excelente e histórico burgo de Recife vai se metropolizando a olhos vistos. E com uma pressa de quem não quer perder tempo, como se o tempo jamais se achasse. Para olhos ou saudades sentimentais de pernambucano de lá afastado, ou mesmo turista, ou simples viajante, ou ainda mero passante, que guardam da outrora cidade Maurícia a impressão de 20 anos atrás — o Recife de hoje é um mundão desconhecido. Tão desconhecido que o magnífico «Guia Prático, Histórico e Sentimental da Cidade do Recife», do escritor Gilberto Freyre, tem de atualizar-se com a mesma pressa com que a sua cidade se altera.





prefeito, dêsses escolhidos a dedo, pôs abaixo em nome sagrado e cativante do progresso. Lá estão de pé, com as pedras ou o barro que é. São Pedro, as igrejas do Rosário, a de São Pedro dos Clérigos, a do Têrço, a do Carmo, o Convento de São Francisco, com os seus dois leões de cara roída sôbre os portões, e ostentando esta data recuada — 1606.

Sem contar outras, até ermidas, históricas ou apenas liricamente religiosas. Sim, os dois rios também estão lá, principalmente o Capibaribe, que é o que mais conta, porque mais citadino, em diário contacto com recifenses de cara fechada, quase sempre, ou raramente alegres por sôbre as pontes que o ilustram, dando-lhe ares de águas de Paris ou Estocolmo.



No reino do grande número que cresce sempre, não cabe, parece, o reino encantado da história, que é tanto mais bonita quanto mais fantasia contar. Ninguém quer saber mais que o Recife foi hospedaria demorada do Conde Maurício de Nassau, passageira do pirata inglês James Lancaster e de seu Charles Darwin.

Quem se preocupava com o arcabuzamento de Frei Joaquim do Amor Divino Caneca? Quem se interessa por saber as origens de revoluções mal fadadas, cujo resultado foi o quixotesco Pernambuco, com a sua desvairada Capital à frente, despojar-se de terras que não se recuperam mais?

Nada. Ninguém quer saber de outra coisa, senão crescer. O orgulho está no número. Quanto mais gente, melhor. Apenas, isso é mau sinal.

Para a cidade do Recife, fugindo dos campos onde não há sinecura e emprêgo público, e onde o trabalho não compensa, corre o matuto sonhador. Por lá se agrega, aumentando a cidade. E todavia morar em cidade grande é uma aventura. E um desconfôrto. E um desgôsto. Mas o que importa é o número, que aparenta grandeza.

Como estaquei nas imagens coletivas da casa dos 300 mil, apenas recordo, vendo o que vi, os tempos idos e de orgulhos menores.

O que vi, assinalável, felizmente nenhum

E também estão as côres, as côres que não há, ou pelo menos não constam da classificação de Chevreie — tão raras e bonitas são. Mas já começam a desbotar, dizem, exceto as do céu, onde nem todos põem a cabeça, salvo os poetas, segundo G.K. Chesterton. E' que é proibido, para não ofender a estética oficial, as côres de outrora em fachadas de prédio: o verde, o vermelho, o laranja, tôdas elas côres primárias de primeira e real grandeza.

Mas voltando ao passado, por amor do presente, deve-se atribuir o orgulho de quase todo habitante do Recife pela nova ponte e principalmente pelos novos prédios que lembram senão imitam, a Esplanada do Castelo aqui do Rio — deve-se atribuir êsse orgulho a certo gôsto que já em nosso tempo combatíamos. Para sermos menos falsos modestos: combatíamos êsse mau gôsto.

Eu, que sou todo inclinado para o bacharel — sobretudo os humildemente desconfiados das ciências jurídicas e sociais, e em particular os não economistas, pois os economistas são iguais a racionalistas (cuja razão perdem por quererem botar o mundo na cabeça, quando deviam botar a cabeça no mundo, segundo ainda o mesmo admirável Chesterton) — eu, que me curvo diante dêles, os melhores fazedores dêstes Brasis, quanto ao Recife ando de ponta com êles. Ora, o Recife, que herdou de Olinda a primazia de formar bacharéis (em Pernambuco e São Paulo aconteceu em primeiro lugar o estudo de Direito no Brasil), deu agora para encanudar uns bacharéis sem gôsto, homens que estremecem por estas últimas ditas grandezas da cidade do Recife: a tal ponte e os tais prédios, réplicas da Esplanada do Castelo.

Raro o bacharel, mesmo doutor, recém-chegado lá do Recife, que não dê mostras de entusiasmo quase infantil por uma, afinal, cópia. Eu também a vi. Não estremeci, ou melhor, estremeci, mas de acanhamento.



VIVE NO CAIRO, MODESTAMENTE, O MAIOR ASTRÓLOGO DO MUNDO

ÊLE PREVENIU CHURCHILL: "A GUERRA VAI EXPLODIR"

O ESTADISTA BRITÂNICO RIU, NA ÉPOCA, MAS AGORA PROCURA ESTAR À PAR DE TÔDAS AS PREVISÕES E PROFECIAS DE YOUSSEF EL MINIAOUI ★ UMA PREVISÃO OTIMISTA: NÃO HAVERÁ MAIS GUERRA EM 1954.

Reportagem de NIC ROMANS

Desenho de RAMON

O mais célebre astrólogo do mundo vive muito modestamente em modesta casa do Cairo. Trata-se de pequeno funcionário egípcio, que se chama Youssef el Miniaoui. Suas predições, entretanto, têm sido tão espantosas e, sobretudo, tão exatas, que as altas personagens do mundo inteiro, incluindo os mais prestigiosos chefes de Estado, lhe escrevem ou pedem conferências secretas com êle.

Já lhe têm oferecido milhões para o empresar, com o que poderia viver como um nababo. Mas Youssef é um sábio que, tôdas as manhãs às nove horas ocupa seu lugarzinho no Ministério dos Transportes, onde trabalha com o salário de 55 mil francos por mês.

Nasceu em pequena povoação do Alto-Egito, próximo do Nilo e da fronteira sudanesa, nessa terra de mistérios, onde, desde milênios, a arte de predizer o futuro é a ciência suprema dos sábios. Seu pai era considerado como feiticeiro. Vinham procurá-lo para conjurar a má sorte, ou para entrar em comunicação com o espírito dos mortos. Uma noite êle chamou Mohamed Youssef e lhe disse:

— Amanhã eu morrerei. Você é o mais velho dos meus quatorze filhos. Vou confiar-lhe todos os meus segredos, os mesmos segredos que seu avô me transmitiu pessoalmente, na véspera de sua morte.

E o velho, que estava de boa saúde, como havia previsto, no dia seguinte, morreu ao cair da noite. O jovem Youssef, que tinha então 17 anos, começou a estudar matemática, ciências e astronomia. Hoje é o mais célebre astrólogo do planêta, e seus horóscopos são obtidos a pêso de ouro. E' casado e tem três filhos, e, quando o interrogam sôbre seus conhecimentos secretos, êle responde:

— Sòmente a meu filho mais velho eu os revelarei, à véspera de minha morte.

CHURCHILL E O ASTRÓLOGO: — Até 1939 sua celebridade não havia ultrapassado as fronteiras de seu país. Mas, na primavera daquele mesmo ano, deu à agência americana, United Press (U.P.), suas previsões da seguinte maneira:

— Gigantesco conflito rebentará na Europa no fim do ano. A Polônia vai conhecer um período terrível.

Isto provocou risos aos leitores. Nove meses depois todo mundo via suas previsões, verdadeira profecia. Durante a guerra as suas previsões espantaram os maiores chefes militares, pois que revelavam planos estratégicos secretíssimos.

Com dois dias de antecedência, êle anunciava aos americanos o desastre de Pearl Harbour. Mas, como era de prever, os advertidos não deram crédito ao aviso.

Quando Churchill teve ocasião de passar pelo Cairo, quis ver êsse profeta espantoso. E o Premier inglês ficou durante vinte minutos a conversar com o Mago, no gabinete dêste, a portas fechadas. Ao sair da entrevista, disse Churchill a seus amigos:

— Vamos conhecer dias sombrios; mas os Estados Unidos estarão dentro em breve a nosso lado, e no final dos sofrimentos, a vitória nos espera.

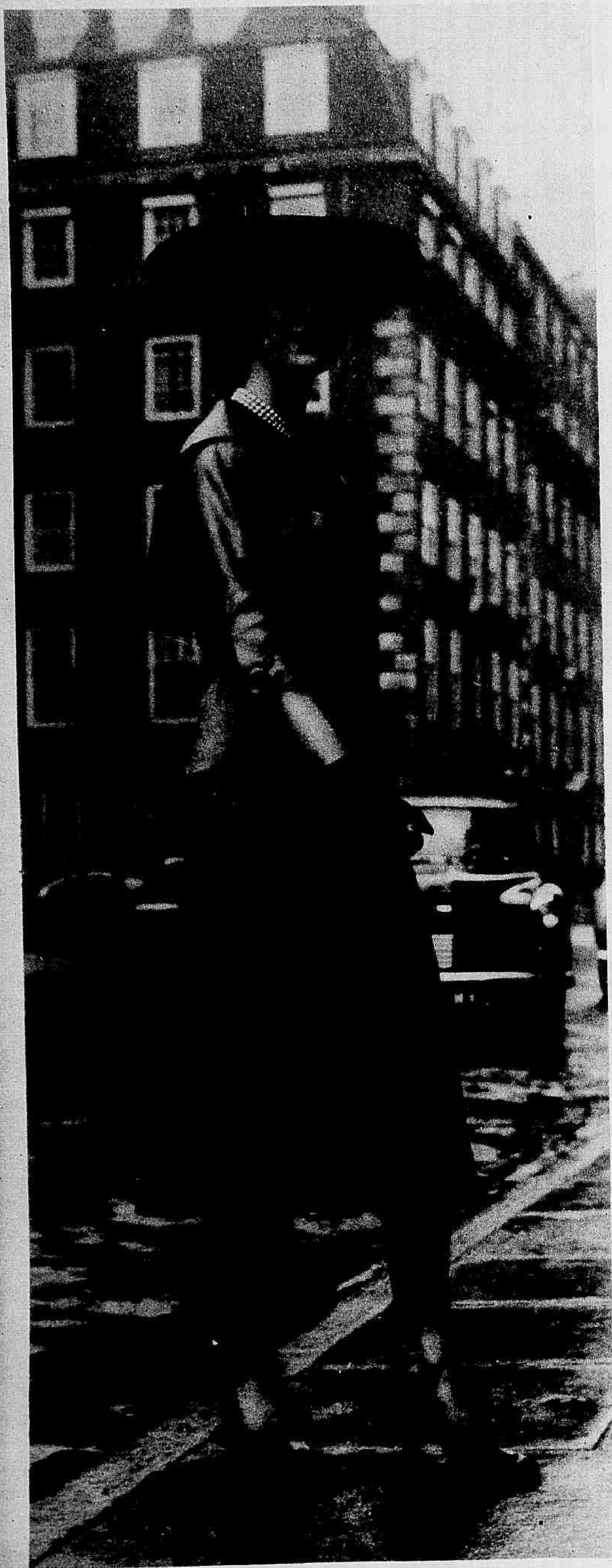
Depois Churchill escreveu, por vêzes, a Youssef el Miniaoui. Foi assim que soube, com muitos meses de antecedência, que seria vencedor nas eleições, e a data precisa em que seu rei ia morrer.

O MUNDO EM 1954: — As recentes previsões do célebre astrólogo se realizaram totalmente. Foi o primeiro no mundo a predizer a derrota de Mossadegh e a queda do sultão de Marrocos, o assassínio do rei da Transjordânia e o exílio de Farouk. Antes de deixar o Egito, Farouk declarou pùblicamente:

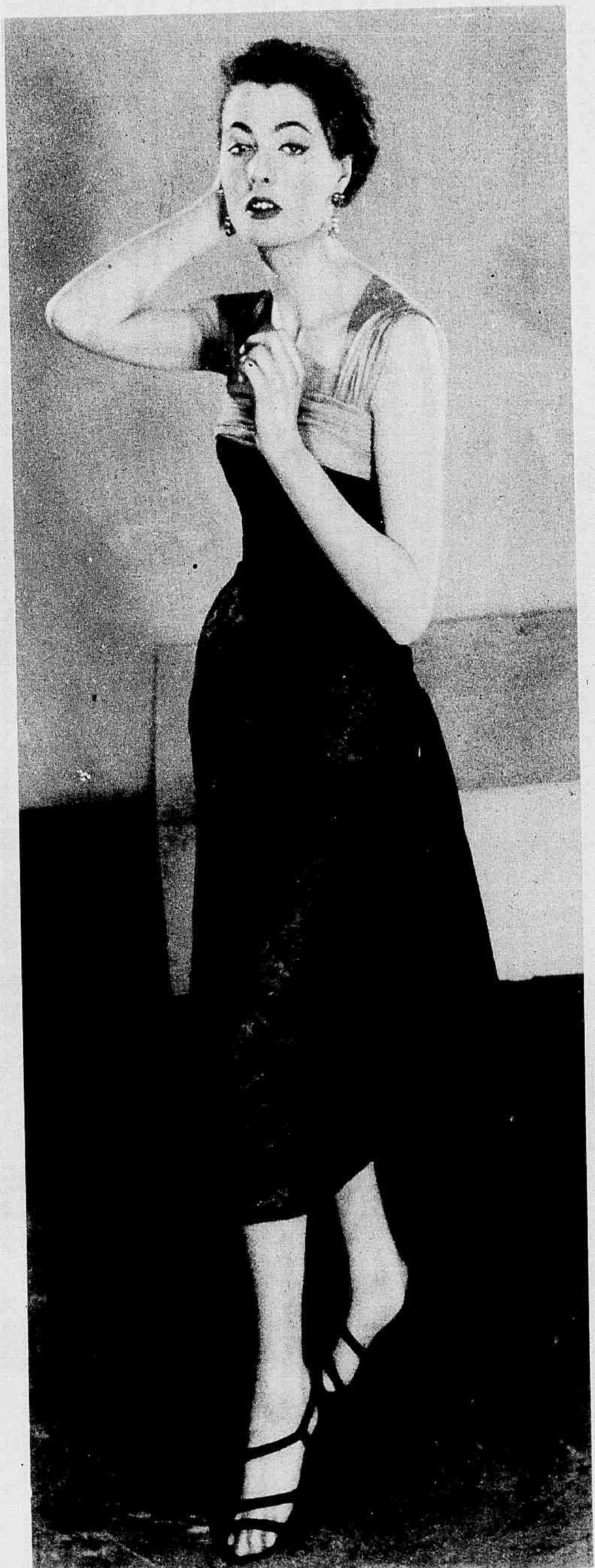
— Eu sabia que isso acabava assim. El Miniaoui mo havia dito.

O QUE PREVIU PARA ÊSTE ANO: — 1954 será, no seu conjunto, um ano calmo. Não rebentarão novas guerras. O maior acontecimento será a morte de um grande estadista inglês. O mistério dos discos voadores será definitivamente desvendado. Estranhas perturbações atmosféricas inquietarão os sábios do mundo inteiro. Durante o verão dêste ano terminará a guerra da Indochina, e a Coréia não voltará à guerra. Os conflitos terminarão no Oriente Médio e a paz voltará àquela parte do mundo. Os espíritos serão muito atraídos para o misticismo e veremos nascer uma nova religião, que alcançará rápido sucesso no mundo. Atos de terrorismo visarão chefes de Estado, dentre os quais o Sultão de Marrocos, que escapará ileso.





[illegible]



PATERSON — utilizou muito bem a renda negra, sôbre sêda verde, nesta criação para coquetel. Nas costas, um painel franzido acentua-lhe a elegância.





[redacted]

[redacted]

A SILHUETA LONDRINA

é leve e feminina

LONDRES — Maio (por Monique Renaux — correspondente exclusiva da «Revista», na Europa)

A primeira impressão, quando se assiste aos desfiles de moda realizados em Londres, é que as inglêsas estão aprendendo a se vestir e a tirar partido de sua conformação naturalmente esguia. Dizem mesmo que é influência da vaidosa princesa Margaret — cujos vestidos, confeccionados pelos melhores costureiros de Paris, estão servindo de inspiração aos criadores da moda londrina. Margaret está, assim, realizando na Inglaterra uma verdadeira revolução em matéria de elegância.

Os pontos principais, que chamam a atenção nos desfiles londrinos de moda, são:

● A preferência pelas tonalidades pastel, e, quanto ao tecido, pelo tule (usado em grande profusão) e as rendas; a grande quantidade de modelos bordados caprichosamente, em composições delicadíssimas.

● O uso de laços, flores, e véus nos chapéus, que são sempre de linhas muito graciosas, mesmo quando executados em estilos mais clássicos.

Êste ano não há em Londres uma batalha de moda, como no ano passado, quando as inglêsas protestaram contra a saia curta de Dior.

Nota-se sòmente alguma divergência nos vestidos de noite que alguns querem curtos (nos tornozelos) e outros bem compridos, até o chão.

CONVERSA DE MULHER

SEGREDOS DA POPULARIDADE

● Ser popular não depende apenas dos dotes que a natureza nos deu, mas é uma arte, e, como tôdas as artes, tem os seus segredos. Naturalmente, a **aparência** vale muito, mas não tanto a beleza. Movimentos graciosos, voz agradável, ar jovial, são essenciais. Depois disso, muita habilidade, e o conhecimento dêsses pequeninos segredos que fazem a mulher popular entre as amigas ou no meio familiar:

— ELA PENSA sempre em organizar divertimentos como piqueniques, reuniões, jogos. Todos se distraem quando está à frente de uma iniciativa assim.

— ELA PROCURA apresentar pessoas que têm interêsses afins e todos lhe são gratos por ajudá-los a aumentar os seus círculos de conhecimentos.

— ELA PEDE a opinião de suas amigas e parentes, para a solução de alguns pequenos problemas. Todos se sentem envaidecidos, porque ela leva em conta suas opiniões.

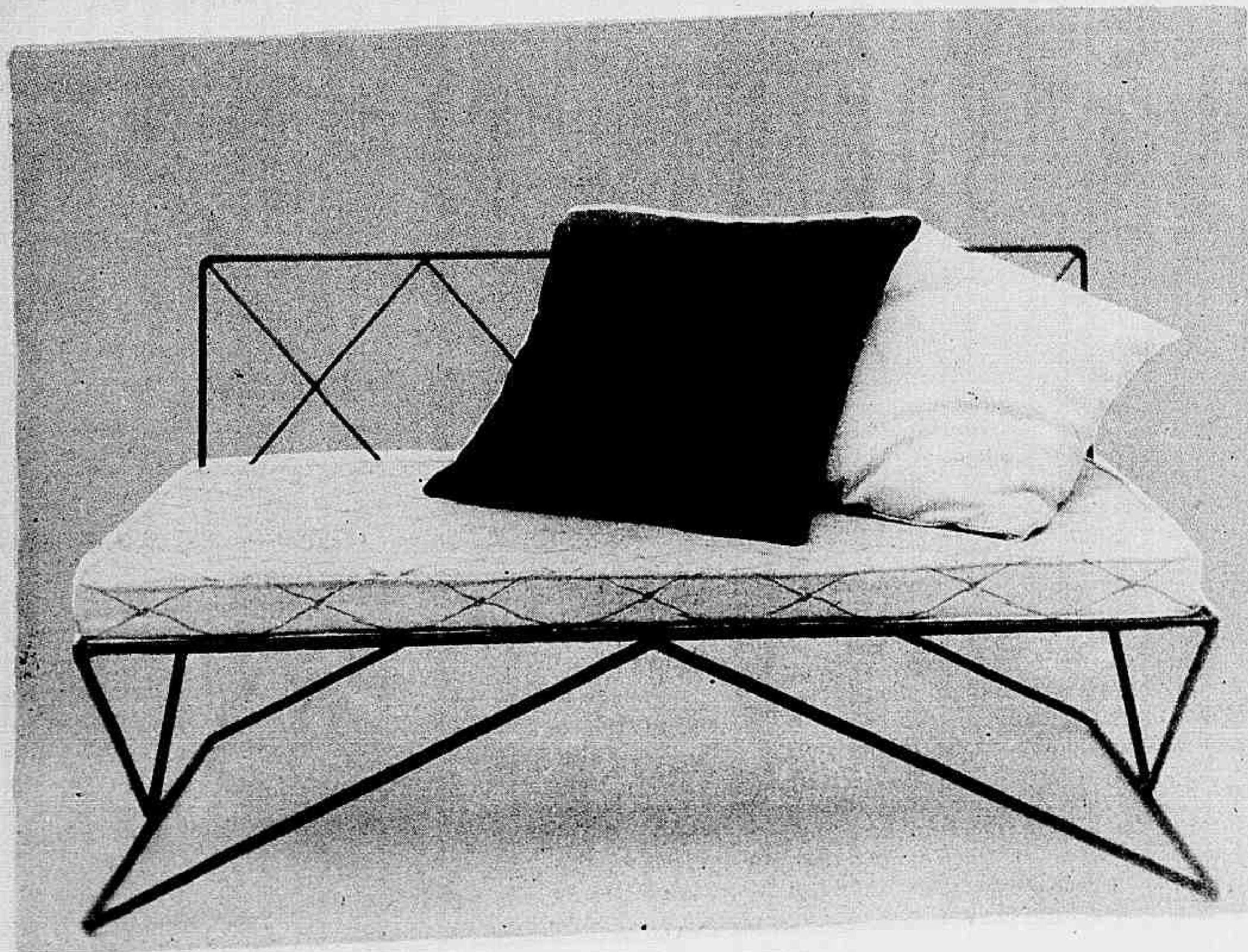
— ELA POSSUI um livro com anotações de aniversários, casamentos, etc.; e manda sempre congratulações a todos.

— ELA PEDE favores a suas amigas e presentes, e agradece, graciosamente. Todos gostam de prestar serviços, quando não o fazem por obrigação.

— ELA AVISA aos amigos da oportunidade de um emprêgo, de onde comprar mantimentos por preço menor, de um bom filme digno de ser assistido. Todos gostam das pessoas que se lembram dos seus interêsses.

— ELA NUNCA se esquece de agradecer aos convites, quer compareça ou não ao aniversário da titia, ou ao batizado do sobrinho. No primeiro caso pessoalmente, no fim da reunião, e no segundo, com um cartãozinho ou um telefonema. Lembra-se sempre de felicitar àqueles que foram promovidos, que passaram num concurso, ou fizeram um bom negócio.





Sugestão para o lar

● A preferência que se nota hoje em dia pelos móveis de linhas leves e «arejadas» não é apenas uma questão de simpatia pelo estilo. Há um motivo que justifica essa escolha: o mobiliário dêsse gênero, com armação transparente, repousando em poucas traves, e com poucos pontos de apoio, parece tornar maiores os aposentos pequenos.

Dentre o mobiliário leve, o ferro batido, com pintura a esmalte, se sobressai, não sòmente para varandas e terraços. Hoje é utilizado dentro de casa, em quase tôdas as peças. Veja, por exemplo, êste sofá-cama para quarto de rapaz: sólido, elegante e confortável. — NIKE.

WEEK-END NA COZINHA



● Uma ótima receita para você ter de reserva é êsse **arroz à italiana.** Requer poucos ingredientes e todos êles se encontram, habitualmente, em sua despensa. Será a solução para quando seu marido telefonar às seis e meia avisando que vai levar dois amigos famintos para jantar.

Misture duas xícaras de arroz, já cozido, com um pires cheio de queijo parmezão ralado. Acrescente 1/4 de xícara de pimentão picadinho, uma e meia xícara de suco de tomate, e tempere tudo com sal e pimenta, a gôsto. Arrume essa mistura numa travessa que vá ao forno.

Asse em forno moderado, cêrca de meia hora. Enfeite o prato com batatinhas fritas, por cima do arroz (como aparece na fotografia), e com pimentões, recheados com ôvo.

TIA DULCE

..e na geladeira

● Já experimentou preparar em casa CAFÉ VIENENSE? Ponha para ferver 7 copos dágua, tendo dentro 15 cravos e 1 pau de canela grandezinho. Quando ferver, tire do fogo, deixe descansar uns 5 minutos, e passe por um pano. Junte meia xícara de açúcar, e mexa, até que todo êle se dissolva. Ponha para gelar. Na hora de servir misture com uma colher. Arrume nos copos. Em cada copo, por cima, uma boa colher de creme de leite, com uma pitadinha de canela em pó. E' delicioso! (Dose para 6 a 8 pessoas).



UM POUCO DE BELEZA

TRATAMENTO CASEIRO PARA OS CRAVOS

● Os cravos, negros ou brancos, não são mais nada senão porções endurecidas do óleo da pele que obstruiu os poros. Se você está muito sujeita a cravos, o melhor tratamento é dar, semanalmente, à sua pele um banho de vapor, como se segue:

Encha uma bacia ou a pia, com água fervendo. Forme um cone com uma toalha, passando-a sôbre a cabeça e deixando cair dos lados. Mantenha o rosto sôbre a água fervendo, de forma a receber o vapor da água o mais perto do que você agüentar. Depois de algum tempo, sua pele estará macia, e os poros abertos. Será fácil retirar os cravos, sem muita dificuldade, apertando-os ligeiramente. Para expremer os cravos, envolva os dedos em gaze esterilizada. Com dois dedos aperte os cravos, ao mesmo tempo fazendo uma ligeira pressão para baixo. Depois de retirada a substância que formava o cravo, desinfete a região com um pouco de álcool, éter, ou água oxigenada. Para tornar a fechar bem os poros, banhe o rosto com água gelada, depois de ter retirado todos os cravos. Pode lavá-lo, também, com sabão mentolado, antes de enxaguá-lo na água gelada.

Júlia de Milo

USE DOIS PÓS — Para dar maior realce ao colorido natural de sua pele, use duas côres de pó. Aplique primeiro o mais claro como base. Deixe repousar um pouco, antes de passar o segundo, ligeiramente mais escuro, porém na mesma tonalidade.



DÉCIO ESCOBAR escreve à REVISTA DA SEMANA

"FUI VÍTIMA DE UMA MULHER SEM ESCRÚPULOS E DE UM DELEGADO INCOMPETENTE"

UMA LONGA CARTA DAQUELE QUE FÔRA APONTADO COMO ASSASSINO DO ENGENHEIRO LUÍS DELGADO CORRIGINDO DETALHES DE NOSSA REPORTAGEM E «DESTRANÇANDO TODO UM ENRÊDO DE CALÚNIAS».

● Senhor Diretor,

Em sua reportagem publicada na REVISTA DA SEMANA de 8 de maio de 1954, o repórter Francisco Ribeiro, lògicamente por não se tratar minha absolvição de assunto de seu particular interêsse, muito mal informou-se do que consta nos autos do processo crime contra mim movido pela Justiça de Minas Gerais. Poderíamos, convindo a V.S. o esclarecimento da verdade, fazer a devida verificação antes de entregarem-se mais, os repórteres, ao descuido de noticiar como definitivos os boatos e comentários ouvidos em mesa de bar... Resultaria em destrançar êsse enrêdo de calúnias onde um delegado incompetente e uma pouco escrupulosa mulher resolveram emaranhar-me, êle, dando vaza às suas frustrações e, ela, aos seus complexos sexuais e seus recalques.

Antecipo a V.S., conforme será averiguado em face dos autos do processo, se V.S. quiser representar o seu interêsse junto a êles, que:

1º) — Nunca fui declarado suspeito senão agora, por acusação de minha mulher no dia 31 de março de 1953, dia do meu aniversário natalício. Naquele tempo, em 1947, fui arrolado como testemunha informativa, simplesmente por eu conhecer Luís Delgado e morar seu vizinho, com apenas alguns metros de terreno baldio entre a sua e a minha casa.

2º) — Há, no primeiro volume dos autos, os depoimentos de duas outras testemunhas onde uma delas informa que Luís Delgado, reconhecido homossexual passivo, referia-se ao meu nome com ternura; a outra, diz que eu era pessoa das relações de Luís Delgado e que, por sensíveis manobras da polícia inquisidora, intencionalmente situada essa declaração entre outras que a testemunha fêz de sua própria homossexualidade, deixa no ar a dúvida de eu ser pessoa das relações da vítima ou pessoa que com ela mantivesse relações inconfessáveis. Foram apenas êsses depoimentos, apenas êsses dois depoimentos, que deram base (?) às deduções do delegado Mário Pinto Correia e às declarações injuriosas de minha espôsa contra mim. D. Yedda Lúcia ainda foi mais longe e atrevida, afirmando que eu estaria fichado na polícia como pederasta entre outros tantos!

3º) — E' dos autos uma formal negativa da polícia competente desmentindo essas afirmações de minha espôsa.

4º) — Nada mais consta dêsses autos em possível desabono de minha conduta moral; e disso dou fé em face da Justiça.

5º) — Nunca organizei ballets em Casa de Correção, mas, sim, reorganizei uma escola de alfabetização de adultos e da qual eu ainda sou professor; muito menos estive na Bahia, onde certa revista noticiou que eu me tivesse candidatado a deputado federal por aquêle Estado.

6º) — E' do último volume dos autos (4º volume), o depoimento da testemunha sr. Paim, prestado em juízo, onde essa testemunha declara ter visto D. Yedda Lúcia, ainda antes de seu casamento comigo, freqüentar uma casa de «rendez vous» na rua Piauí, nº 61, em Belo Horizonte, em companhia de um cavalheiro cuja identidade ela desconhece, mas que poderá identificá-lo a vista. Pesem essas declarações da testemunha Paim, eu afirmo e sempre afirmei que D. Yedda era donzela quando nos casamos, não importando minha afirmação em negar ou garantir degenerações sexuais em minha espôsa. E a testemunha Paim até hoje não foi contestada... mesmo porque mais outras coisas já são de seu conhecimento.

7º) — A carta, cuja cópia vai anexa, foi-me escrita de Belo Horizonte para La Paz por minha espôsa, doze dias depois de ela haver, segundo consta de suas declarações na polícia, em juízo e no Fôro Cível, ouvido em La Paz a minha confissão do horrendo crime sob justificativa minha de que eu teria assassinado Luís Delgado por êle «ser quem me havia iniciado nas práticas da pederastia e, como tal, o verdadeiro culpado de minha monstruosa perversão».

Eu, quando da volta de minha espôsa a La Paz, fui perguntado por ela se havia recebido a referida carta, aleguei que não — desinteressado que estava em considerar sua tentativa de reconciliação em face das minhas determinações de desquite. Essa carta foi suposta extraviada e, de posse dela, foi orientação de minha defesa guardá-la fora dos autos até quando fôsse lida em plenário.

Quanto a minha tentativa de desquite em outubro de 1952 no Rio de Janeiro, foi testemunha juramentada o dr. Roberto Limoeiro, do Fôro carioca.

Pode agora o leitor, porque eu peço a V.S. publicar as minhas palavras nas páginas de sua conceituada revista, aduzir as verdadeiras razões que teriam levado D. Yedda ao seu gesto policialmente chamado de denúncia contra mim.

Respeitosamente

Décio Escobar

Belo Horizonte, 8 de maio de 1954.

"A VIDA É UMA MARAVILHA, MEU QUERIDO"

Uma carta de d. Yedda Escobar ao seu marido escrita depois de tê-lo denunciado.

«TÓPICOS da carta de d. Yedda Lúcia para mim e que eu a fiz crer, ainda em La Paz e por óbvias razões, ter-se extraviado pelo correio internacional. Essa carta, manuscrita, foi enviada quando por ocasião de sua primeira viagem de volta ao Brasil, Belo Horizonte, viagem, essa, que d. Yedda declarou em seus depoimentos como tendo sido feita por motivo de seu desespêro e repugnância em face das minhas confissões de homossexualidade e homicídio... episódio, no romance de d. Yedda, que teria ocorrido poucos dias antes de 5 de julho de 1952, uma noite em La Paz, conforme suas próprias palavras nos três depoimentos. — DÉCIO ESCOBAR.»



Mansão dos Lírios, 17 de julho de 1952.

Meu grande amor,

Eis-me aqui nesta boa terrinha que me viu nascer, cercada por tudo que me é caro no mundo e, no entanto, com o coração pulsando dolorido pelas saudades imensas que tenho de você, aumentadas todos os dias.

A vida aqui está agradável e cheia de deliciosos momentos, mas em cada um dêles sinto a necessidade de sua presença aqui, meu amor, para viver comigo desta felicidade...

....

A vida é uma maravilha, meu querido!

....

Tenho sonhado muito com você, meu Décio, e em cada sonho eu me vejo mais e mais ao seu lado e mais sua.

Eu me pergunto milhares de vêzes o que estará você fazendo e se terá saudades minhas.

....

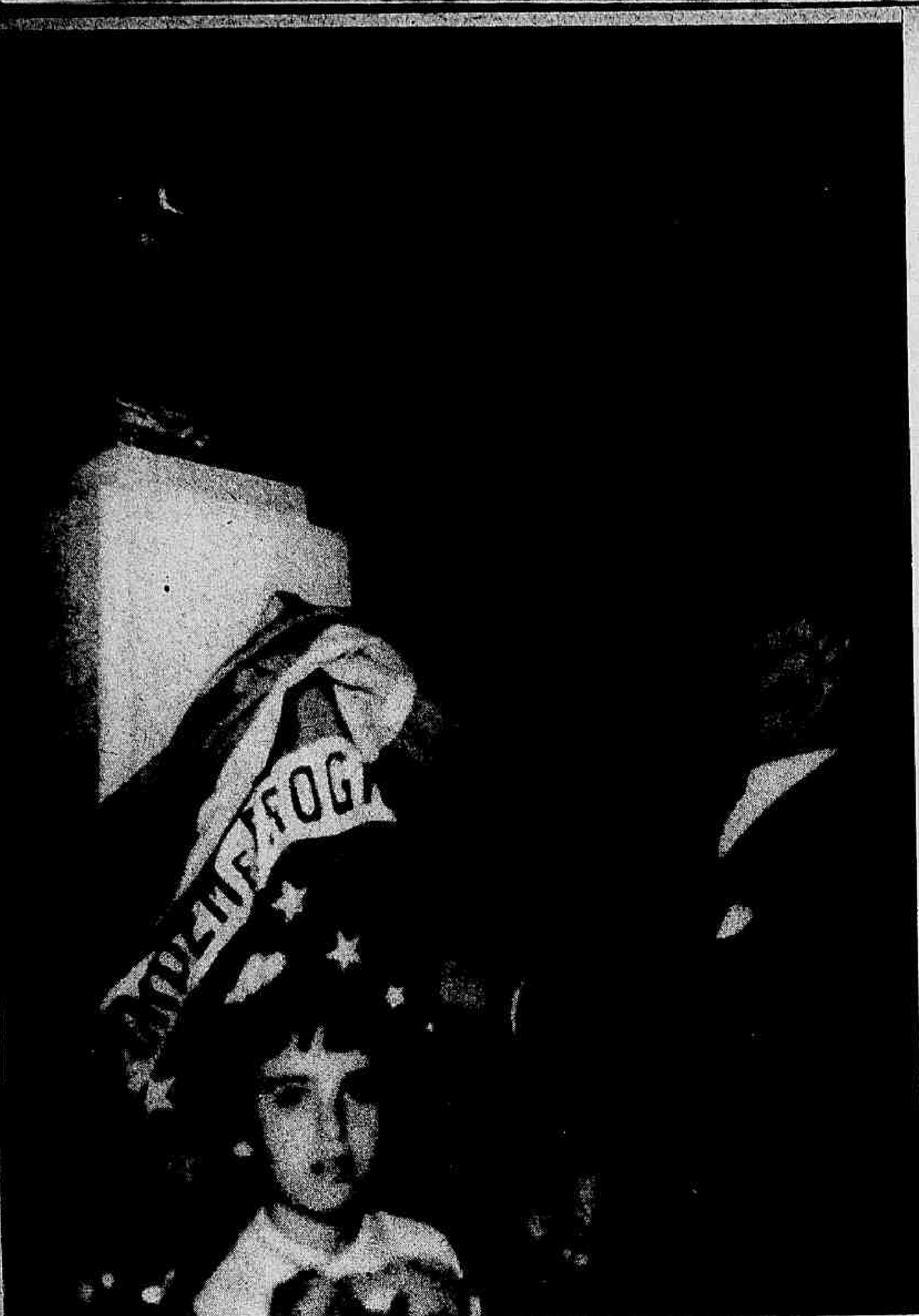
Sinto uma saudade doida de você e dentro de mim vivo a dor de o ter deixado só com a sua ânsia de Brasil e dos seus. Por isso minha alegria é triste e é por isso que eu me sinto mais aí do que aqui.

....

Com uma ternura imensa eu o abraço e beijo cheia de uma enorme saudade.

Amo-o!

Yedda Lúcia.



O governador Juscelino Kubitschek inaugura o busto do saudoso senador Custódio M. Ribeiro Junqueira.



O busto do governador mineiro tem a bandeira que o envolvia descerrada por uma professôra local.

LEOPOLDINA COMEMOROU FESTIVAMENTE

CEM ANOS DE TRABALHO E DE PROGRESSO

Reportagem de ADALBERTO MENDES

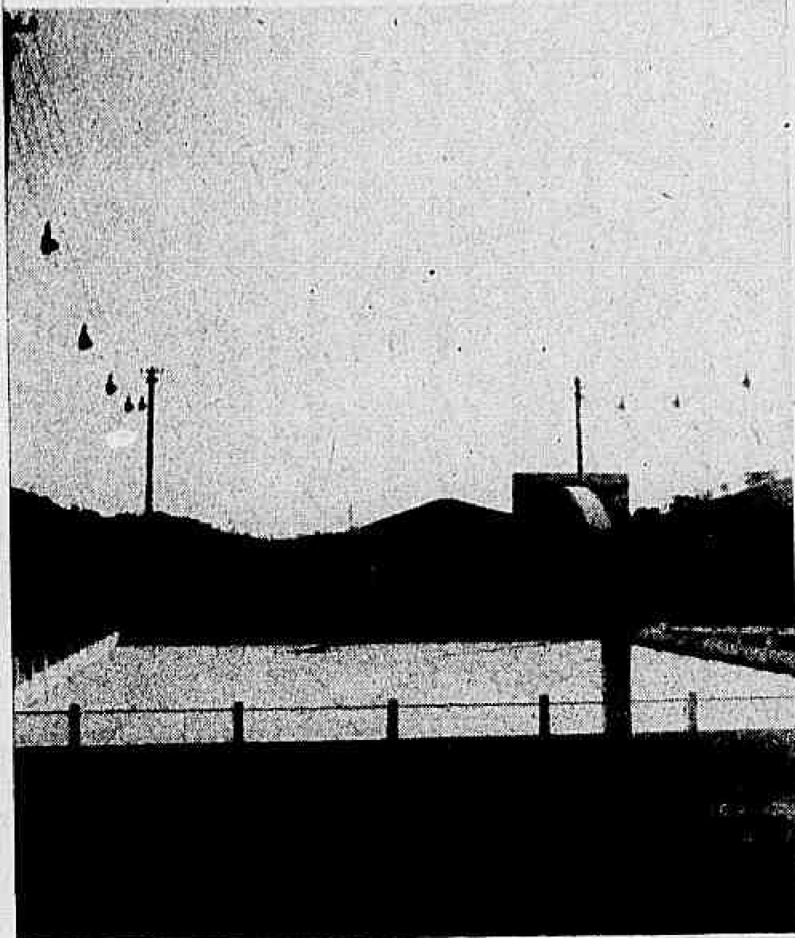
LEOPOLDINA, a grande cidade da Zona da Mata Mineira, centro agrícola e pecuário dos mais adiantados do país, vem de comemorar seu primeiro século de existência. Da moderna e progressista cidade de hoje, nada faz lembrar o antigo arraial do Feijão Cru — que foi o comêço de uma jornada gloriosa — a não ser a história dos pioneiros, que plasmaram na terra virgem, com seu labor e idealismo, os contornos de uma obra de rara envergadura. Hoje Leopoldina é uma esplêndida afirmação da operosidade e da inteligência dos homens que, de vários pontos, acorreram ao aceno da riqueza que emergia, tentadora, das suas opulentas colinas e vales, depois secundados pelos filhos da terra, que formaram os troncos ilustres das tradicionais famílias leopoldinenses — os Monteiro de Barros, Monteiro de Castro, Lacerda, Ferreira Brito, Neto, Fonseca, Reis, Vilela, Guimarães, Botelho, Ribeiro, Vieira, Junqueira, Fernandes, Lobato e outras tantas. Do pequeno sítio de um soldado desertor, Leopoldina transformou-se num imenso palco das mais variadas atividades humanas. Seu nome hoje é conhecido em todo o Brasil, principalmente pela excelência dos seus rebanhos leiteiros, cujos produtos se espalham por todo o país, pelos tecidos que a sua moderna indústria têxtil igualmente exporta em larga escala, pela sua considerável produção agrícola, pela organização bancária própria, ramificada em vários Estados, enfim por uma invejável estabilidade financeira, reflexo natural de uma operosidade sem pausas nem desfalecimentos.

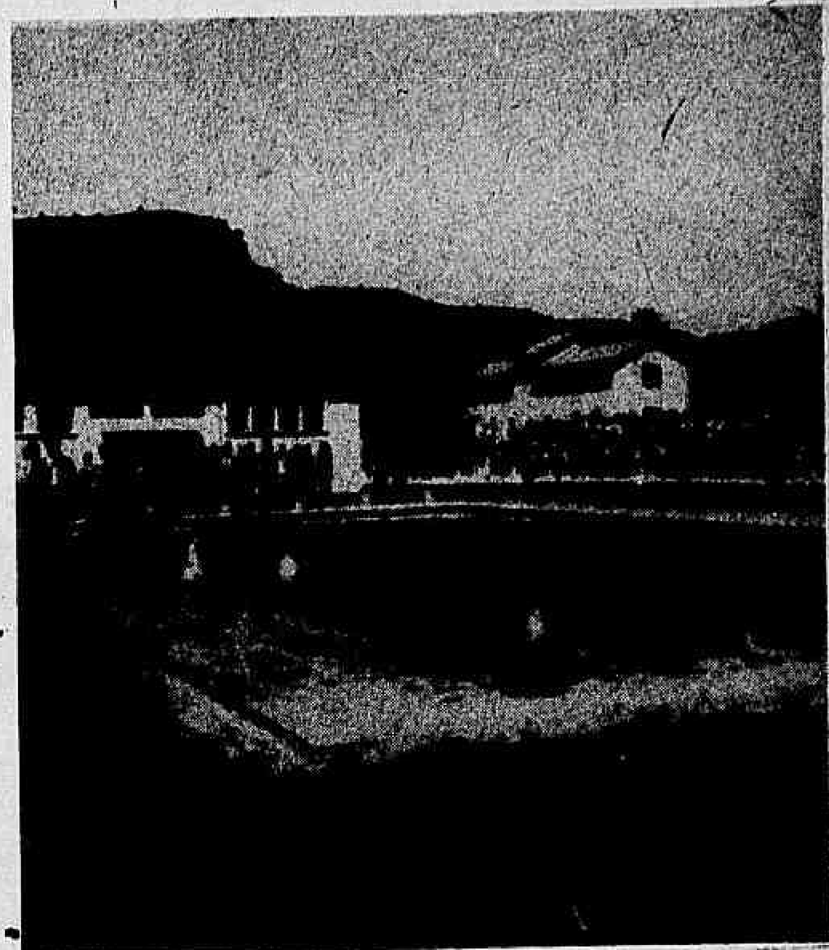
Donos de uma história dos mais belos feitos, e de uma tradição das mais honrosas, os leopoldinenses comemoraram seu primeiro século de existência com as galas dos grandes acontecimentos. Oito dias de festividades encheram a



Aspecto do grande banquete oferecido pelo Município de Leopoldina ao governador Juscelino Kubitschek de Oliveira e ilustres visitantes.







A inauguração da Praça de Esportes foi um acontecimento de inegável brilho. À esquerda, vemos o governador mineiro sendo cumprimentado por um atleta mirim. Ao centro, um detalhe da praça com a quadra de «baskett-ball», e à direita outro aspecto, vendo-se a bela piscina.

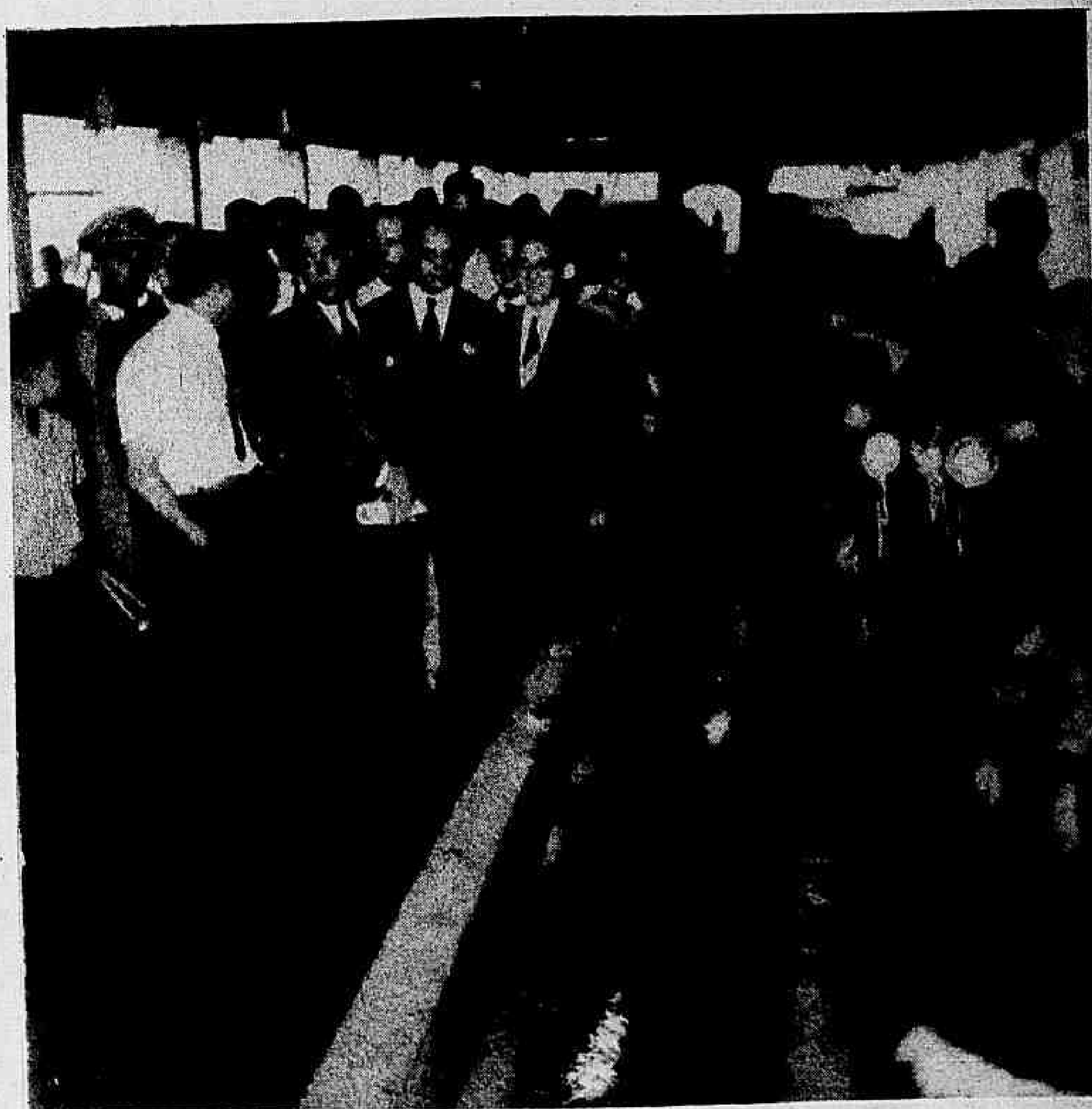
cidade centenária de ruidosa alegria, compartilhada pelos que acorreram a saudá-la e a participar dos seus justos contentamentos. A presença do governador de Minas Gerais e de altas autoridades estaduais e federais, entre estas o representante do Presidente da República, concorreram para o brilhantismo das comemorações, tôdas realizadas com o maior entusiasmo e animação. A grande Exposição Agro-Pecuária; os encontros de «foot-ball» entre categorizadas equipes do Rio e Belo Horizonte e os clubes locais; os magníficos «shows» de famosos artistas do rádio carioca, exibidos naquele certame, no Clube Leopoldina e nas agremiações operárias; o concêrto da Orquestra Sinfônica de Belo Horizonte; a grandiosa procissão noturna de São Sebastião; a inauguração dos bustos do governador Juscelino Kubitschek e do saudoso Custódio M. R. Junqueira; o banquete ao chefe do govêrno mineiro; a inauguração de obras públicas entre as quais se destacam nìtidamente a Praça de Esportes, o Grupo Escolar «Augusto dos Anjos» e a Praça da Bandeira; a sessão solene na Câmara Municipal; a reunião do Rotary Clube; os bailes nos clubes recreativos, constituíram, além de outros pontos de um extenso programa, as notas de realce que engalanaram os dias festivos das comemorações centenárias de Leopoldina, vividos intensamente pelos seus filhos e por todos os que com êles participaram das alegrias e da exaltação cívica que antecederam e se seguiram ao dia 27 de abril de 1954, data que ficará nos fastos da história leopoldinense como um marco luminoso a guiar os seus superiores destinos.



O Grupo Escolar «Augusto dos Anjos», cuja inauguração foi presidida pelo chefe do govêrno de Minas Gerais.



O vice-governador Clóvis Salgado, de Minas Gerais, inaugura a XVIII Exposição Agro-Pecuária de Leopoldina.



O governador Juscelino Kubitschek de Oliveira visitando um dos pavilhões de gado leiteiro da XVIII Exposição.



O «TENENTE» GREGÓRIO ACHA QUE ELA E' MELHOR DO QUE A «ESTRÊLA» MARYLIN MONROE.



LIANA DUVAL 100 % ATÔMICA

NÃO VIVE «NADANDO EM DINHEIRO», QUER «SOMBRA E ÁGUA FRESCA», LEVA (NA GANGORRA) «UMA VIDA PARA DOIS» E É «CRAQUE»

Reportagem de ÁLVARO PRADO

PING — Altura
PONG — 1,60

PING — Pêso?
PONG — 50 quilos

PING — Cintura?
PONG — 55

PING — Idade?
PONG — Novinha.

PING — Gostaria de ter nascido carioca?
PONG — Estou bem como paulista. Mas, o que importa é ser brasileira.

PING — Gosta de «pé de moleque»?
PONG — Quando menina, sim. Agora...

PING — Que acha dos homens?
PONG — Já disse que são irritantes, desalmados, pérfidos, intoleráveis mas... que falta nos fazem!

PING — Que tal Anselmo Duarte?
PONG — Bonzinho, não é?

PING — Anda de bicicleta?
PONG — Sim, em favor do físico.

PING — E no arame?
PONG — Às vêzes.

PING — Como vamos de religião?
PONG — Sou crente em Deus.

PING — Se você fôsse uma gata, dormiria no fogão?
PONG — Sim, mas como não sou... prefiro um macio colchão de molas. O que interessa é dormir.

PING — Qual o homem mais feio que conhece?
PONG — Mas você é indiscreto...

PING — Quando pretende casar?
PONG — Antes de chegar aos 40.

PING — Qual o seu tipo de homem preferido?
PONG — Se pudesse escolher, pegaria um gago, porque enquanto êle dissesse uma palavra eu diria três...

PING — Que acha da política?
PONG — Só a da boa vizinhança... o resto é conversa.

PING — E dos políticos?
PONG — Tenho minhas preferências por «Joãozinho (Jango) boa pinta», Garcez «bom sujeito», Ademar «boa praça» e Munhoz «bonitão».

PING — E das mulheres, que acha?
PONG — Sou mulher...

PING — Qual o maior elogio que já recebeu?
PONG — Do tenente Gregório, que me comparou com Marylin Monroe.

PING — Se não fôsse artista de cinema, que gostaria de ser?
PONG — De circo (o que dá na mesma).

PING — Quais as coisas que mais detesta?
PONG — Levantar cedo, trote telefônico, elogio a queima roupa e falar nos filmes que já fiz.

PING — E do que mais gosta?
PONG — Receber presentes, viajar, dormir e falar da vida alheia.

PING — Que mais aspira no mundo?
PONG — Ficar rica, ora essa!

PING — Se você fôsse homem, com quem gostaria de parecer?
PONG — Kirk Douglas.

PING — Está satisfeita com os papéis que tem desempenhado?
PONG — Não. A minha oportunidade ainda não apareceu.

PING — Se você tivesse que passar as férias na Suíça, quem levaria como secretário?
PONG — Você gostaria de ir?

PING — Xevtylmxsw?
PONG — Cprtywqzxb... xxxxt!

PING — Conhece alguém mais prêto que o Grande Otelo?
PONG — Só o negativo.

PING — Se estivesse numa ilha deserta, com fome, comeria carne de gente?
PONG — Sim, para sobreviver.

PING — E quem, de preferência, comeria?
PONG — Você não serviria. É magro de mais. Mas o Antônio Maria... êste ia direitinho.



No palco, Liana Duval é uma fogueira viva. E filme em que toma parte é sempre um sucesso de bilheteria.



Êste banho, ousadíssimo, enfrentou bravamente a censura e acabou vencendo o mau olhado.

INFORMAÇÃO—BASE DE SUCESSO

● O homem de negócios moderno, seja qual fôr sua atividade, precisa estar, acima de tudo, bem informado.

Das pesquisas, dos estudos que levam a um conhecimento total de seu campo de ação, depende a possibilidade de sucesso.

Feita para bem informar o homem de negócios, a revista **PN** condensa em suas páginas matéria de grande utilidade, apresentada de maneira prática e eficiente, através de depoimentos, estudos, noticiário e reportagens.

O Senhor, que precisa acompanhar de perto os principais acontecimentos de ordem econômica, ficando em dia com os assuntos de Vendas, Mercados, Propaganda, Imprensa, Rádio e TV, verá que a leitura permanente de **PN** lhe será especialmente útil.

Comece a receber **PN** a partir de sua próxima edição, bastando para isto preencher o cupom abaixo. A assinatura de **PN** inclui, sem qualquer ônus, o Anuário de Imprensa, o Anuário do Rádio e o Anuário de Publicidade.

À
Empresa Jornalística **PN** S/A.
Av. Rio Branco, 117 — 3º andar — sala 323
Distrito Federal

Desejo receber quinzenalmente a revista **PN** bem como os três Anuários, na época de sua circulação, para o que estou anexando em cheque (Vale Postal) a importância de

Cr$ 200,00 para um ano
Cr$ 350,00 para dois anos (economizando Cr$ 50,00)
Cr$ 500,00 para três anos (economizando Cr$ 100,00)

Nome ....

Endereço ....

Cidade .... Estado ....

Assinatura ....

PN — A REVISTA DOS QUE PRECISAM ESTAR BEM INFORMADOS



Óleo de Peroba

BÉL-HORMON

A BELEZA DOS SEIOS

Quando o busto fôr insuficiente ou sem firmeza, use BÉL-HORMON nº. 1 e quando fôr, ao contrário, demasiadamente volumoso, use BÉL-HORMON nº. 2. BÉL-HORMON, à base de hormônios, é um preparado moderníssimo, eficiente, de aplicação local e resultados imediatos. Adquira-o nas farmácias e drogarias ou pelo Correio.



Distribuidores para todo o Brasil: Sociedade Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Rua da Carioca, 33 — Rio de Janeiro.

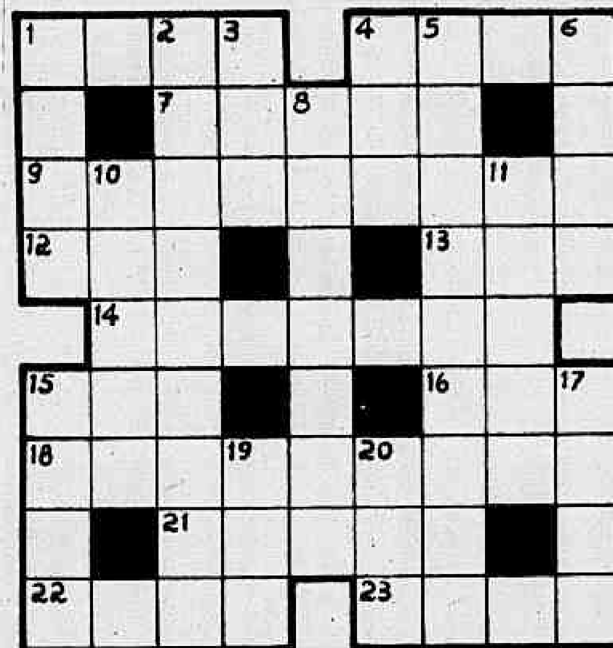
Soc. Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Queiram enviar-me pelo Reembôlso Postal um vidro de "BÉL-HORMON" Nº.......
NOME..........
RUA.......... Nº.....
CIDADE..........
ESTADO..........

Preço para todo o Brasil: Cr$ 50,00

Palavras Cruzadas

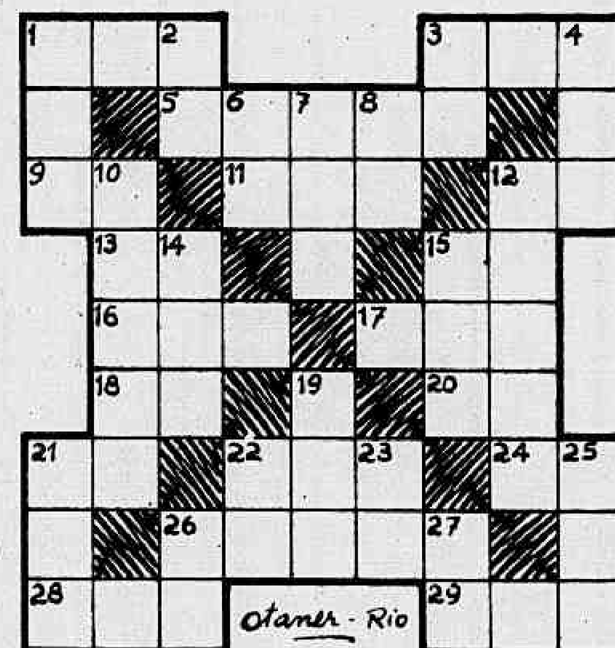
PROBLEMA Nº 16

PARA VETERANOS — Horizontais: — 1. Defesa — 4. Resina vermelha extraída das sementes de algumas leguminosas — 7. Tornam-se célebres — 9. Rebatera a estocada no jôgo da esgrima — 12. Ave da família dos Cuculídeos — 13. Cérceo — 14. Ferrugem das searas, produzida por uma espécie de cogumelo — 15. Árvore leguminosa-cesalpinácea — 16. Gênero de formigas — 18. Viajante — 21. Audácia — 22. Espécie de crustáceo — 23. Lama.



Verticais: — 1. Instrumento de matemática — 2. Brotar abundantemente — 3. Fútil — 4. Unidade monetária da Letônia — 5. Mestre das jangadas grandes — 6. Peias — 8. Difusão de substâncias líquidas através de uma membrana (pl.) — 10. Congênita — 11. Obrigação de cumprir penitência dada pelo confessor — 15. Arame com que se envolve junto à linha, para esta não ser fàcilmente cortada (pl.) — 17. Manojo de lã que se põe de uma vez na roca — 19. Muito — 20. Camareira.

PARA NOVATOS — Horizontais: — 1. Naquele lugar — 3. Quer bem — 5. fazer versos — 9. Artigo feminino plural — 11. Semelhante — 12. Perversa — 13. Sufixo designativo de autor — 15. Nota musical — 16. Ente — 17. Órgão secretor da urina — 18. Dois romanos — 20. Ali — 21. Ama-sêca — 22. Época — 24. Abreviatura de réis — 26. Gostara — 28. Chefe etíope — 29. Óxido de cálcio.



Verticais: — 1. Lavra — 2. Seguir — 3. Brisa — 4. Liga — 6. Elegância, distinção — 7. Oceano — 8. Outra coisa — 10. Indivíduo parecido com outro — 12. Amimar — 14. Monarca — 15. Um milhar — 19. Reza — 21. Botequim — 22. Preposição — 23. Atmosfera — 25. Condimento — 26. Pessoa exímia — 27. Antes de Cristo.

SOLUÇÕES DOS PROBLEMAS Nº 15

PARA VETERANOS

Horizontais: — **coró — cras — uca — ero — iamologia — itã — fé — em — ore — encomenda — caa — tal — aura — mora.**

Verticais: — **cuim — ôca — ramificar — regimento — Ari — soar — ote — lã — erê — Meca — Om — dala — nau — dar.**

PARA NOVATOS

Horizontais: — **oral — mêdo — remar — só — riu — ta — ora — ter — dia — sem — pés — mês — em — ama — rã — ocara — erra — área.**

Verticais: **osso — ar — ler — mau — Er — orar — mil — ordem — temer — ais — tem — pede — uma — sara — aca — or — ar.**

Quer ser escritor?

Inscreva-se no CURSO DE LITERATURA, ESTILÍSTICA E PORTUGUÊS por correspondência, sob a direção de RENATO DE ALENCAR — Cartas para Rua Visc. Maranguape, 15 — Lapa — Rio — para remessa do programa e bases do Curso.

OS funcionários, operários, diretores e todo pessoal das Indústrias REI reuniram-se para a inauguração da erma do seu fundador, Sr. Hans Wacker. Esta cerimônia foi uma carinhosa homenagem da parte dos que tiveram a satisfação de trabalhar sob a orientação do Sr. Wacker. Nos discursos proferidos, nas flores oferecidas pelos seus trabalhadores, ficaram bem claros os gestos de simpatia e amizade de seus subordinados, fatôres de êxito dessa grande indústria.

O Sr. Wacker ainda jovem quando chegou ao Brasil em 1928 nada possuía a não ser o seu ideal, suas esperanças e sua fé no futuro. Fundou as Indústrias REI, a primeira fábrica a se instalar no Município de Caxias. Daí para cá tudo fêz para o progresso da nossa indústria. Sempre a par dos problemas do país, dos interêsses dos pequenos, conseguiu transformar a REI na perfeita organização de que hoje todos se orgulham. Os que se reuniram para reverenciar a memória do Sr. Hans Wacker vieram demostrar o afeto do homem que tudo fazendo pelo progresso da indústria em Caxias contribuiu para o engrandecimento da indústria brasileira.



A Snra. Erna Wacker no momento em que descobria a erma de seu espôso, Snr. Hans Wacker, fundador das Indústrias REI H. Wacker S.A.

HANS WACKER, PIONEIRO DA INDÚSTRIA



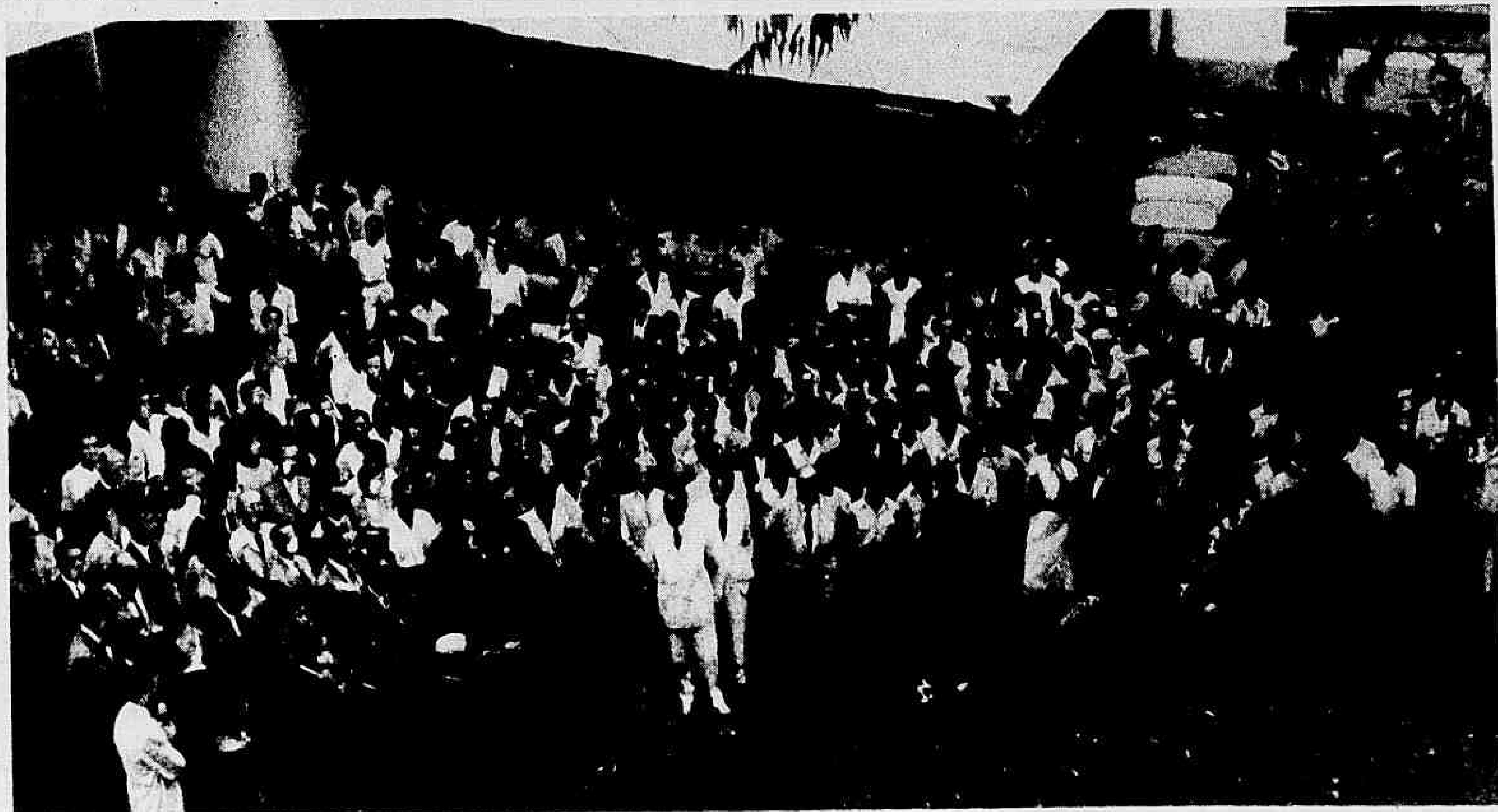
O Senador Alfredo Neves, grande amigo da família Wacker, enaltece a figura do sr. Hans Wacker, pioneiro da Indústria em Caxias, pela dedicação aos seus operários e pelo carinho ao Brasil.

•



Hans Roloff e Fritz Engel, respectivamente Diretor Gerente e Diretor Técnico são os continuadores da obra de Hans Wacker nas Indústrias REI, a quem não falta a inspiração constante da Snra. Erna Wacker.

•



Funcionários, operários, todo pessoal das fábricas REI reunidos para reverenciar a memória de seu chefe falecido.

O LIVRO DA SEMANA

"A NOSSA VIDA SEXUAL"

OTTO SCHNEIDER

● «O instinto sexual tem tanto que ver com a moral como a fome. Se fôssemos queixar-nos de nossos tormentos sexuais aos animais do bosque, êles ou nos tomariam por doentes ou romperiam num riso de môfa contra a sexualidade humana» — diz o dr. Fritz Kahn na sua famosa obra «A Nossa Vida Sexual» que a Editôra Civilização Brasileira acaba de publicar em nova tiragem (336 páginas).

Para aquêles que, errôneamente orientados, confundem sexo com imoralidade, vamos acrescentar: moralidade, e imoralidade, e sexo, são duas coisas completamente distintas. Moralidade quer dizer: cumprir o sentido da existência no âmbito da comunidade, sem prejuízo para os outros. Imoral é todo ato que ofender essa lei básica. Outra espécie de imoralidade não existe.

— «O instinto sexual — lembra o dr. Fritz Kahn — é uma fôrça elementar da Natureza, como a água que mana da terra e o fogo chamejante. Está em nós, sòmente em nós, queimarmo-nos nêle ou apenas nos aquecer, provcar incêndios ou trazê-lo como facho de luz através da escura noite do Ser» . . .

Isso para aquêles — sejam pais ou educadores — que ainda não compreenderam, ou entendem erradamente, a necessidade do esclarecimento sexual dos seus filhos ou pupilos que estão prestes a enfrentar a vida e para quem o sexo já não deve constituir simples objeto de curiosidade proibida.

O PROBLEMA DA PROCRIAÇÃO

Um dos capítulos mais impressionantes do livro é o que fala sôbre os diversos aspectos relacionados com o problema da procriação: fecundação, regularização da natalidade, abôrto provocado, meios de evitar a concepção, e esterilidade. Segundo o dr. Fritz Kahn, os conhecedores avaliam em cêrca de cinco milhões o número de abortos praticados anualmente em 12 países da Europa ocidental. Em todo o mundo morrem diàriamente mais de 500 mulheres das conseqüências das práticas abortivas. No sexo feminino, o abôrto ocupa o primeiro lugar entre as causas da morte. Morrem três vêzes mais mulheres em conseqüência de abôrto que de tuberculose, e duas vêzes mais que do tão temido câncer. E enquanto êste fere de preferência mulheres idosas, que já viveram a sua vida, de abôrto morrem exclusivamente mulheres em pleno período de viço e fertilidade . . .

QUE ADIANTAM AS LEIS?

Em quase todos os países ditos civilizados, a interrupção da gravidez, sem ser por motivos de ordem médica, é proibida severamente. Também tôdas as religiões (pelo menos as de inspiração cristã) proíbem estritamente essa prática. Na realidade, porém, essas leis não têm o menor efeito. Os entendidos são unânimes em reconhecer que as leis penais não conseguem impedir sequer 1% (um por cento) dos abortos, e que só uma percentagem ainda menor chega ao conhecimento dos juízes e recebe a punição devida. Donde se conclui que não há lei penal capaz de resolver o problema.

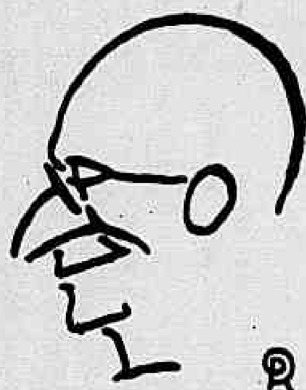
EM VEZ DE CASTIGAR . . .

A solução é uma só: em vez de castigar aquêles que matam a vida incipiente, dar-lhes a possibilidade de contornar o problema. Quanto aos meios, sabe-se que são muitos, e sua escolha depende da conveniência, indicação médica, e orientação moral do indivíduo. A própria Igreja Católica, em face de tão grave problema, já se pronunciou sôbre o método que ela considera admissível. Não nos cabe aqui entrar em pormenores. O dr. Fritz Kahn, com seus mais de 25 anos de prática como médico especialista, discorre pormenorizadamente sôbre os diversos métodos, sua eficácia, conveniência ou nocividade.

EM RESUMO:

Eis, em resumo, a estrutura de «A Nossa Vida Sexual»: As funções sexuais — As relações sexuais — A higiene da vida sexual — O problema da procriação — Os transtornos da vida sexual — As doenças da vida sexual — A prostituição — A vida sexual dos jovens — A vida sexual dos solteiros — A solução do problema sexual.

Fichário



● «O Milagre de São João», por Catulo da Paixão Cearense, agora em 6ª edição pela Livraria Para Todos, com capa desenhada por José Correa de Moura. O volume contém uma poliantéia sôbre Catulo, organizada e anotada por Guimarães Martins. Também já se encontra no prelo o 1º volume da seleção de algumas das mais famosas canções (letra e música) do imortal poeta do «Luar do Sertão». A propósito, transita pela Câmara dos Deputados um projeto de lei de Osvaldo Orico, mandando desapropriar as obras poéticas de Catulo, cujos direitos autorais foram adquiridos por Guimarães Martins ainda em vida do poeta. Uma das alegações do deputado é que as obras de Catulo não se encontram nos livreiros. O que não é verdade. Tudo indica que o projeto de Osvaldo Orico vai morrer por falta de base. Neste sentido, ainda recentemente, pronunciou-se Gondin da Fonseca, tomando com energia a defesa de Guimarães Martins.

● ARMINDO PEREIRA, ficcionista sergipano, nasceu com a literatura nas veias. Vários contos de sua autoria mereceram excelente classificação nos concursos literários de que participou. Mais ambicioso, lançou-se ao romance, escrevendo «Flagelo», lançado há pouco pela Organização Simões. É um dos mais fortes romances ùltimamente publicados sôbre os angustiantes problemas sociais das populações nordestinas: o drama dos retirantes, o cangaço, a fome . . . De Armindo Pereira, as letras nacionais ainda deverão esperar grandes livros.

● SÍLVIO ROMERO, em nova edição. Acontecimento editorial que vai figurar entre os maiores do ano, é o reaparecimento, pela Editôra José Olímpio, do «Folclore Brasileiro» e da «História da Literatura Brasileira», de Sílvio Romero, num total de oito volumes. Os três primeiros, sôbre o Folclore, vêm anotados por Luís da Câmara Cascudo, e trazem ilustrações de Santo Rosa. A 5ª edição, em 5 volumes, da «História da Literatura Brasileira», foi organizada e prefaciada por Nelson Romero.

As horas

Horas claras, diáfanas e mornas,
de festivas manhãs de primavera,
De noivados felizes como os ninhos...
Horas de cristal...

Horas frias, geladas, pardacentas...
Horas plúmbeas de inverno...

Horas negras, sombrias como as noites...

Horas silenciosas, horas mudas,
Horas que sussurram, que falam, e gritam,
[e choram, e soluçam,
E repetem o eco das paixões desabaladas,
E clamam aos céus contra as injustiças dos
[homens sôbre a terra...

Horas longas, que se arrastam, tardigra-
[das, inacabáveis, apagadas,
Horas céleres, que passam com a vertigem
[luminosa dos relâmpagos...

Horas-momento;
Horas-eternidade...
Horas-momento: em que os teus olhos úmi-
[dos e as tuas mãos e a tua voz me
[acariciam...
Horas-Eternidade: em que as minhas mãos
[te procuram, e a minha voz te chama,
e os meus olhos secam de tanto te buscar
[no meu caminho...

JÔNATAS MILHOMENS

Trinta e duas campeãs no "scratch" feminino

ELAS NÃO PERDEM PARA OS HOMENS

A mulher brasileira de hoje conta, em todos os setores da vida nacional, com uma representante de mérito; e ainda dispõe de graciosas armas das quais os marmanjos não podem lançar mão

ROMANCE





RAQUEL DE QUEIROZ e DINAH S. DE QUEIROZ:
Os homens não escrevem melhor.

ELEGÂNCIA





SRAS. VICENTE GALLIEZ e CECIL HIME:
Vestir bem é ciência e mágica.

EDUCAÇÃO





LÚCIA MAGALHÃES e HELENA ANTIPOF:
Não há aluno difícil.

POESIA





CECÍLIA MEIRELES e ADALGISA NERY:
A poesia na própria fonte.

BALLET



BEATRIZ CONSUELO e EDITH PUDELKO:
Pavlova gostaria delas.

SELECIONEM-SE, na hora presente, os dois "scratchs" da vida nacional, o masculino e o feminino, e se os ponha frente à frente, para uma disputa de méritos, talentos e gênios. Seria um prélio acirrado, equilibrado, partida mais difícil e de desfecho mais problemático do que o mais inflamado e afiado dos "fla-flus". As mulheres do Brasil de hoje estão definitivamente incorporadas à vida nacional: dela participam, as melhores, como representantes autênticas de uma mentalidade nova e como provas irrefutáveis de que os dotes femininos, embora revistidos daquela forma grácil que é a arma melhor

REVISTA



VIRGÍNIA LANE e NÉLIA PAULA:
Pernas que valem milhões.

BELEZA



INALDA DE CARVALHO e LILI MARLENE:
A miss (Cinelândia) e a rainha (Carnaval).

NATAÇÃO



WANDA DE CASTRO e ISA DE ALMEIDA:
nado de frente e nado de costas.

RÁDIO



ANGELA MARIA e ARACI DE ALMEIDA:
Bossa é melhor do que voz.

do gênero, podem perfeitamente ombrear com os congêneres masculinos. Ombrear com êles e, muitas vêzes, enfrentá-los, vencê-los e superá-los.

O leitor terá uma prova visual disso passando os olhos por esta página e pelas páginas que se seguem. Alinhamos aqui um conjunto de trinta e duas representantes da mulher brasileira — desde a senhora rica e "simplesmente" elegante à escritora de fama ou à atleta vencedora de recordes. Trinta e duas campeãs — com marcas e conquistas que nada ficam a dever a brazões similares conquistados pelos homens.

MÚSICA



MADALENA TAGLIAFERRO e GUIOMAR NOVAIS:
Schumann gostaria delas.

CINEMA



ELIANE LAGE e GLAUCE ROCHA:
A graça resiste aos maus diretores.

TEATRO



DULCINA DE MORAIS e RUTH DE SOUSA:
O talento não tem côr.

BOITE



ANGELITA e NANCY VANDERLEI:
Platéias de olhos e sorrisos.

POLÍTICA



IVETE VARGAS e CONCEIÇÃO SANTAMARIA:
A política não tem sexo.

FOI BATE-PAPO INÓCUO OU FOI BATALHA CORAJOSA?

CARACAS NO BANCO DOS RÉUS

DEZ PERGUNTAS DA «REVISTA DA SEMANA» QUE PODERIAM SER RESUMIDAS NUMA SÓ: «QUAL A POSIÇÃO EXATA DO BRASIL NA X CONFERÊNCIA PANAMERICANA?»

Reportagem de FRANCISCO RIBEIRO

● O sr. Vicente Rão está prestes a comparecer à Câmara dos Deputados para, em plenário, explicar vários assuntos e aclarar várias desconfianças e dúvidas acêrca da nossa política exterior. Um dos assuntos sôbre os quais o chanceler deverá ser interpelado será, sem dúvida, o que diz respeito à recente Conferência de Caracas: que papel representou nela o Brasil? Que sucessos ou insucessos colhemos? Qual a nossa verdadeira posição em face das questões econômicas e políticas? A má «cobertura», por parte dos jornalistas brasileiros que foram a Caracas, dos trabalhos da X Conferência Panamericana, não permitiu ao público avaliar com segurança sôbre o procedimento da delegação brasileira ao conclave. A míngua de informações criou dúvidas — e, para muitos, voltamos da Venezuela de mãos vazias; para outros, contudo, conquistamos vitórias que sòmente serão realçadas e afirmadas com o passar do tempo. Comparecendo à Câmara, o sr. Vicente Rão deverá, a respeito da Conferência de Caracas, colocar os pontos nos ii, e fornecer ao público as informações e os dados que escaparam aos jornalistas, já que a grande maioria dêles se preocupou, na Venezuela, mais pelo aspecto pitoresco e cheio de contrastes de um país que planta dinheiro e constrói uma vida nova com a ajuda de um lastro ouro como não há outro igual no mundo inteiro.

Mas enquanto o sr. Rão não vai à Câmara, procuramos ouvir alguém que estêve em Caracas e participou, como componente de nossa delegação, de todos os seus trabalhos. Trata-se do sr. Humberto Bastos, membro do Conselho Nacional de Economia e um dos mais conhecidos estudiosos de assuntos econômicos do país. Abordamos o conselheiro Humberto Bastos armados de oito perguntas acusatórias. Para cada, êle teve uma resposta de defesa — como o leitor verá em seguida.

A ACUSAÇÃO: "CARACAS FOI UM FRACASSO PARA O BRASIL"

Eis as oito perguntas que fizemos ao conselheiro Humberto Bastos:

1º — É verdade que a parte econômica da Conferência passou em branca nuvem?

2º — É verdade que os delegados não trabalharam e se limitaram a fazer turismo?

3º — É verdade que o problema de capitais estrangeiros não foi discutido objetivamente, como devia?

4º — É verdade que não se procurou estimular os investimentos e a ajuda financeira?

5º — É verdade que o café, nosso principal produto de exportação, não foi defendido?

6º — É verdade que os problemas comerciais ficaram à margem das discussões?

7º — É verdade que questões concretas, como a referente às matérias-primas estratégicas, foram esquecidas?

8º — É verdade que fugíamos à discussão da reforma agrária, de tanta importância para o Brasil?

A DEFESA: "O BRASIL LUTOU E VENCEU EM CARACAS" — assim respondeu HUMBERTO BASTOS às nossas oito perguntas.

● Para o observador apressado — e foram muitos os que se pronunciaram — a parte econômica da X Conferência foi um fracasso. Uns queriam que tivéssemos conseguido empréstimos dos organismos internacionais; outros pensavam que fomos arrancar financiamentos do govêrno norte-americano; e ainda outros julgavam que íamos a Caracas firmar acordos comerciais. Êsse o equívoco fundamental. Numa conferência dêsse tipo se aprovam ou não princípios normativos gerais, em caráter de recomendação, que sirvam para orientar o estudo e soluções dos problemas. Os casos específicos são tratados em acordos bilaterais e na Conferência não havia ambiente para essa espécie de acôrdo.

● Um balanço imparcial indicará que, intervindo, esclarecendo, debatendo, o Brasil trouxe de Caracas determinadas recomendações que reforçam outras aprovadas em reuniões anteriores e novas sugestões a respeito de problemas básicos de nosso interêsse imediato e que também são do interêsse do continente. Um dêsses problemas básicos explodiu no Grupo de Trabalho nº 1, relacionado com inversões de capital privado estrangeiro, efeitos das inversões estrangeiras sôbre as emprêsas já estabelecidas no país e financiamento público do desenvolvimento econômico. Quem pode desconhecer a importância dêsses três aspectos da questão. Pois bem. O Brasil presidiu êsse Grupo de Trabalho e apesar das insistentes manifestações contrárias da delegação norte-americana, declarando que havia nos EE. UU. uma grande resistência quanto à abolição de gravames fiscais sôbre os investimentos no exterior, o princípio que o nosso país vem defendendo há muito tempo recebeu um grande impulso. A parte resolutiva dessa recomendação diz textualmente: «que os Estados continuem adotando medidas dentro dos limites das suas instituições, sôbre impostos, que reduzam progressivamente e eliminem a bi-tributação e evitem tributações discriminatórias e indevidamente gravosas, fomentando dessa forma as inversões». Cabe salientar aqui que a mensagem do presidente Eisenhower ao Congresso, apresentada a 30 de março último, fêz várias sugestões no sentido de aliviar os efeitos da bi-tributação. O Brasil participou dêsses debates, salientando mesmo junto aos delegados norte-americanos que era oportuno chegar-se a decisões mais concretas.

● Outro aspecto do problema — financiamento do desenvolvimento econômico por capitais públicos ou entidades internacionais — representa uma grande reivindicação dos países subdesenvolvidos. Pleiteava-se: **a)** necessidade de uma ampliação adequada dos financiamentos do Banco Internacional e do Banco de Exportação e Importação; **b)** menor rigidez contábil dessas instituições de crédito. A resolução aprovada recomenda maior plasticidade dêsses órgãos e maior dinamismo no exame dos projetos econômicos que se destinem a fortalecer os países latino-americanos.

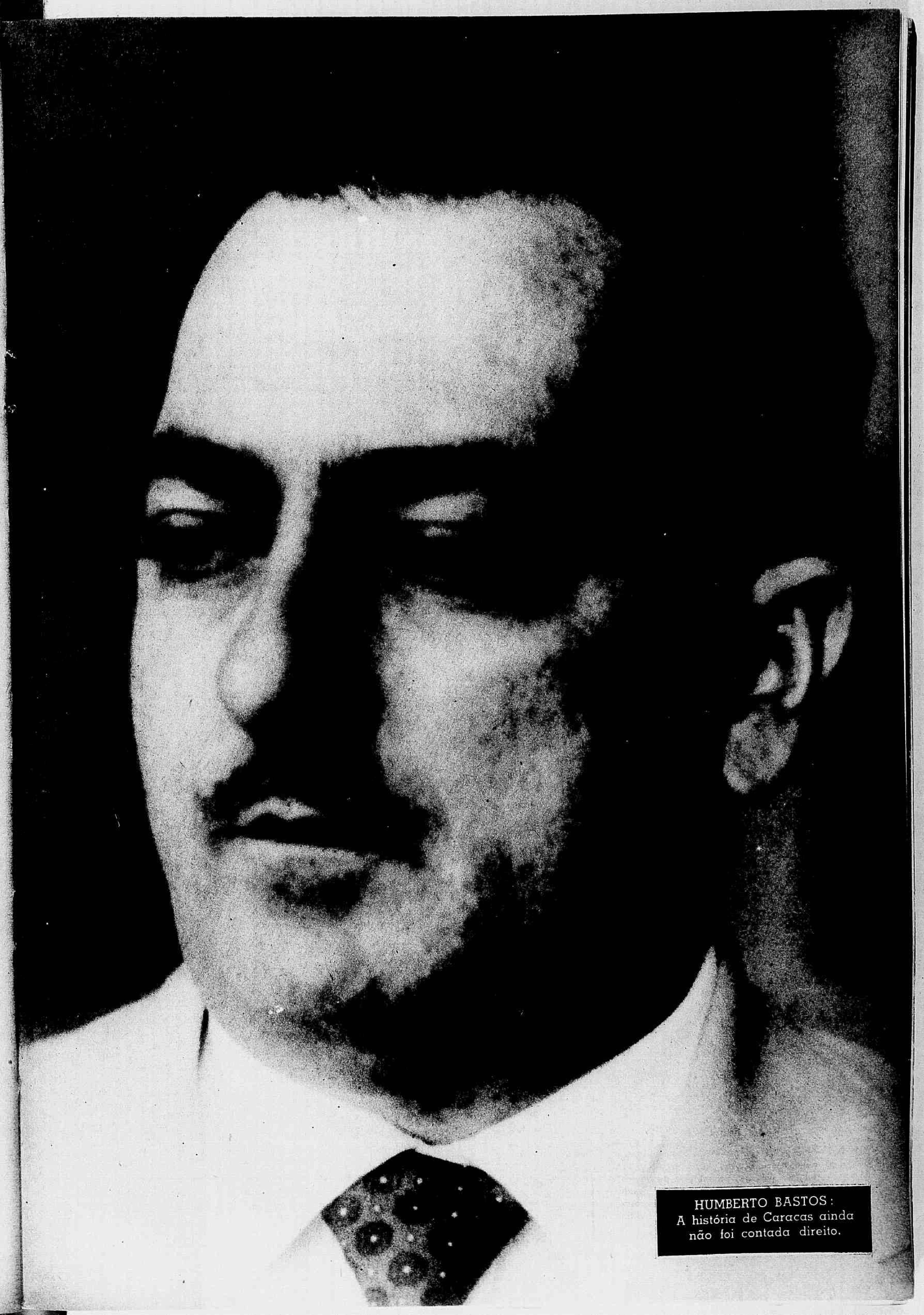
● A questão da reforma agrária ainda é entre nós matéria que pode levar o cidadão às grades. Na X Conferência, através de um projeto da Bolívia, o assunto foi debatido em têrmos econômicos tendo a delegação do Brasil salientado as nossas tentativas que vêm sendo estudadas a êsse respeito e que serão oportunamente concretizadas em mensagem do presidente da República ao Congresso. A base dessas discussões foi aprovada uma recomendação aos governos do Continente no sentido de que, como parte dos programas de desenvolvimento dos seus países, façam «todo o possível para realizar reformas agrárias, que permitam uma distribuição justa da terra, estimulando a organização de economias de sua exploração sôbre a base de sistemas modernos de produção, que permitam a elevação do nível de vida dos trabalhadores rurais».

● O café foi um dos pontos de interrogação da Conferência. Mas a declaração do sr. Foster Dulles não satisfez inteiramente aos produtores. De modo que na discussão de problemas relacionados com têrmos de intercâmbio e preços foi aprovada uma recomendação, cuja parte resolutiva condena as campanhas injustas contra os artigos primários de exportação dos países latino-americanos, salientando mesmo que essas campanhas feitas nos países importadores poderão comprometer as relações das nações do Continente. Recomendou-se mais ainda que os governos dos países importadores esclarecessem o povo a respeito das verdadeiras causas das altas de preços, a fim de evitar acusação improcedente. Durante o debate dêsse assunto contamos com a colaboração do representante da Confederação Rural Brasileira que estudou detidamente a proposição colombiana.

● Na parte relativa a intercâmbio comercial foi aprovada uma recomendação de alto interêsse e que provocou os mais vivos debates. A referida recomendação ficou assim redigida: «Que os países industrializados eliminem restrições de tôda índole e se abstenham de impô-las às importações de matérias-primas, produtos naturais e semi-manufaturados, provenientes dos países americanos menos desenvolvidos e que, além disso, eliminem a imposição de práticas discriminatórias à importação dos ditos produtos». Que se deseja mais nesse sentido? Por acaso o sr. Brasílio Machado Neto teria conseguido recomendação mais objetiva do que esta discutida e aprovada pelos técnicos de 21 nações?

● Materiais estratégicos foram motivo de outro debate e de uma recomendação muito boa. Sabemos quanto isto nos interessa, não sòmente como produtores como importadores. Pois bem, a Conferência aprovou, depois de vários dias de discussão, na qual participou vigilantemente o Brasil, que se estabelecesse o regime de consulta prévia para a fixação de quotas, preços tetos e classificação dêsses artigos. Sabemos como essa classificação foi feita durante a guerra e os prejuízos que nos trouxe. E basta essa experiência para justificar a recomendação.

● Enfim, teria muitos outros projetos para mencionar aqui como resultado da parte econômica da Conferência. Escolhi apenas alguns dos mais expressivos que podem interessar de perto ao Brasil. Depois, se me alongasse, esta reportagem se transformaria em relatório.



HUMBERTO BASTOS:
A história de Caracas ainda
não foi contada direito.

Champanhota

PETER



DOLORES GUINLE
A princesa escreve a máquina.



JACINTO DE THORMES
sua bola está no ar

O colunista social Jacinto de Thormes que tem quase 10 anos de coluna e está ficando careca, tem agora um programa de rádio original como tudo que êle faz. Fui ver como Jacinto preparava seu programa. Faltava apenas uma hora para «Nós, os gatos» ir para o ar e, no entanto, lá estava êle com o senhor e a senhora Jorge Guinle trabalhando nas perguntas e respostas. Pouca gente sabe que a senhora Dolores Guinle, além de ser uma das mulheres mais bonitas do planêta, sabe bater a máquina com eficiência. Lá estava ela trabalhando nas suas anotações.

Às sete da noite, como acontece todos os domingos, no que passou, num pequeno e exclusivo auditório da Rádio Mayrink Veiga e na presença de algumas pessoas, entre as quais o diretor Luís Vassalo, o «velhote» Jacinto e o produtor Flávio Cavalcânti começaram a miar êsse programa social que está fadado a sucesso grande. Num ambiente informal, os donos da situação e convidados bateram um papo, beberam «whisky» como se o microfone mal existisse. Depois, Claude Austin, o pianista, tocou, falou e cantou numa mistura que Jacinto chamou de «samba em inglês ou, quem sabe, fox em português». Mas, no meio dessa brincadeira radiofônica, Flávio leu o «furo» de que o Embaixador Walter Moreira Salles e a senhorita Elizinha Gonçalves tinham realizado o contrato matrimonial e já estavam a caminho do Brasil. A senhora Guinle falou sôbre a sua festa de caridade, sôbre Hollywood e a maneira das artistas se vestirem. O sr. Jorge Guinle, por sua vez, disse que seu amigo Porfirio Rubirosa estava realmente apaixonado pela «aquecedora» Zsa Zsa Gabor. Depois, eu soube que ouvindo pelo rádio os seus filhos, a sra. Carlos Guinle chorara e, quando a sra. Dolores Guinle chegou em casa, quase explodiu de satisfação, quando seu filho lhe disse: «Oh, Mamy, I am pround of you».

● OLAVO BATIZA OLAVINHO

Há alguns dias atrás, na quietude do campo, perto de Petrópolis, o senador Olavo Oliveira comemorou seu primeiro aniversário de casamento, batizando seu filho Olavinho. O senador em questão, que era viúvo (62 anos) casou-se recentemente com moça de 16 anos. O matrimônio teve certa repercussão e foi bastante focalizado pela imprensa. O batizado foi íntimo e a êle só compareceram familiares e amigos chegados.

● PERDE O ITAMARATI

Com o recente falecimento do Embaixador Souza Dantas perde o Ministério do Exterior um dos seus mais esforçados e brilhantes homens da «carrière». Sôbre o falecido diplomata foram escritos diversos artigos. Dêle, disse uma revista: «Foi o mais parisiense dos embaixadores; e o mais embaixador dos parisienses». Uma grande perda.

● CEDROS E JACARANDÁ

A presença no Brasil do Presidente do Líbano e Senhora Camille Chamoun movimentou todo o nosso Corpo Diplomático, mundo oficial e o «Café Society». Os presidentes fizeram grande sucesso e foram alvos de diversas homenagens. O senhor Camille que é Chamoun fêz um sucesso todo particular entre as mocinhas que suspiraram bastante e trocaram muitas idéias sôbre a beleza do porte e o cabelo grisalho do primeiro mandatário da pátria dos cedros seculares.

● PENICILINA CURA ATÉ DEFUNTO

Os irmãos Fontoura estão realmente de parabéns com a inauguração da fábrica de Penicilina, próximo a São Paulo. Maior felicidade foi poder contar com a presença de Sir Alexander Flemming que teve palavras elogiosas à perfeição do fabrico da penicilina (e êle pode falar de cadeira) pela organização Fontoura.

OS JORNALISTAS NA OFENSIVA

● REUNIDO em assembléia geral, o Sindicato dos Jornalistas Profissionais do Rio de Janeiro, com a aprovação unânime dos profissionais presentes, aliás em número elevadíssimo, aprovou as seguintes resoluções a respeito do caso do espancamento do repórter Nestor Moreira:

1) — Unificação dos esforços de tôdas as entidades da classe jornalística para obter o castigo dos responsáveis pelo espancamento, e a cessação do clima de violência contra jornais e jornalistas no país. Para êsse fim, propor à A.B.I. e à Federação e tôdas as entidades da classe a criação de uma Comissão Permanente em Defesa da Liberdade de Imprensa.

2) — Audiência com o Presidente da República para manifestar a revolta da classe contra os atentados aos jornais e jornalistas no país e reclamar a cessação de tais processos e a moralização da Polícia, em defesa não só da imprensa como dos cidadãos em geral. Para isso, organizar uma passeata, com apoio dos trabalhadores e estudantes, no dia 20, quinta-feira, às 16 horas, concentrando-se na A.B.I.

3) — Apêlo aos jornais para que verberem as violências policiais, sejam elas quais forem, cometidas contra quem fôr, por não importa que autoridade, pois o silêncio ou a ausência de uma reação mais efetiva por parte de alguns jornais serve de estímulo às práticas criminosas, que acabam atingindo, de maneira direta, os jornalistas, como vem de ocorrer com o repórter Nestor Moreira.

4) — Acompanhamento por meio de advogado de todos os casos de agressão a jornais e jornalistas visando a punição dos responsáveis, de maneira a evitar sejam os inquéritos abafados sem maiores conseqüências, como vem ocorrendo até o momento, especialmente no caso Nestor Moreira, onde nossos advogados devem estar vigilantes para levar o processo às últimas conseqüências.

5) — Movimento de apoio financeiro à família das vítimas, pois é certo que êsses atentados representam, inclusive, sério desfalque para a renda de quem os sofre, ficando expostas as vítimas a sensíveis dificuldades neste terreno.

6) — Demissão do chefe de Polícia, e, se preciso, do ministro da Justiça.

7) — Manifesto à classe e à Nação.

RECIFE, ENTREPOSTO DE NORDESTINOS

(Cont. da pág. 29)

E pergunto, representando sem mandato os foros originais da minha cidade do Recife: por que lá se copia tanto? Que é feito da velha veia que deu tanta coisa de feição própria, inconfundível entre as originalidades dos outros pedaços do Brasil? A resposta de um menino seria: o bicho comeu. A nossa, de homens, é outra: os governadores abafaram. Em suma, como diria o grande pernambucano Aníbal Fernandes, «Le Recife marche».

★

Alguém, muito importante, uma vez disse, tal qual diria o sábio e tão injustamente desdenhado Conselheiro Acácio: «o que importa numa cidade é a sua gente». Dito isto, ponhamo-nos contentes — o Recife tem boa gente.

Esta aí — nisto é que a cidade do Conde leva vantagem, fora o Rio, sôbre quase tôdas as capitais dos Estados do Brasil. A rigor o Recife não é capital de Pernambuco. E' mais: é grande entreposto dos nordestinos, em geral, e por êle estremecem sobretudo os que passaram nos seus bancos de Direito. Os escritores José Américo de Almeida, Ernâni Sátiro, os políticos José Augusto, Osvaldo Trigueiro e Matias Olympio — para citar apenas os nomes que me ocorrem no momento — disseram-me que o Recife também é dêles. Pertence-lhes por «droit de sentiment», decerto superior ao de conquista. O Recife não discrimina, aceita todos nos braços, quando abraça.

O recifense é carrancudo, não há dúvida, tem mania de briga, fala alto, pergunta muito pela vida dos outros (sobretudo quanto a gente ganha) — mas é boa praça. A dificuldade é vencer-lhe aquêle fechamento meio mineiro. Uma vez transposto, como já me disse um dêles, «os umbrais da intimidade» (que às vêzes se faz rápida, é questão de veneta), o resto é fácil. Então nesse caso se processa um fenômeno típico do carioca: o pernambucano despeja os bolsos, trata por «tu» a pessoa do último agrado, quer brigar por ela, dá, em suma, tôda demonstração do afeto pernambucano, em que pode entrar perigosamente até mesmo a faca de ponta.

Tirante os defeitos comuns do brasileiro, qualquer que seja a sua procedência, o recifense agrada. Mas é sêco. Ama arranhando, já disse alguém. Mas quem maltrata quer bem.

Ainda não compreendi bem porque uma certa tristeza como que abafa a bonita cidade do Recife. As águas dos rios que lhe cortam as ruas são alegres, o céu de lá é limpo e quase sempre bonito, as côres são uma festa para a vista, os bairros são dos melhores que há pelo Brasil afora — e todavia o recifense é triste. Anda meio desconfiado, o olhar distante e vago de quem nunca vê o que está sob as vistas, perdido em cogitações.

Enquanto isso, a cidade do Recife cresce. Para os sentimentais como eu, cresce perdendo o encanto, aquêle certo encanto que a gente vê se acabando nas crianças que se fazem adultas.

HOLLYWOOD RECORRE AO GLAMOUR...

TEDDY

DA LIÇÃO APLICADA na prática pelos italianos provando que o cinema poderia sustentar por muito tempo o ritmo do puro "glamour", os americanos de Hollywood aprenderam bastante e estão, no momento, empenhados em demonstrar que nessa questão de exibir dotes de plástica está longe de perder para a Itália ou a própria França, cujo cinema sempre foi mais ou menos inclinado para o "sex-appeal"...

Para duas "bombas" italianas: Gina Lollobrigida e Silvana Pampanini, Hollywood replica e muito bem, aliás, com a "superbomba" Marylin Monroe, para não citar Jane Russell, que apesar do tempo, continua sendo uma perfeita rainha do "glamour" e arma poderosa nessa batalha surda, porém evidente, de conquistar o público (masculino ou feminino, não importa) do mundo inteiro.

Achamos que tais criaturas extra-terrenas no dizer sempre exaltado dos publicistas cinematográficos, são produtos pura e simplesmente de uma necessidade imperiosa de vencer. Vencer com os argumentos mais falhos ou pueris, mas vencer apenas com as imagens de mulheres bonitas, sensuais e cujos lábios cheiram a pecado... Com os americanos de Hollywood, presos ainda por uma Censura rigorosa, dá-se o problema de atingir plenamente o objetivo. Se Jane Russell dança algo mais pessoal, a tesoura entra em ação e de nada valem os protestos dos que amam acima de tudo a arte, no caso, diríamos com malícia, as artes de Miss Russell...

Os filmes de Marylin até agora não apresentaram nada que merecesse maior registro. E' possível que a pequena esteja filmando no regime da orientação e se o espectador descobrir alguma coisa interessante na cena, pode creditar essa virtude aos dotes naturais de "glamour" que a espôsa de Joe Di Maggio possui em dose alta. Na fórmula, Hollywood encontrou a maneira positiva de enfrentar a perigosa rival Itália e até que os de Roma não soltem outras bombas, o ambiente continuará aparentemente calmo... Até quando?

SEREIAS DE HOLLYWOOD

Desde que seu nome apareceu no noticiário, **Elaine Stewart firmou-se como uma «figurinha difícil», misto de sereia e de** ingênua, mais aquela do que esta, evidentemente... **Está** vencendo ràpidamente e na Metro aparecerá em **alguns filmes** como figura principal. **A pequena tem admirável plástica, um rostinho bonito e um jeito que acabarão elevando-a à categoria de grande «estrêla»...**

CINEMA PITORESCO

● Dizem que um farmacêutico italiano estremeceu de horror ante a perspectiva de um crime quando Shelley Winters, acompanhada de Farley Granger, entrou na sua drogaria para comprar giletes e deparou com o ex-marido Vittorio Gassman, em companhia de Ava Gardner, «também comprando giletes»...

● O compositor (muito célebre) Victor Young virou ator! No filme «The Country Girl», com Bing Crosby, William Holden e Grace Kelly, Young será visto numa cena dirigindo uma orquestra durante uma gravação. Não foi sem alguma «luta» que George Seaton, diretor da película e íntimo amigo de Victor Young, conseguiu convencer o célebre autor musical a deixar-se filmar. Dizem que valeu a pena...

● Efeitos da terceira - dimensão: Don De Fore quebrou um dente assistindo ao filme «Hondo», de John Wayne! Não é piada, não! O fato é que, quando um índio atira uma flexa na direção da câmara, Don deu um pulo na cadeira e bateu com a bôca no assento da frente, quebrando o pré-molar do lado direito! Êle diz que a Warner devia pagar-lhe o tratamento do dente... Lógico!

● A «estrelinha» francesa que ora viaja pelos Estados Unidos e passou algumas semanas em Hollywood, Dany Robin, vai mostrar num filme duas virtudes desconhecidas dos fãs. Foi contratada por André Hunebelle para atuar no filme «Cadet Rousselle» e deverá aparecer como bailarina e amazona. É realmente uma surprêsa da encantadora Miss Robin...



FLAGRANTES DE HOLLYWOOD

A «estrêla» Patricia Medina surpreendeu seus colegas de estúdio quando sem demonstrar qualquer receio, dispôs-se a brincar com enorme jibóia, sua companheira em algumas cenas do «thriller» «O Fantasma da Rua Mourgue», baseado na obra de Edgar Allen Poe. Patricia está sorrindo como se a cena fôsse de calma absoluta... (Foto Press-Cinema).

FALA-SE EM HOLLYWOOD

RED SKELTON estava subindo a escada da sua casa com duas câmaras fotográficas e vários livros na mão, quando escorregou no tapête e caiu espetacularmente. Os médicos disseram que Red não poderá voltar a trabalhar tão cedo, devido a um ferimento na espinha!

RICHARD CARLSON, o veterano e correto ator da Universal, acaba de realizar a máxima aspiração de sua vida: dirigir um filme! Carlson estréia como diretor com «Shadow Valley», que tem no elenco Rory Calhoun, Colleen Miller e Nina Foch.

DEAN MARTIN — da dupla Martin & Lewis — anunciou que gravará uma série de discos com o notável negro Nat King Cole.

ENQUANTO AGUARDA a chegada de Ava Gardner, a fim de resolver se continuarão ou não o divórcio, Frank Sinatra tem sido visto constantemente na companhia de Mona Freeman que parece ter acabado mesmo o ardente romance com Bing Crosby. A garôta gosta mesmo dos «crooners»!

HOLLYWOOD COMENTA a curiosidade da semana: no filme que fará na Fox, Marilyn Monroe cantará a melodia «The Girl on the Calendar» (A Garôta do Calendário) escrita especialmente para ela... A mesma Marilyn disse aos amigos que daquela época (dos calendários...) até hoje, sua vida mudou muito, mas... muito mesmo!

LOU COSTELLO refeito da doença voltará aos filmes ao lado de Bud Abbott. Fará, naturalmente, outra comédia e tem em estudo alguns argumentos malucos destinados a fazer rir...



QUEREM MATAR SILVANA, A PAMPANINI... — Um despacho telegráfico de Roma dá conta que um «admirador» da belíssima «estrêla» do cinema italiano, Silvana Pampanini, ameaçou-a de morte caso não lhe fôssem entregues pela artista, oito milhões de liras! Para acabar com a vida de uma das rainhas do moderno cinema europeu, o piadista pretende fazer voar o apartamento de Silvana, quando ela estiver no mesmo, é claro...

A Pampanini bateu no peito e jurou aos repórteres que não se trata de um «golpe publicitário», e ao mesmo tempo, revelou que não se intimida com a ameaça.



NESTOR MOREIRA, velho repórter de polícia de "A Noite", no Hospital Miguel Couto onde, durante uma semana inteira, lutou contra a morte. O seu covarde e selvagem espancamento revoltou a opinião pública e selou a sorte do general Morais Ancora, chefe de Polícia do D. Federal.

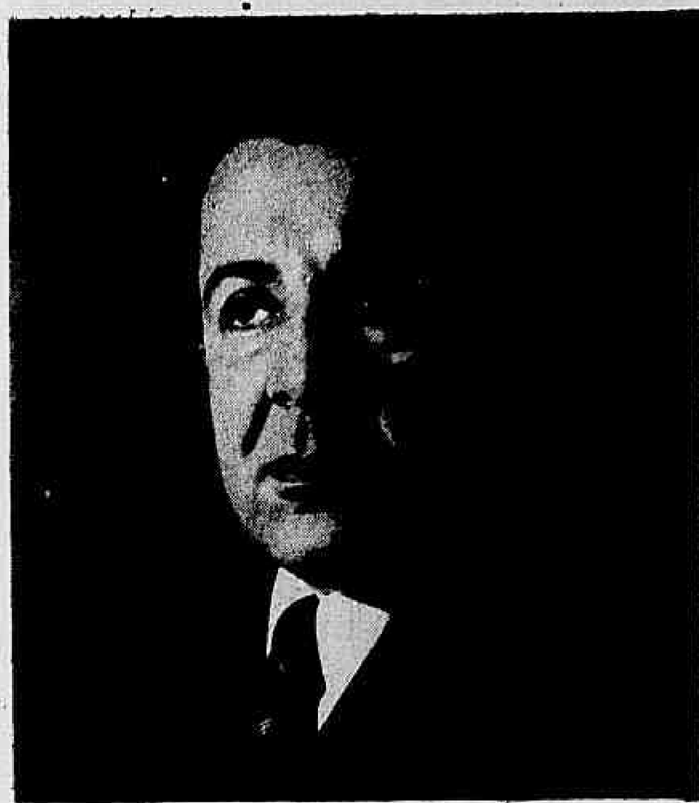
ENQUANTO MASSACRAVA O JORNALISTA O GUARDA GRITAVA:

"É ISTO QUE O DELEGADO

A:

O QUER!"

OS PRESOS CONTARAM TUDO A MOREL



● Logo no dia seguinte ao espancamento de Nestor Moreira, o jornalista Edmar Morel, do jornal «Última Hora», estêve no 2º Distrito Policial e conseguiu falar aos detentos que lá se encontravam. Todos haviam assistido, na véspera, à bárbara agressão sofrida pelo jornalista de «A Noite», e confirmaram a Morel tudo o que viram, desde o instante em que Moreira levou o primeiro murro até o momento, um quarto de hora depois, em que o guarda Peixoto e o vigilante Celito Ferreira Quite deixaram de bater apenas por exaustão. Morel já depôs perante o delegado Schawb; o seu depoimento é um tremendo libelo contra a polícia.

A BÁRBARA E SÁDICA AGRESSÃO AO JORNALISTA NESTOR MOREIRA, DE «A NOITE» (JORNAL DO GOVÊRNO) INFLAMA A OPINIÃO PÚBLICA E PARECE TER SELADO A SORTE DO GENERAL MORAIS ÂNCORA. ★ ALARMADOS COM O CLAMOR PÚBLICO, OS SRS. VARGAS E TANCREDO NEVES VOLTAM A FALAR NUMA «REFORMA POLICIAL» QUE NUNCA CHEGA.

Reportagem de ARMANDO SOUZA

— «Durante mais de dez minutos, me deram nos rins, no fígado, estômago, no rosto... Batiam em mim enquanto eu pedia a presença do delegado. Mas êles riam, eram dois, e entre uma risada sarcástica e mais uma bordoada, diziam: «é isto o que o delegado quer, seu otário...» Depois, quando deixaram de me bater, saí me arrastando da Delegacia, fui até a rua Barata Ribeiro, tomei um táxi e mandei que tocasse para minha casa. Mal cheguei lá, perdi os sentidos...»

Êste dramático relato foi feito pelo jornalista Nestor Moreira, um dos mais antigos e conceituados repórteres de polícia do Distrito Federal, no seu leito de dor, no Hospital Miguel Couto, quase uma semana após a brutal e covarde agressão de que foi vítima no 2º Distrito (Copacabana) por parte de dois policiais ali lotados. Durante dias seguidos, mercê das terríveis sevícias que suportou, o repórter de «A Noite» estêve entre a vida e a morte; e ainda hoje, apesar de ter vencido a crise mais aguda, o seu estado de saúde inspira sérios cuidados. Na verdade, conforme declarou o dr. Plínio Uchoa, um dos cirurgiões do Miguel Couto, «êle nunca mais será o mesmo». As vísceras rompidas, duas costelas fraturadas, hemorragia interna, princípio de peritonite e dezenas de equimoses — tal o estado em que ficou Nestor Moreira (que já não é mais um rapaz) após ter passado pelas mãos criminosamente sádicas dos beleguins de Copacabana.

O «CRIME»

Mas, de que crime era acusado o jornalista carioca? Matara? Roubara? Para quem conhece os métodos da polícia do Distrito Federal, a pergunta é ociosa; mais do que ociosa, é ingênua. Na verdade, Nestor Moreira não praticara nenhum delito grave. Fôra a um bar, tomara dois ou três drinques além do que devia, enquanto, lá fora, esperava-o um táxi que devia levá-lo em casa. Surge, depois, um malentendido entre o jornalista e o motorista. Ambos, em companhia de um guarda, vão ao Distrito, onde resolverão o impasse. Mas, ao invés de uma solução amena e cordata, como seria lógico, o que se verifica é uma agressão selvagem.

O «CHAUFFEUR» FOI UM HERÓI

Mas o «chauffeur» Hermenegildo Alves Vizeu, o motorista que tivera o incidente com o jornalista e o transportara ao 2º Distrito, tudo presenciara e, num gesto heróico, não se negou a revelar o que vira. O seu depoimento, corajoso, levará certamente a polícia ao banco dos réus. Chamado a depor ante o sr. Fernando Schawb (um dos raros elementos sãos da polícia carioca), titular da Delegacia de Economia Popular, Hermenegildo Alves Vizeu contou a sua história. Passava pela rua Visconde de Maranguape, começo de madrugada, quando «um senhor grisalho, de compleição forte», pediu-lhe para levá-lo até o bar «Drink», no Pôsto 2, em Copacabana. Lá chegando o «senhor





Testemunha ocular da covarde agressão, o «chauffeur» Hermenegildo Vizeu não vacilou em apontar na Delegacia de Economia Popular, os autores do brutal espancamento. Nas fotos acima, o guarda Peixoto apontado por Hermenegildo (à esquerda), como o principal agressor.

grisalho», que era o jornalista Nestor Moreira, mandou o táxi aguardá-lo enquanto êle ia ao bar. Diz Hermenegildo que esperou perto de uma hora, quando retornou o jornalista. O taxímetro já marcava, então, 75 cruzeiros — total com o qual não se conformou o jornalista. Discutiram, Hermenegildo chamou um guarda municipal em socorro, foram todos para o 2º Distrito. Lá, o jornalista tentou encaminhar-se para o corredor sendo obstado por um guarda-civil (mais tarde identificado pelo próprio Hermenegildo como o policial Claudionor). E assim concluiu Hermenegildo Vizeu o seu depoimento:

— Então, contei o acontecido a um outro guarda, um alto, forte, de tez clara. Êste guarda (Peixoto) mandou que Moreira tirasse a gravata e o cinto, pois êle ia ser recolhido ao xadrez. No momento da arrecadação de valores, Moreira retirara dos seus bolsos um lenço, estendera-o sôbre a mesa e sôbre êle colocara uma cédula de dois cruzeiros e outras duas de um cruzeiro. O guarda (Peixoto) já havia identificado o jornalista, inclusive tomando nota do seu nome, pois ia recolhê-lo ao xadrez. Ao ser aventado o desaparecimento da cédula de 1.000 cruzeiros, pelo jornalista, partiu ferroz para o repórter e começou a esmurrá-lo de preferência nos rins. Moreira, nesta altura, sòmente fazia-se defender procurando cobrir com os braços às partes vitais do corpo. O guarda Peixoto batia ferozmente, sem cessar, e só parou quando começou a arfar de cansado! Nesta ocasião as palavras de Moreira eram apenas as seguintes: «Pode bater que você amanhã estará fora da polícia».

SERÃO PUNIDOS?

Designados pela Associação Brasileira de Imprensa, estão assistindo ao jornalista Nestor Moreira, os criminalistas Serrano Neves, Evandro Lins e Silva e Raul Lins e Silva.

"ÊSTE FOI QUEM BATEU MAIS"

aponta o «chauffeur» Hermenegildo Vizeu

Em conversa com a reportagem, o advogado Serrano Neves esclareceu a situação do processo, dizendo que tudo até agora, tem corrido bem. Serão responsabilizados criminalmente pela covarde agressão, além do guarda civil Paulo Ribeiro Peixoto, autor material do atentado, também os guardas municipais José Gonçalves de Oliveira e Celito Ferreira Quite e o comissário Gilberto Alves Siqueira.

Para Peixoto, já foi pedida sua prisão preventiva, tendo apresentado os advogados farta exposição, na qual é baseado o pedido.

ENTRE A VIDA E A MORTE

Medicado em casa pelo dr. Djalma Crissiumo, agrava-se o estado de Nestor Moreira. O médico transporta-o, então para o Hospital Miguel Couto, quando o jornalista já se encontrava sem sentidos. E durante uma semana tôda, Nestor Moreira, o quase massacrado, lutou contra uma morte que parecia iminente. Sòmente os extremos cuidados de todo o corpo médico do Hospital conseguiram salvá-lo.

REVOLTA POPULAR — A IMPRENSA TOMA A OFENSIVA

Entrementes, enquanto, no seu leito hospitalar, Nestor Moreira debatia-se entre a vida e a morte, uma outra batalha, igualmente dramática, desenrolava-se nos meios da imprensa e da opinião pública. Cientificado do ocorrido, o povo inflamou-se até a revolta; e as autoridades, pressionadas pelos jornais e pelo público, tiveram que comparecer perante rádio, imprensa e televisão para uma prestação de contas da qual, diga-se de passagem, não saíram nada bem. Interpelado por jornalistas, numa «mesa redonda» organizada pela Rádio Tupi, o general Ancora, Chefe de Polícia, atrapalhou-se, foi reticente e confuso, e acabou, lamentàvelmente, tomando o partido dos seus sádicos prepostos. Não se explicando nem punindo imediatamente os autores da bárbara agressão, o Chefe de Polícia lavrara a própria demissão — mas até agora continua firme no cargo. Quanto ao ministro Tancredo Neves, que é homem bem falante e facundo, prometeu um «rigoroso inquérito» e declarou que o sr. Vargas, com o qual mantivera demorada conferência, lhe ordenara agir pronta e enèrgicamente para a punição dos culpados.

De fato, uma portaria do Chefe de Polícia, do dia 17 último, (atrasada de uma semana), suspende o comissário Gilberto Alves Siqueira, que se encontrava em serviço na noite da agressão, suspensão baseada no fato de a referida autoridade ter sido conivente com o espancamento, tentando encobri-lo e do mesmo não fazendo nenhum registro no prontuário policial. Quanto ao guarda civil Paulo Ribeiro

Na Delegacia de Economia Popular, perante seu titular, delegado Fernando Schawb, o «chauffeur» Hermenegildo Vizeu identifica o outro agressor: trata-se do vigilante municipal Celito Ferreira. A direita, de olhos baixos, o guarda Ribeiro Peixoto, outro sádico espancador.



É isto...





DELEGADO FERNANDO SCHAWB: E' um dos raros elementos sãos da polícia. do Distrito Federal. Está presidindo o inquérito para punir os espancadores de Nestor Moreira. A opinião pública confia nêle.

COMISSARIO GILBERTO ALVES: Tentou subtrair a agressão ao conhecimento do público e dos seus superiores, não anotando-a sequer no prontuário policial do 2º Distrito. Já foi suspenso das funções.



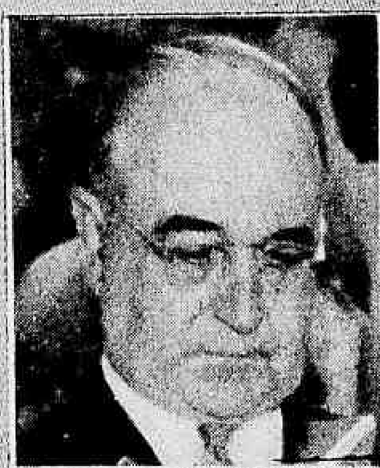
O VIGILANTE municipal 1.061, que acompanhou o jornalista Nestor Moreira do bar «Drink» ao 2º Distrito, viu muita coisa, mas não quis contar. Pressionado, acabou se confundindo em incoerências e meias-verdades.

Peixoto (o mais sádico dos espancadores) e aos vigilantes municipais José Gonçalves de Oliveira e Celito Ferreira Quite, já foram desligados de suas funções, e se encontram à disposição da Justiça.

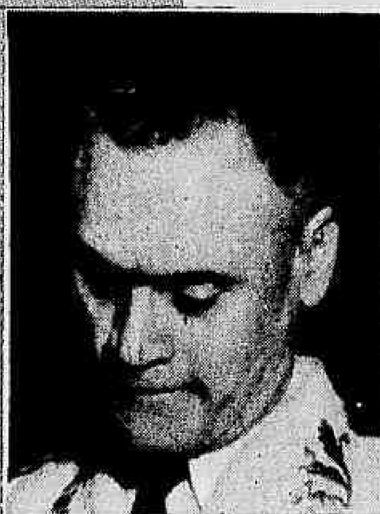
O DELEGADO SE DEFENDE

Outro que se encontra em maus lençóis é o delegado Fernando Bastos Ribeiro, titular do 2º Distrito Policial. Não se encontrava êle naquela dependência policial quando se deu a agressão, mas o fato é que um dos espancadores, o guarda civil Peixoto, teria dito, ao esbordoar o jornalista, que «isto é que o delegado quer». Sabe-se, ainda, que o sr. Bastos Ribeiro não nutria simpatias por Nestor Moreira, em vista da ingerência dêste, quando a serviço de sua profissão, em assuntos da alçada policial. Ùltimamente, como encarregado da «cobertura» do caso de Renée Aboab, Nestor Moreira fizera críticas severas ao delegado, acusando-o de negligência e lentidão. Mas o sr. Fernando Bastos Ribeiro procurou defender-se numa longa (e plangente) entrevista ao «Correio da Manhã». «Só soube da agressão por terceiros», diz êle. E acusa o comissário Gilberto Alves de ter procurado encobrir-lhe o ocorrido.

Canrobert e Juarez vencem no Clube Militar, houve um suicídio em Hollywood, D. Jaime Câmara vai à Europa e um mudo caiu do bonde (aqui no Rio) recobrou a voz e disse: "mamãe"



GETÚLIO
Ainda promete



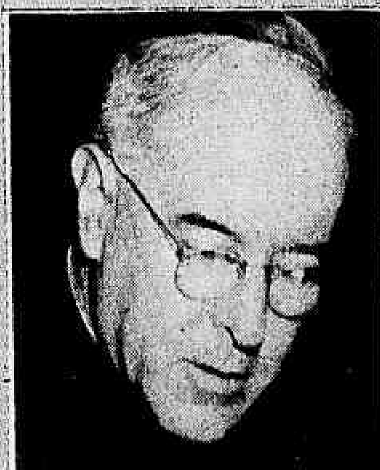
TÁVORA
Já ganhou



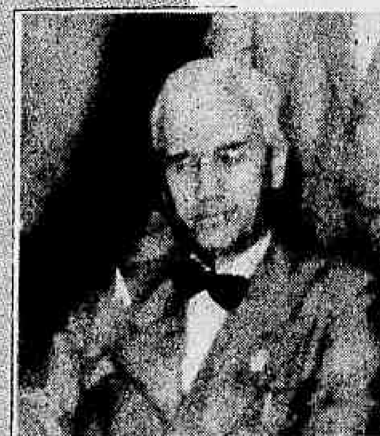
CHURCHILL
Fumando espera



MARILYN
A preferida



D. JAIME CAMARA
Vai à Europa



FLEMMING
Penicilina, indústria naciona.



TANCREDO NEVES
Quer repetir Dewey

- Getúlio promete reforma na polícia
- Tancredo Neves (da Justiça) diz que não há motivo para sair
- A Índia se nega a apoiar o Pacto do Sudoeste Asiático (proposto por Foster Dulles)
- Canrobert e Juarez vencem as eleições do Clube Militar
- Dutra não quer ser senador
- Lançada no Congresso dos Municípios a candidatura Juarez Távora (à Presidência da República)
- Toledo Piza (candidato de Garcez) será o presidente do Instituto de Imigração
- Mais violências (em Jacarepaguá) da polícia
- Elevada à categoria de Embaixada a Legação do Brasil no Líbano
- Um mudo caiu do bonde (aqui no Rio) e recobrou a voz. A primeira palavra pronunciada: «Mamãe...»
- Declara Zamora, «o maior goleiro de todos os tempos»: «A «Copa do Mundo» será vencida pelos húngaros ou pelos uruguaios».
- Fracassam as negociações para cessar o fogo na Indochina
- Mais armas soviéticas desembarcadas na Guatemala
- Churchill: «Quero esperr os resultados da Conferência de Genebra».
- Suicidou-se em Hollywood, Herbert I. Leeds, diretor e produtor
- A Suprema Côrte dos EE.UU. declarou inconstitucional a segregação de raças
- O sr. Benjamim Vargas é visto no «Elephant Blanc», em Paris
- O senador Vilas Boas (da UDN) foi mordido por um cão (possìvelmente do PTB), em Cuiabá
- Vai à Europa o cardeal D. Jaime Câmara
- Ana Pauker (ex-premier comunista da Rumânia) será processada
- Comissão de inquérito na Câmara para apurar sôbre a corrupção na polícia
- Diz o ministro Antônio Balbino que grandes acontecimentos terão lugar «nos próximos 60 dias».
- Chegou ao Rio Tamara Toumanova
- Escândalo na COAP de S. Paulo: desviados para negócios particulares 18 milhões
- Eleito o acadêmico Carneiro Leão para o Instituto de França
- A Boite Beguin apresentou uma «jam-session» com virtuoses brasileiros, uma preliminar de um possível Festival de Jazz e Samba
- Pintores brasileiros dão uma exposição em prêto-e-branco
- Marilyn Monroe, em terceira dimensão num filme plano, demonstra em tecnicolor porque os homens preferem as louras
- Carlos Machado mostra o seu novo «show» aos rapazes da imprensa
- Ministro Tancredo Neves: «10.000 criminosos estão soltos nas ruas e a polícia não tem lugar onde os alojar. O Brasil está na liderança do crime».
- Os russos ameaçam a Áustria
- Flemming inaugura em São Paulo a primeira fábrica de penicilina
- A Metro Goldwyn Mayer completa 30 anos de idade
- Os «Globbetrotters» novamente no Maracanã.

★ A SEMANA ACABOU ASSIM ★ A SEMANA ACABOU ASSIM ★ A SEMANA ACABOU ASSIM ★

COISAS E GRAÇAS DE SÃO PAULO

CARLOS MARIA DE ARAUJO



FRIEDERICH GULDA
«um malandrão que toca Beethoven»

● **AS NOVIDADES POÉTICAS** — O «Diário Oficial» publica com freqüência poesias recebidas na redação. Eis uma delas:

> **Ah! É por isso que agora**
> **podeis bem ser as primícias**
> **das nossas almas brotadas**
> **de afetos e carícias!**

Uma beleza!

● **AS GRANDES LUTAS** — Os deputados Juvenal Sayon e Lino de Matos entram num corpo a corpo diante das câmaras de televisão. Aí estão dois que, bem treinados por Hélio Gracie, farão sucesso nas próximas Olimpíadas.

● **FUTEBOL** — Um comerciante benemérito deu dois milhões a fim de que a Rádio Panamericana possa irradiar os jogos para a disputa da Copa do Mundo, na Suíça. Única condição: que se diga que as irradiações são oferta dos produtos «tais».

● **TEATRO** — Em breve, no TBC, os artistas estarão possuídos do «Blight Spirit» do bom Noel Coward. Só que o nome da peça foi traduzido para «Uma mulher do outro mundo». Fantasias ao luar...

● **SONATAS** — O pianista Friederich Gulda (que uns dizem ser o maior intérprete de Beethoven, do mundo, e outros dizem que ainda não é, mas falta pouco) dá em São Paulo uma série de concertos. Depois de um dêles, em que tocou 4 sonatas, disse-nos isto:

Autógrafos: — Você devia ter-me pedido 5 porque assim, por troca, arranjaria um de Rubinstein.

Champanha: — Deve beber-se muito, e depressa, tal qual como a vida.

Mulheres: — Quem gosta de uma mulher, deve mordiscá-la como quem mordisca um canapé de caviar.

Música: — Bem que gostaria de tocar como o Erroll Gardner. Quanto aos meus concertos... não pergunte nada, para não dizer disparates. Se quiser citar qualquer coisa, cite o programa que está a venda na etrada do teatro. Lá vem tudo, e bem explicado.

É um malandrão!

● **CRIMES** — Estas Coisas e Graças foram tão bem até aqui, que não falaremos nêles.



ÚLTIMO «FLASH»

MUITA GENTE NA MISSA DE DUTRA

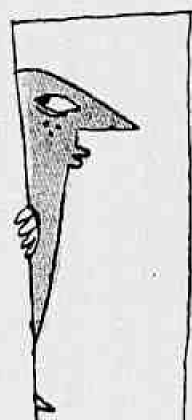
● Mais tempo passa e mais cresce o prestígio do cidadão Eurico Gaspar Dutra, residente à rua Redentor, numa casinha branca e singela, ali em Ipanema. O seu aniversário, no dia 18 último, levou muita gente (mais do que no ano passado) à igreja da Cruz dos Militares, e o bangalô de Ipanema foi pequeno para guardar as pessoas, centenas delas, que, naquela mesma tarde, foram até a residência do ex-presidente da República para um apêrto de mão e um uísque congratulatório ou correligionário. Lá estavam, entre outros, o professor Pereira Lira, de fidelidade em riste, o ex-ministro Daniel de Carvalho, o ex-ministro Raul Fernandes, quase todos os ex, mas também gente de poderes em vigência — como o ministro Antônio Balbino ou o senador Vitorino Freire. O marechal Dutra estava feliz, alegre, conversador. Fêz um discurso muito bom (agradecendo o presente que lhe deram os amigos: um belo S. Jorge matando um belo-horrível dragão), bebericou pausadamente três doses, abraçou todos e foi visto conversando minutos seguidos com a graciosa bailarina Zani Roxo, de cujos predicados físicos, coreográficos e morais tivera ocasião de tomar conhecimento, conforme explicou, lendo a entrevista dela que saiu publicada no número anterior da REVISTA DA SEMANA. As fotos desta página são flagrantes da festinha na rua do Redentor. Publicaremos outras na próxima semana.



Era um casal feliz aquele da Rádio Eldorado. Seu "slogan" era "o máximo conforto num mínimo de espaço"

O HOMEM QUE VIVEU POR PROCURAÇÃO





Nunca fêz nada na vida.

Em criança, não brincava, não pulava, não dizia nada. Em estudante, colava.

Formou-se.

Gostou de uma moça. Viu-a apenas uma vez, porque ela partiu para o México. Correspondeu-se com ela durante dois anos. Quem escrevia as cartas era um amigo. Quem as botava no correio era o empregado. Quem lia as respostas era sua irmã.

Casou-se. Por procuração.

Ela continuou vivendo no México. Êle no Rio.

Arranjou um emprêgo. Funcionário público. Quem assinava o ponto por êle era um colega. Quem recebia por êle era outro colega. Mandava todo o dinheiro para a mulher.

Ingressou no cinema. Fêz um filme em Hollywood: «O cowboy cantor». Quem cantava por êle era outro; quem brigava era o «stand-in». Ganhou uma fortuna. Deixou tudo no Impôsto sôbre a Renda.

Ainda assim, ficou rico. Recebeu uma herança.

Montou uma indústria. Gastaram todo o seu dinheiro. Ficou na miséria. Quem sofreu foi sua mulher.

Um dia, cometeu um crime. Assaltou um banco, matou o guarda, aleijou uma mulher e uma criancinha. A polícia conseguiu prendê-lo, julgá-lo e condená-lo à cadeira elétrica.

Nem nisso foi atingido. Tinha um sósia.

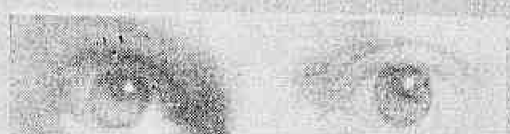
NÃO COMPREENDO...

... porque sempre que desmanchamos nosso último romance começamos a relembrar todos os anteriores.

Era o tipo da mulher que quando falava deixava o marido completamente sem saída de espécie alguma.



PONTOS DE VISTA



PROCURADOR é êsse sujeito que vive nos procurando para saber qual a atitude que pode tomar em nosso lugar.

●

SUICIDA é êsse sujeito que resolve tomar a última atitude.

●

BUZINA é isso que irrita o sujeito da frente quando o de trás está irritado.

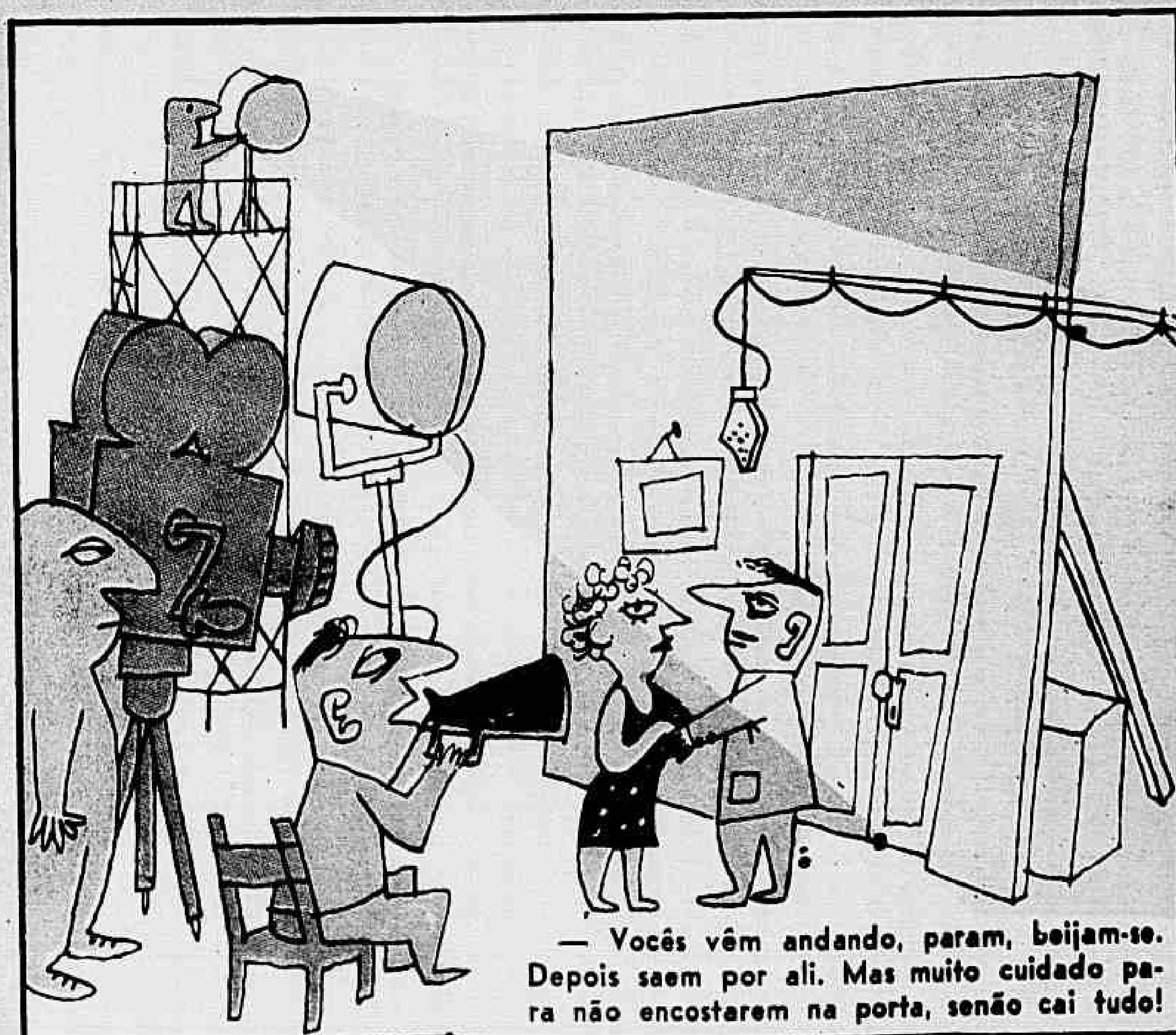


Ilustrado por PIQUÍ

QUE CARRO MARAVILHOSO, DÁ 160 QUILÔMETROS NAS LADEIRAS: 10 NA SUBIDA E 150 NA DESCIDA



COM A PRIMEIRA FÔLHA DE PARREIRA SURGIU O PRIMEIRO PROBLEMA DA MODA FEMININA: ONDE COLOCÁ-LA?



— Vocês vêm andando, param, beijam-se. Depois saem por ali. Mas muito cuidado para não encostarem na porta, senão cai tudo!

CINEMA BRASILEIRO

Reportagens sôbre os "astros" e "estrêlas" de Hollywood. Uma delas é extensiva ao vulto cuja fotografia é publicada nas capas. A outra, reporta-se à série "Os grandes vultos da atualidade e do passado"

Seções permanentes de interêsse público: "Segredos da tela"; "Cinema Brasileiro"; "Curiosidades e Close-Ups"; "Os melhores filmes de todos os tempos". "Quais os filmes que desejaria rever?"; "Ballet", Teatro, Música, Rádio, Discos, etc.

REAVIVANDO AS MAIS GRATAS EMOÇÕES DOS ENTUSIASTAS DE CINEMA, «A CENA» ESTA PUBLICANDO UM GRANDE RETROSPECTO, COM MUITAS FOTOGRAFIAS SÔBRE OS MELHORES FILMES DE TODOS OS TEMPOS. REDAÇÃO: MARANGUAPE, 15 — RIO. A VENDA EM TODOS OS JORNALEIROS DO BRASIL.